UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

CLÁUDIA DAMIÃO LOPES DE ALMEIDA SILVEIRA

**Edição do Manuscrito “Reminiscencias de Santos”,
do Século XX: Estudo Comparativo das Ocorrências
dos Pronomes Demonstrativos desse *Corpus* com
Ocorrências dos Séculos XVII, XVIII E XIX.**

v. 1

São Paulo
FFLCH-USP
2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

**Edição do Manuscrito “Reminiscencias de Santos”, do
Século XX: Estudo Comparativo das Ocorrências dos
Pronomes Demonstrativos desse *Corpus* com Ocorrências
dos Séculos XVII, XVIII E XIX.**

Cláudia Damião Lopes de Almeida Silveira

Tese apresentada à Universidade de
São Paulo, Faculdade de Filosofia
Letras e Ciências Humanas,
Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos, Programa de Pós-
Graduação em Filologia e Língua
Portuguesa, na Área de Concentração
de Filologia e Língua Portuguesa, para
a obtenção do título de Doutor em
Letras.

Orientador: Prof. Dr. Heitor Megale

v. 1

São Paulo
FFLCH-USP
2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu pai, amigo silencioso, de quem tenho muitas saudades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, particular e especialmente, ao Prof. Dr. Heitor Megale pela sua paciência, orientação sábia e segura e pela sua compreensão amiga durante todo o processo de elaboração desta tese.

Aos professores Mamede Mustafa Jarouche, Tereza Leal Gonçalves Pereira e Rosauta Maria Fagundes Poggio, pelas importantes e valiosas observações quando da qualificação.

À Igreja do Valongo e em especial à Ministra Ana Maria Rodrigues, que acreditaram neste trabalho e confiaram seus valiosos documentos de forma que se tornasse possível a consecução do mesmo.

Ao meu marido Mário Ricardo e meus filhos, Gabriel Augusto e Felipe Eduardo, pelo apoio e aceitação de minha ausência em muitos momentos de suas vidas.

Ao meu pai, que faleceu durante o período de elaboração da tese, à minha mãe, irmãos, cunhadas, cunhado e nora, que sempre me apoiaram.

À minha grande amiga e colaboradora Elza, que em muitos momentos esteve ao meu lado dando amparo e incentivo.

E por último, mas não menos importantes, aos estudiosos e pesquisadores que me precederam contribuindo, de forma muitas vezes anônima e abnegada, para a realização deste projeto.

"A maior perfeição deve parecer imperfeita, então ela será infinita em seu efeito; a maior abundância deve parecer vazia, então ela será inesgotável em seu efeito."

Tao Te King

RESUMO

Editar, respeitando as normas vigentes, o manuscrito “Reminiscências de Santos”, escrito por João Luis Promessa, e pertencente à Igreja Santo Antonio do Valongo, em Santos. Precede a edição, breve histórico do documento, da Igreja e do autor, João Luis Promessa, bem como a análise codicológica e paleográfica do manuscrito. Após a edição, faz-se a análise das ocorrências dos pronomes demonstrativos do texto editado, comparando-as aos dados coletados com o levantamento das ocorrências do pronome demonstrativo dos textos da dissertação de Mestrado “Edição de Textos Relativos à Defesa, Segurança e Fiscalização Portuária da Baixada Santista no Período Final do Século XVIII e Início do Século XIX” e do livro “Por Minha Letra e Sinal”. Faz parte, ainda, desta tese, um levantamento histórico da trajetória dos pronomes demonstrativos, do latim às orientações das atuais gramáticas prescritivas.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia. Edição. Codicologia. Pronomes Demonstrativos. Análise Comparativa.

ABSTRACT

Edit, respecting the standards, the manuscript "Reminiscent of Santos," written by João Luis Promise and belonging to the Church of Santo Antonio Valongo in Santos. Preceding edition, brief history of the document, the Church and the author, John Luis Promise and the codicology and palaeography analysis of the manuscript. After editing, it is the analysis of occurrences of demonstrative pronouns from the text edited, comparing them to data collected with the survey of occurrences of the demonstrative pronoun of the texts of the dissertation of Masters "Edition of Texts Concerning the Protection, Security and Surveillance of Baixada Santista Port in the end period of the eighteenth century and beginning of the nineteenth century" and the book "The Sign and My Letter". Part, even in this thesis, a survey of the historical trajectory of pronouns demonstrative, the Latin to the guidelines of current prescriptive grammars.

Key-words: Philology. Edition. Codicology. Demonstrative Pronouns. Comparative Analysis.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Vergaturas e pontusais	17
FIGURA 2 - Furos nos documentos.....	18
FIGURA 3 - Ferragem.....	18
FIGURA 4 - Quebraduras e orrosões.....	19
FIGURA 5 - Formação dos cadernos.....	19
FIGURA 6 - Capa.....	20
FIGURA 7 - Contracapa.....	20
FIGURA 8 - Etiqueta na Lombada.....	21
FIGURA 9 - Etiqueta no 1 fólio.....	21
FIGURA 10 - Exemplo da letra cursiva.....	21
FIGURA 11 - Observações marginais.....	22
FIGURA 12 - Sobrescrição ou arrependimento.....	23
FIGURA 13 - Sobrescrição ou arrependimento.....	23
FIGURA 14 - Capa.....	24
FIGURA 15 - Contracapa.....	25
FIGURA 16 - Carta de sentença.....	26
FIGURA 17 - Página 5.....	27
FIGURA 18 - Página 6.....	28
FIGURA 19 - Exemplo dos bifólios que compõem o manuscrito.....	29
FIGURA 20 - Ortograia da lingua portugueza / per Joam Franco Barretto.....	167
FIGURA 21 - Compendio de orthografia, com sufficientes catalogos, e novas regras composto pelo R. P. M. Fr. Luis do Monte Carmelo.....	168

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Ocorrências de pronomes demonstrativos nos três <i>Corpora</i>	181
GRÁFICO 2: Comparativo entre demonstrativos adjetivos e demonstrativos substantivos “Reminiscencias de Santos”.....	182
GRÁFICO 3: Comparativo entre demonstrativos adjetivos e demonstrativos substantivos <i>Corpus</i> Milicias.....	183
GRÁFICO 4: Gráficos 3 e 4, dispostos lado a lado, em ordem cronológica.....	184

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Demonstrativo de primeira pessoa.....	157
QUADRO 2 - Demonstrativo de segunda pessoa.....	158
QUADRO 3 - Demonstrativo de terceira pessoa.....	159
QUADRO 4 - Anafórico.....	160
QUADRO 5 - Pronomes reflexivos.....	160
QUADRO 6 - Pronomes de reforço.....	161
QUADRO 7 - Pronomes demonstrativos entre os séculos XVII, XVIII e XIX.....	165
QUADRO 8 - Uso atual dos pronomes demonstrativos.....	168
QUADRO 9 - Quadro de classssificação dos pronomes.....	174
QUADRO 10 - Ocorrências selecionadas nos três <i>corpora</i>	180
QUADRO 11 - Comparativo demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos “Reminiscencias de Santos”.....	182
QUADRO 12 - Comparativo demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos <i>Corpus</i> Milícias.....	183

SUMÁRIO

Volume 1

1 LISTA DE FIGURAS	10
2 LISTA DE GRÁFICOS	11
3 LISTA DE QUADROS	12
4 INTRODUÇÃO	13
5 NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS	15
6 ANÁLISE CODICOLÓGICA E PALEOGRÁFICA	17
7 HISTÓRICO DA OBRA.....	30
7.1 BIOGRAFIA DO AUTOR.....	31
7.2 HISTÓRICO DA IGREJA SANTO ANTONIO DO VALONGO	32
8 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA.....	34
9 APRESENTAÇÃO DOS <i>CORPORA</i> SECUNDÁRIOS.....	151
9.1 CARTAS DO SÉCULO XVII.....	151
9.2 CARTAS DO SÉCULO XVIII E XIX	152
10 DEFINIÇÃO DE PRONOME	153
11 EVOLUÇÃO DO PRONOME DEMONSTRATIVO LATINO	157
11.1 FORMAÇÃO LATINA	157
11.2 NATUREZA DÊITICA E FÓRICA DOS DEMONSTRATIVOS LATINOS	162
12 PRONOME DEMONSTRATIVO ENTRE OS SÉCULO XVII, XVIII E XIX.....	165
13 USO ATUAL DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS	169
14 ANÁLISE DOS DEMONSTRATIVOS	172
15 OCORRÊNCIAS SELECIONADAS DOS TRÊS <i>CORPORA</i>	180
16 COMPARATIVOS DOS DEMONSTRATIVOS	182
17 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
18 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	188

VOLUME 2

19 ANEXO 1 – IMAGENS DO MANUSCRITO	191
---	------------

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe a edição semidiplomática do manuscrito “Reminiscencias de Santos”, de João Luis Promessa. Esse livro é, provavelmente, uma cópia do original feita pelo próprio João Luis Promessa, quem, com base em documentos que existiam na Igreja Santo Antonio do Valongo, em Santos, relata a história da cidade de Santos e da própria igreja à qual era filiado e mestre de noviços. O manuscrito configura o *corpus* principal deste trabalho, que contará com a edição, análise codicológica e paleográfica do mesmo, além de um breve histórico do autor e da Igreja do Valongo.

Propõe-se, secundariamente, um estudo diacrônico dos pronomes demonstrativos sendo que, para tanto, serão utilizados dados coletados do *corpus* principal, o livro “Reminiscencias de Santos”, e de mais dois *corpora* já devidamente editados dentro as normas aceitas¹.

Para compor o rol de documentos dos *corpora* secundários, serão utilizados os documentos que compuseram a dissertação de Mestrado “Edição de textos relativos à defesa, segurança e fiscalização portuária da Baixada Santista no período final do século XVIII e início do século XIX.”, de Silveira (2004), num total de 36 documentos que cobriram o período de 1794 a 1832 e pertencem ao arquivo permanente da cidade de Santos; e a edição dos documentos publicados no livro “Por minha letra e sinal - Documentos do ouro do Século XVII” de Megale *et al* (2007), obra que possui como uma de suas propostas a de preservar o estado da língua portuguesa desses documentos, oferecendo, dessa maneira, um material sólido e confiável. Com estes

¹ A busca por gerar edições que atendam o melhor possível às necessidades de um público alvo específico, os lingüistas têm, em Cambraia (1999, p. 13-14), entre os filólogos, um defensor da busca por melhores edições, quando afirma que a realização de edição de textos é primordial, e a viabilização dos estudos diacrônicos da língua depende, principalmente, da realização de edições rigorosas e fidedignas, nas quais as características originais do texto sejam mantidas e as intervenções que se fizerem sejam, apenas, as necessárias para garantir a sua inteligibilidade. Esse tipo de edição resolve os principais problemas hoje enfrentados pelos pesquisadores, como o de localização dos textos, de conservação dos manuscritos e a exigência do conhecimento técnico necessário para a leitura desses manuscritos.

textos, será feito um levantamento das ocorrências do pronome demonstrativo entre documentos os séculos XVII a XX, e tais ocorrências serão comparadas entre si.

Far-se-á, ainda, a partir da definição do pronome demonstrativo, um breve estudo dos demonstrativos latinos, sua variação e conseqüente mudança na Língua Portuguesa, passando pelas prescrições de uso desses demonstrativos fornecidas pelos principais manuais de gramática dos séculos XVII, XVIII e XIX, e finalizando com a compilação das prescrições atuais e análise comparativa das orientações indicadas pelos principais gramáticos da atualidade. Em seguida, pretende-se analisar as ocorrências selecionadas nos três *corpora*, comparando-as entre si, estudando o caráter dêitico e fórico dos demonstrativos e comparando-os com as prescrições de uso indicadas.

Em anexo haverá um caderno com as imagens digitalizadas do manuscrito.

3 NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS

Adotam-se as Normas da equipe do Projeto “Para a História do Português Brasileiro” (MATTOS e SILVA, 2001), com exemplos transcritos do *corpus* editado neste trabalho:

1 - A transcrição será conservadora.

2 - As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo aos seguintes critérios:

- a) Respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “Saõ”, que leva a abreviatura: S. transcrita com o til sobre o “o”, por ser essa a opção do escriba por todo o manuscrito (folha 10).
- b) No caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual, como aparece no texto a ocorrência da palavra “Doutor”, que só ocorre abreviada: Dr. Ex.: “te o Doutor Venancio José Lisbôa” (Folha 8, linha 28).

3 - Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Ex.: “sumo, procurarei historial-os” (folha 10, linha 31).

4 - A pontuação original será rigorosamente mantida.

5 - A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração.

6 - Será respeitado o emprego de maiúsculas como se apresentam no original. No caso, de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não

será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

7 - Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Ex.: Como na folha 81, linha 28 que o escriba escreve “presendo”, e a nota de rodapé dá a leitura de “presente”.

8 - Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas margens superior, laterais ou inferiores entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplos: “em 1.543 na latitude aus_<1.543>”. Ex. (folha 6, linha 4).

9 - Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos. Ex.: “gosto de [[de]] 1603, chegava esse” (folha 24, linha 24).

11 - Intervenções do editor não de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida.

12 - Letra ou palavra não legível por deterioração justificam intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes: [ilegível]. Ex.: (folha 122, linha 9)

13 - A mudança de fólho receberá a marcação com o respectivo número na sequência de duas barras verticais: ||fl.01||, ||fl.02||, ||fl.03||.

14 - A transcrição será justa linear, e as imagens do manuscrito virão em caderno separado.

3 Análise codicológica e paleográfica

A presente análise é sucinta e vem atender às necessidades, bastante específicas, deste trabalho, com a descrição do suporte do manuscrito dando medidas e dimensões, da página e da mancha, da capa, contracapa, carta de sentença e dos dois primeiros *fólios*, com breve relato do tipo de encadernação, e principais observações paleográficas.

O Códice utiliza dois tipos de papéis, aparentemente industrializados, o que se pressupõe pelas dimensões e cortes regulares das bordas e pela mesma textura e grossura apresentadas pelos *fólios*, em que pese serem bem visíveis as vergaturas e os pontusais da maioria dos *fólios* (excetua-se a sentença do sensor eclesiástico, que é de textura, grossura e dimensões diferentes de todas as demais).

FIGURA 1 - Vergaturas e pontusais

O papel dos demais *fólios* apresenta pouca maleabilidade, o que deixa as páginas muito quebradiças.

Os *fólios* e cadernos vêm unidos por uma ferragem, o que se configura em um problema para o manuscrito, pois a ferragem deste aparato, que já gerou danos, acarretará, indubitavelmente, danos mais comprometedores, no futuro. A encadernação, portanto, demonstra ter sido executada de modo pouco especializado.

A coloração do documento (*fólios* internos e capa dura) é amarelada, quase castanha, com pequenos (mas, muitos) pontos de umidade bem visíveis, bem como já apresenta diversos furos causados por insetos..

FIGURA 2 - Furos nos documentos

FIGURA 3 - Ferragem

A tinta utilizada é a denominada “ferrogálica”, que possui esse nome pelo alto teor de sulfato de ferro em sua composição, e o resultado é o que se verifica nas folhas deste manuscrito: quebraduras na escrita e corrosão do papel nos locais onde se observa grande concentração de tinta.

FIGURA 4 - Quebraduras e corrosões

Como toda tinta ferrogálica, que inicialmente é preta, neste manuscrito ela adquiriu a tonalidade castanha, quase marrom, e apresenta variações de tom, indo do mais claro ao mais escuro dependendo da quantidade de tinta utilizada em cada palavra.

O manuscrito apresenta-se em bom estado, exceto pelo fólio da sentença, porém seu arquivamento e conservação são efetuados de forma amadora. O local onde é guardado é úmido demais, os responsáveis pelo arquivamento dos documentos não possuem qualificação técnica ou treinamento mínimo para o desempenho da função e tampouco conhecimentos de manutenção e restauro de documentação antiga.

FIGURA 5 - Formação dos cadernos

O códice é formado por 129 *fólios*, dos quais 121 são enumerados, sendo que somente 117 são escritos e desses, 112 são escritos em frente e verso, obedecendo a seguinte composição na montagem do manuscrito: inicialmente, há dois *bifólios* de

almaço, encadernados, numerados somente a partir da quinta página (à direita, em cima) a qual recebe o número “1”, aonde encontramos a página de apresentação do documento, similar à capa do mesmo, exceto pela preposição “por”, então encontrada (*Reminiscencias de Santos - 1543-1870 – por João Luis Promessa*) e pela grafia dos números “1” (de 1543) e “7” (de 1870). Esses dois *bifólios* compõem o primeiro *bínio* (livro cujos cadernos compõem-se por dois *bifólios*), sendo, portanto numerados apenas de 1 à 4.

FIGURA 6 - Capa

FIGURA 7 - Contracapa

Se segue um *fólio* de menores dimensões, de textura uniforme, no qual não é possível observar-se as vergaturas e as pontusais, que aparenta ser um papel de carta. Trata-se, esse *fólio*, da Sentença do sensor eclesiástico em face ao manuscrito e se encontra entre à 4ª e a 5ª página numerada. Esse *fólio* não apresenta numeração e seu verso está em branco.

A partir da página n.º5, todas as páginas, inclusive os versos, recebem numeração no canto superior direito, até a página 121 (índice do manuscrito). A página 122, embora ainda contenha texto referente ao índice mencionado, não mais apresenta numeração, bem como as duas páginas finais.

Após o *fólio* da Sentença, segue-se um *bifólio* de almaço, numerado de 5 a 8 e, posteriormente, temos mais um *bifólio* (pág. 9 à 12). A partir de então, temos um caderno de três *bifólios* (*terno*), numerado de 13 à 24 e cinco *quínios* (cadernos de 5 *bifólios*), com a seguinte numeração: 25 à 44 (1.º *quínio*); 45 à 64 (2.º *quínio*); 65 à 84

(3.º quínio); 85 à 104 (4.º quínio) e 105 à 124 (5.º quínio), sendo que, neste último, os três últimos *fólios* não estão numerados.

Dos *fólios* que apresentam apenas uma face contendo texto, temos a contra face absolutamente em branco, no *fólio* da Sentença e a páginas 120. As páginas 54, 88 e 100, não contém texto, mas estão riscadas de cima à baixo e na página 100, observamos escrito, à lápis, a palavra “anexos”.

A identificação desse manuscrito, no controle interno do arquivo, efetuada através de uma etiqueta adesiva com as seguintes informações: Hist. 1.384, Arm. 5, Prat. 4, está localizada na lombada do *códice* e na primeira página (não numerada), imediatamente posterior à capa.

Etiqueta na
lombada

Etiqueta
no 1.º fólio

FIGURA 8 - Etiqueta na Lombada

FIGURA 9 - Etiqueta no 1 fólio

A escrita no documento é cursiva, representada pela rapidez do traçado corrente de mão, as palavras possuem uma delimitação espacial bem definida e não há palavras escritas juntas ou palavras separadas em seu interior.

FIGURA 10 - Exemplo da letra cursiva

As letras são alongadas e seu *ductos* possui uma leve inclinação para a direita. Percebe-se apenas um punho em todo o manuscrito, numa escrita regular e bem elaborada. A translineação é feita com um traço horizontal embaixo da última letra da linha, respeitando os limites das sílabas a exceção destas ocorrências:

afirmar com segurança pelo fa
cto desse lugar ter sido doado sô (à folha 29, linhas 14 e 15)

terro, antes da edificação do a
ctual mosteiro. N'este mesmo (folha 29, linhas 30 e 31)

ceira o terreno doado por escri
ptura passada pelo Tabelliaõ (folha 69, linhas 25 e 26)

Há a inserção de observações e datas às margens do texto e alguns raros concertos efetuados pelo escriba, momento em que ele escreve por cima a letra correta, o que dificulta, um pouco, a leitura, processo conhecido como “arrependimento” ou “sobrescrição”, como se refere COSTA (2008, p. 89).

FIGURA 11 – Observações marginais

FIGURA 12 – Sobrescrição ou arrendimento

Sobrescrição
ou
arrendimento

FIGURA 13 - Sobrescrição ou arrendimento

Sobrescrição
ou
arrendimento

CAPA

FIGURA 14 - Capa

CAPA				
Encadernação	Folhas presas por grampos de ferro			
Material	Papel cartão maleável			
Dimensões	Cabeça/pé		Dorso / Goteira	
	1r		1r	
página	34,2 cm		23,4 cm	
mancha	23,7 cm		18,0 cm	
Margens	dorso/mancha	mancha/goteira	mancha/pé	Cabeça/mancha
	1r	1r	1r	1r
	Margem	5,0 cm	2,8 cm	7,5 cm
	Cor		Conservação	
papel	Amarelado escuro, quase castanho, mais escurecido nas extremidades.		Bom estado	
tinta	Marrom escura		Não quebradiça	

CONTRACAPA

FIGURA 15 - Contracapa

CONTRACAPA				
Encadernação	Bifólio escrito somente no 1r			
Material	Papel maleável – almaço industrializado			
Dimensões	Cabeça/pé		Dorso / Goteira	
	1r		1r	
página	33,0 cm		22,0 cm	
mancha	17,5 cm		15,0 cm	
Margens	dorso/mancha	mancha/goteira	mancha/pé	Cabeça/mancha
	1r	1r	1r	1r
	1,0 cm	4,0 cm	6,0 cm	9,5 cm
	Cor		Conservação	
papel	Amarelado escuro, quase castanho, sem escurecimento nas extremidades, mas com bastantes pontos de umidade		Bom estado	
tinta	Marrom escura, com excesso no título da obra		Não quebradiça e nítida	

CARTA DE SENTENÇA

FIGURA 16 - Carta de sentença

CARTA DE SENTENÇA				
Encadernação	Fólio único escrito somente no 1r			
Material	Papel de carta			
Dimensões	Cabeça/pé		Dorso / Goteira	
	1r		1r	
página	27,0 cm		21,0 cm	
mancha	15,0 cm		15,5 cm	
Margens	dorso/mancha	mancha/goteira	mancha/pé	Cabeça/mancha
	1r	1r	1r	1r
	4,5 cm	0,7 cm	10,5 cm	1,5 cm
	Cor		Conservação	
papel	Amarelado escuro, quase castanho, com escurecimento nas extremidades, principalmente a superior, e bastantes pontos de umidade e o papel está começando a rasgar no início da mancha até o dorso.		Mau conservado, péssimo estado, papel mais delicado e de pior qualidade que o almaço utilizado no manuscrito.	
tinta	Marrom escura, com excesso em algumas letras		Quebradiça	

PÁGINA 5 (imediatamente posterior ao verso da sentença do sensor)

FIGURA 17 - Página 5

PÁGINA 5				
Encadernação	1.ª página de um <i>bifólio</i> unido ao <i>Códice</i> por grampos de ferro			
Material	Papel almaço bifólio			
Dimensões	Cabeça/pé		Dorso / Goteira	
	1r		1r	
página	33,1 cm		22,1 cm	
mancha	24,3 cm		18,3 cm	
Margens	dorso/mancha	mancha/goteira	mancha/pé	Cabeça/mancha
	1r	1r	1r	1r
	2,8	0,2 cm	6,0 cm	3,1 cm
	Cor		Conservação	
papel	Amarelado escuro, quase castanho, com vergaturas e pontusais perceptíveis.		Razoável estado, apresentando várias quebraduras e corrosões na parte média direita da mesma	
tinta	Marrom escura		Quebradiça	

PÁGINA 6

FIGURA 18 - Página 6

PÁGINA 6				
Encadernação	2.ª página de um <i>bifólio</i> unido ao <i>Códice</i> por grampos de ferro			
Material	Papel almaço bifólio			
<i>Dimensões</i>	<i>Cabeça/pé</i>		<i>Dorso / Goteira</i>	
	<i>1r</i>		<i>1r</i>	
página	33,1 cm		22,1 cm	
mancha	29,7 cm		18,0 cm	
Margens	dorso/mancha	mancha/goteira	mancha/pé	Cabeça/mancha
	1r	1r	1r	1r
	margem	3,2 cm	1,6 cm	1,8 cm
	Cor		Conservação	
papel	Amarelado escuro, quase castanho, mais escurecido nas extremidades, com vergaturas e pontusais perceptíveis.		Razoável estado, apresentando várias quebraduras e corrosões na parte média esquerda da mesma	
tinta	Marrom escura		Quebradiça

FIGURA 19 - Exemplo dos bifólios que compõem o manuscrito

7 HISTÓRICO DA OBRA

O *Códice* estudado encontra-se no arquivo permanente da Igreja do Valongo, em Santos, em local úmido, e sob os cuidados de voluntários responsáveis pelo zelo, conservação e manuseio dos documentos, muitos deles, como uma Ata do Século XVII, não possuem as mínimas condições de leitura. Sabe-se que há alguns anos, um dos voluntários colocou documentos no *freezer* e os congelou, pois ouviu dizer que isso ajudava a conservá-los. Sob esses cuidados há, no arquivo, vários livros de Ata relativos às reuniões da irmandade, livros de batismo, registro de casamentos, entre outros, e os legíveis possuem datação mais antiga do início do século XIX.

O manuscrito parece ser uma cópia do original, que provavelmente seria um rascunho da compilação histórica dos documentos em mãos do escriba e pesquisados por ele. Foi impresso em 1930, com número de cópias extremamente limitado, havendo uma cópia do mesmo na sede da “Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil”, em São Paulo, e outra na biblioteca da Faculdade de Direito da USP, no Largo São Francisco. A própria Igreja do Valongo não possui cópia dessa impressão, a cópia do arquivo da “Fundação Arquivo e Memória de Santos” desapareceu há alguns anos.

Foi feito o cotejo do manuscrito com a cópia impressa e há algumas divergências entre os dois textos, como datas diferentes, palavras escritas de acordo com normas atuais, informações acrescentadas, que não havia no original e informações constantes no original que não aparecem na cópia impressa. O resultado desse Cotejo não pode ser incluído neste trabalho, mas será feito um artigo para publicação contendo todas as alterações.

O estado de língua do documento, segundo o próprio João Luis Promessa, era contemporâneo à época. Em outro documento manuscrito encontrado nos arquivos da Igreja, a transcrição do livro de termos – 1682 a 1715, feita pelo Mestre de Noviços, há uma observação, antes de iniciar o texto, que ele atualizaria a gramática segundo os mais rigorosos padrões da época. Da qual se presume, que o mesmo critério foi usado para todos os manuscritos dele, encontrados nesses arquivos.

Este manuscrito trata da história de Santos, desde a sua fundação, enumerando seus habitantes ilustres, descrevendo a sociedade da época e listando profissões existentes na cidade, e nomes das pessoas que ocupavam os principais cargos e funções. Em seguida ele relata a história da Igreja do Valongo desde a doação do terreno.

7.1 BIOGRAFIA DO AUTOR

O texto “Reminiscências de Santos” foi escrito por João Luis Promessa, mestre de noviços da Igreja do Valongo em Santos, sabe-se que ele ingressou na Ordem Franciscana no final do século XIX, e somente em Novembro de 1825 passou a ser filiado à Igreja do Valongo como consta da transcrição do livro manuscrito pertencente à Igreja de nome “Curiosidades Santistas”, que segue abaixo:

“Filiado á Venerável Ordem Terceira da Penitencia, de Santos, em primeiro de novembro de 1825.

Da acta desse dia, consta o seguinte: “Fôra acceito o pedido de filiação do *Senhor* João Luiz Promessa de accordo com o certificado da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitencia, da cidade de São Paulo, o qual adiante se transcreve: Certifico a pedido do *Senhor* João Luiz Promessa que do Livro V de Termos de Profissão dos Irmãos desta V.O. Terceira de São Francisco da Penitencia, a folhas 111, consta o termo seguinte: João Luiz Promessa = Ordem Marcello = Aos trinta de agosto de mil novecentos e três, na Igreja da S.S. Chagas de São Francisco, presentes os Irmãos em Congregação, eu abaixo assignado, Diretor admitti à profissão na Ordem Terceira da Penitencia de São Francisco o *Senhor* João Luiz Promessa que recebeu o habito no dia três do mez de Março do anno de mil novecentos e dois. Em fé desta, eu subscrevo (assignado) Frei Bernardino Capuchinho Carlso H. G. Kenupln (Kenupeln) = Mestre de noviços. E o que se canteceo o dito termo que para aqui bem e fielmente transcrevi a vista do original, no impedimento do Irmão Secretario, e assigno. São Paulo, 12 de Outubro de 1925. (assignado) João Baptista Parahiba Campos, Vice Ministro” Diploma – Seu Diploma que constata a verdade do termo supra transcripto, foi processado em 15 de fevereiro de 1934, e apresentado a Venerável Ordem Terceira da Penitencia de Santos, pelo mesmo Irmão João Luis Promessa, quando há mais de nove annos já o mesmo irmão estava em actividade na Fraternidade de Santos, já tendo sido vigário do culto e actualmente mestre de noviços, com quasi nove annos com cargo na mesa definitoria. Conserva o mesmo nome da profissão: Marcello.”

Foi feita pesquisa em todos os livros existentes na Igreja do Valongo, e na sede da “Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil”, em São Paulo, com o auxílio da Secretária da Província, Sra. Elizabete, e não foi possível localizar maiores informações sobre o autor desta obra. A Secretária informou que os homens poderiam entrar para a ordem a qualquer momento de sua vida, quando era escolhido um novo nome, e sua filiação anterior era totalmente desconsiderada. Provavelmente, foi o que ocorreu com o Sr. João Luiz Promessa.

7.2 HISTÓRICO DA IGREJA SANTO ANTONIO DO VALONGO

Fundada em 25 de janeiro de 1640, por Frei Manoel de Santa Maria, o Convento de Santo Antônio do Valongo da Ordem dos Franciscanos teve o início de sua construção em 1º de junho de 1641. No dia 20 de outubro do mesmo ano fundou-se a Ordem Terceira de São Francisco, que veio a ter influência marcante na permanência dos Franciscanos no local. Em 1689 foi construída a capela da Ordem Terceira com arco aberto para a capela conventual.

No Século XVIII, todo o conjunto arquitetônico destacou-se como um dos maiores e mais bonitos de toda a Província Franciscana no Brasil. Por sua localização e tamanho, o Convento de Santo Antônio do Valongo escreveu parte da história da Igreja e da cidade. Foi sob seu teto que o primeiro bispo de Santos, Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, organizou o princípio da Diocese de São Paulo, que abrangia toda a região Sul do Brasil. Também ali foi acolhido, por alguns dias, o Monsenhor João Mastai Ferretti, que a caminho do Chile ancorou no porto para reparos de sua nau. Anos mais tarde, Dom João foi eleito Papa, assumindo o nome de Pio IX (1846-1878), fato que está detalhadamente descrito no livro de João Luis Promessa.

No ano de 1859, uma série de contratempos acabou por inscrever o Convento de Santo Antônio do Valongo como local de milagres no imaginário popular. Sob a guardiania de Frei Miguel de Santa Rita, eleito em 1859, a residência franciscana foi

comprada pela Companhia São Paulo Railway. Era interesse do Barão de Mauá construir ali uma estação de trem da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. João Luis Promessa, em "Reminiscencias de Santos", conta que quando a "Inglesa" quis remover a imagem seiscentista de Santo Antônio para se apoderar da Igreja, não houve força humana capaz de fazê-lo. O fenômeno considerado como milagre obrigou os engenheiros a abandonarem seus projetos. Os fiéis reagiram ao atentado à imagem e munidos de paus, ferramentas e armas impediram a demolição do templo. Intervieram junto a D. Pedro II e por intercessão do Visconde de Embaré (Antônio Ferreira Júnior) a igreja foi salva.

De 1855 a 1906 funcionou, no Convento, a Escola de Meninas do Valongo, fundada por Mariana Amberguer e Maria Gertrudes Mayer. Mas foi somente em 1922 que os frades retornaram ao Valongo, quando frei Paulo Luig assumiu como guardião. Em agosto desse ano, a Arquidiocese de São Paulo criou a Paróquia de Santo Antônio do Valongo, abrangendo boa parte da cidade, do interior, da Ilha de Santo Amaro, atual Guarujá, e da Região de Cubatão. Em 1987, Dom David Picão, por decreto, transformou a Matriz do Valongo em Santuário.

4- Edição Simidiplomática justa linear.

Reminiscencias

de

Santos

1543-1870

Joaõ Luis Promessa

Reminiscencias

de

Santos

1543 – 1870

Por

Joaõ Luis Promessa

Sentença (Canon 1393, 54)¹

Li o trabalho “Reminiscencias de Santos” de auctoria do *Senhor* João Luis Promessa, cumprindo-me declarar que salvo melhor juiso nada ha nessa obra contra a fé cathólica ou contra os bons costumes. Não tratasse o auctor de alguns pontos que attingem a historia ecclesiasticâ e nem se faria mistér a censura prévia dos livros de que trata o *Titulo XXIII, Capitulo I* do Direito Canonico.

Nihil obstat.

Santos, 24 de Janeiro de 1930.

Padre Brito Franco
(Censor ad hoc)²

¹ Estas linhas estão na capa do manuscrito.

² Estes dizeres se encontram em uma folha menor, colocada no meio do 1º. Caderno de dois bifólios em branco, salvo por uma etiqueta no *recto* do 1º. Desses fólhos em que se lê “Hist. 1384 arm 5 prat. 44” e pelo título que se repete no *recto* do 3º. Fólho; “Reminiscencias de Santos 1543-1870 por João Luiz Promessa, após a capa do Ms”.

||Fl.5|| < Com aprovação ecclesiastica.

Santos, 29 –1 : 30

Dom José Maria, Bispo de Santos.>³

5

“A Villa de Santos he
uma das quatro prin
cipaes da Capitania
de Saõ Vicente, e dista
de Saõ Paulo 12 leguas.
Povoou-a Martim Affon
so de Sousa de muita
nobre gente que com
sigo levou de Portugal”

10

Assim diz Santa Maria no San
tuário Mariano, tomo X, livro II, tit. 12,
pag. 112.

15

Si o tempo é o grande
factor da destruição do passado,
e a avalanche do que se cha
ma progresso completa a obra
destruidora do tempo, uma cou
sa porem não se destroe: tudo o
que fica escripto!

20

Este é o motivo do pre
sente trabalho, para que os dois
factores citados não consigam
faser apagar o nobre passado
ainda e sempre glorioso desta
grande e hospitaleria Santos,
para o que ficam as “Reminis
cencias de Santos”

25

30

³ Estas três linhas foram escritas na margem superior do texto, ao punho do bispo de Santos que assina.

||Fl. 6|| Santos

Fundada por Braz Cu
bas, Loco Tenente do Donatario
em 1.543 na latitude aus<1.543>

5 tral de 23º, 36', 15 "e longe
tude de 331º 39' e 30" da Ilha
do Ferro, fica distante da Ca
pital 12 leguas.

Tem duas barras: uma
10 denominada Barra Grande, por
onde entram os navios de gran
de calado; e outra da Bertioiga
que da entrada somente
a pequenas embarcações.

15 O terreno em que esta si
tuada é baixo e humido. Dis
tante de Santos está a povoação
do Cubataõ que lhe foi an
nexada por Lei de 1º de Março
20 de 1841, e que communica-se
por terra pela Estrada de Ferro,
e por mar pelo rio do mesmo
nome, que traz as suas origens
da face maritima da serra
25 Paranapiacaba.

O rio das pedras de ci
ma, que corre atravez da serra,
e por esta se despenha, for
mando varias catadupas,
30 é o tributario mais septentrional;
a sua direcção mais geral,
depois que desenbaraça da

||fl.7|| serra, é de Oeste á Este e lança-se na extremidade Norte do lagoamar de Santos, por quatro boccas com o nome de Furados.

5 O rio Cubataõ é navegavel para embarcações de cinco a seis palmos, e mais na preamar, desde sua embocadura até a confluencia do Rio das
10 Pedras, meia legua acima da povoação.

Existe tambem o Furado do Saboó, que é um pequeno esteiro que communica
15 os municipios da Conceição de Itanhaem e São Vicente com o de Santos, e por elle são transportados os productos agricolas daquelle municipio para o mercado de Santos. A sua navegação e feita por canôas pequenas e restrictamente ás horas de preamar. A população de Santos ate 1870, era calculada
20 em 10.527 pessoas; tinha a cidade trinta ruas e possuia os edificios seguintes:

Cadeia

<até 1870> no logar onde hoje é a Praça
30 da Republica.

Quartel

<até 1870> no logar onde hoje é a Praça Telles.

[fl. 8] | Arsenal

no lugar onde hoje é a Praça
Baraão do Rio Branco.

Alfandega

- 5 no lugar onde hoje está a Re
cebidoria de Rendas do Estado, em<até 1650>
um edificio que foi Collegio de
São Miguel dos Padres da Com
panhia de Jesus.

10 Collegio de São Miguel

no lugar onde hoje está a Recebe
doria de Rendas do Estado, ser_ <Fundado 1550>
vindo de Alfandega durante mui
to tempo, ate construcção da Alfandega
15 Velha agora em demolição.

Nenhum historiador conseguiu precisar a data em que Santos foi elevada a cathegoria de
Villa, porem pelo que consta
20 de duas escripturas pelo Tabellião
Pedro Fernandes e assignada
por Braz Cubas, se deduz que
foi entre 14 de agosto de 1.546 <1.546>
a 3 de Janeiro de 1.547; sendo <1.547>

- 25 elevada a cathegoria de cidade
de em 1.836 por Lei Provincial
daquelle anno, sendo presidente o Doutor Venancio José Lisboa.

Diz a Lei :-

- 30 “Fica elevada a cathegoria
de cidade de Santos a Villa
do mesmo nome, Patria do Conselheiro José Bonifacio de Andrada

||fl. 9|| drada e Silva”

Era Santos o principal porto da provincia por onde se exportavam a maior parte

5 dos seus productos, e que ca
minhava a rapidos progressos
cujo futuro era já promettedor,
pelo seu desenvolvimento e
prosperidade.

10 Foi na cidade de
Santos que nasceram alguns
brasileiros illustres nas letras
como sejam: Alexandre Bar
tholomeu de Gusmaõ, os tres
15 irmãos Andradas, o Visconde
de São Leopoldo e outros tantos.

Nas suas praias apo
tou o primeiro colono portu
guez que veio plantar as
20 quinas no solo virgem da
America.

Foi Martim Affonso de
Souza o primeiro donatario da
Capitania da Provincia.

25 Possuia a cidade de
Santos as seguintes igrejas:

Matriz

padroeira, Nossa Senhora do Ro-
sario Aparecida.

30 Rosario

com a mesma invocação, e que
ainda existe, reformada quasi
completamente.

||fl. 10|| Jesus Maria José

Sagrada Familia, como o no
me indica.

Capellas

- 5 Nossa Senhora do Monte Serrate,
Ordem Terceira do Carmo,
que ainda é a mesma,
Graça,
Saõ Francisco de Paula, da
10 Santa Casa,
Saõ Francisco das Chagas
com claustro e novicia
do da Ordem Terceira
da Penitencia, que
15 ainda existe, e

Conventos

- Nossa Senhora do Carmo
Santo Antonio, que
hoje existe sómente
20 a igreja, pois o velho
convento foi demolid
do em 1.860.

- Fóra da cidade
as capellas de Santo Amaro
25 da Fortaleza da Barra, Saõ Joaõ
Baptista na Bertioga, Nossa *Senhora* da Neves,
no Sitio das Neves, antigo vinculo
da familia Cardozo de Menezes.

- Sobre os conventos, igres
30 jas e capellas, adiante, em re
sumo, procurarei historial—os
em base dos dados que conseg
ui, alguns documentados e

||fl. 11|| outros em uma publicação anô-
nima em 1870, e também baseado
na tradição, sendo que com re-
ferencia ao Convento de Santo Antô-

- 5 nio e Ordem Terceira da Peniten-
cia, serei mais prolixo em virtude
de ter em mão o velho arquivo da
Veneravel Ordem Terceira da Penitencia,
reorganizado com muito traba-
10 lho em 1.926.

Demarcação de limites
da cidade de Santos,
em 6 de Julho de 1.868.

- 15 Decreto Numero 4.126 de 28 de
Março de 1868, Artigo 2º
§º 2º .

Do riacho do Caldereiro, conhecido
pelo dos Soldados a ponta do
morro da Penha, fraldeando o
20 morro de uma extremidade a
outra até o mar, ficando
compreendido o Mosteiro de São
Bento, Santa Casa de Misericordia,
chacara de Dona Angelina Martins

- 25 Rodrigues e estabelecimento de
cortume de Henrique Porchat.
Foram demarcadores o Tenente
Coronel Candido Annunciado
Dias e Albuquerque, Major Francisco
30 Martins dos Santos e Capitão
Antonio Martins Fontes, servin-
do este ultimo de escrivão.

||fl. 12|| Pontes ou trapiches

Rua da Alfandega – Herança <Até 1870>

Ignacio Ant_o

nio Lisbôa.

5 Becco do Arsenal – Antonio Tiburcio

Rodrigues.

Onze de Junho – Joaõ Antonio Fer

nandes Gabizo.

Praia – Alixandre Geremias da Silva.

10 Consulado – Mesa Provincial – isen

ta.

Capella – C. Budick & C^a

Sal – Souza Queiroz & Vergueiro.

Estrada de Ferro – (inter muros) *Companhia*

15 Estrada de Ferro de

Santos

Banca – Lebre & Irmaõ e Fideles

Nepomuceno Prates.

Eram estes os pontões que ser

20 viam ate o anno de 1870 para

embarque e desembarque de mer

cadorias em toda a extensaõ da

praia. Muitos desses trapiches ain

da existiam ate ao inicio das

25 obras do porto levadas a effeitos

pela Companhia Docas de Santos.

Tendo em mira sem

pre assumpto exclusivamente local

direi em rapidas linhas algu

30 mas palavras sobre alguns homens

illustres filhos de Santos, para

depois externar-me mais quan

||fl. 13|| do me referir ás suas Igrejas e capellas e conventos da antiguidade.

Registro aqui apenas algumas datas sobre seus filhos illustres,

5 pois as biographias de cada um delles certamente já existirá e seria superfluo reproduzil-as aqui

José Bonifacio de Andrada e Silva

Nasceu em Santos em 13 de Junho de 1763.

10 Por engano alguns biographos dão o seu nascimento em 13 de Junho de 1.765, porem a isto se appoë a certidão de baptismo que attesta a veracidade da primeira data:

15

“No acto do baptismo celebrado em 18 de Junho de 1.763, pelo vigario Domingos Moreira da Silva, recebeu o nome de José Antonio, porem mais tarde substitui-o por Bonifacio.”

20

Faleceu em São Domingos, no Rio de Janeiro, aos 6 de Abril de 1.838, e sendo seu corpo embalsamado, por disposição testamentaria, foi transportado para o Convento do Carmo, em Santos, sua terra natal

30 onde descança.

Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Nasceu em Santos em 1775, sendo baptisado em 27 de Junho do di

||fl. 14|| to anno. Falleceu em Santos, em 23 de Fevereiro de 1844.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva. Nasceu em Santos

5 em 1º de novembro de 1773, e falleceu em 5 de Dezembro de 1.845.

José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de São Leopoldo). Nasceu em Santos a 9 de Maio de 1774, e falleceu em 6 de Julho de 1847, na cidade de Porto Alegre.

10 Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmaão. (o voador). Natural de Santos, falleceu em 19 de novembro de 1724 na sua Casa de Misericordia de Toledo - Hespanha. Foi o primeiro inventor dos balões aéreostaticos, e obtendo o privilegio por alvará de 19 de abril de 1709, fez a primeira experiencia de sua machina em Lisboa aos 8 de agosto do mesmo anno em presença de El Rei e fidalgos no Pateo da Casa da India.

25 Alexandre de Gusmaão. Nasceu em Santos em 1695 irmão mais moço do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmaão, cursou com elle as aulas dos jesuitas que passavam pelas mais bem regidas e severas da Colonia, estabelecidas no edificio que possuia em Santos a Companhia, o

||fl. 15|| qual dipois da expulsaõ dos
filhos de Santo Ignacio em 1.640,
servio de hospital do exercito
e onde foi a Alfandega, si
5 tuado no lugar onde hoje está
edificada a Recebedoria de Renu
das do Estado.

Naõ obstante os grandes
serviços que prestou em Roma
10 por espaço de 7 annos na di
plomacia, conseguiu o "desi
deratum" de El Rei Dom Joaõ V
comtudo este Rei Soberano naõ
consentio que elle acceitasse
15 a dignidade de Principe Rou
mano que lhe offerecera o
Papa Benedicto XIII, e naõ obsu
tante continuou a servil-o
com o mesmo zelo e dedicaçaõ.

20 Foi Alexandre de Gusmaõ
quem lembrou El Rei a creau
çaõ dos Bispados de Saõ Paulo,
Pará e Minas.

Em 1750, dipois da
25 morte de Dom Joaõ V em que de
caio da graça do novo Rei
Dom José 1º vivera tristemente. Cau
sou com uma donzela de
Traz os Montes e teve dois fi
30 lhos que os perdeu em um
incendio que lhe levou em
1.751 a casa e os bens que
possuia, embora poucos.

||fl. 16|| Não sobreviveu muito a estas
domesticas dores ainda que
exteriormente parecesse resis
til-as, fallecendo no dia 31 de
5 Dezembro de 1773, em Santos, di
go em Lisbôa e foi sepultado
na igreja dos Remedios dos
Carmelitas descalços.

Igreja Matriz

10 Até o anno de 1909, quan
do foi demolida a velha igreja,
passaram se 366 annos. No ini
cio em 1543 era São Vicente ca
beça da Capitania; eram pou
15 cos os moradores de Santos entã
freguezia de São Vicente e coinci
dindo a frequentar este porto
e tendo já povo bastante conce <1.543>
deu-lhe Sua Magestade facul
20 dade para se faser uma igreja
com o titulo de Misericordia em
a qual assistia um capellaõ
sujeito ao Vigario de São Vicente,
de licença do qual baptisava
25 e administrava os *Santissimos* Sacramentos,
e era o dito capellaõ Senhor da
Capella maior e nella governa
da pelos Irmaõs da Misericordia.

Tendo duvidas com elle os
30 ditos Irmaõs da Misericordia

||fl. 17|| sobre a Igreja, recorreram a Sua
 Majestade que resolveu que a di
 ta Igreja servisse de Matriz e
 que os Irmaãos da Misericordia
 5 alargassem e fizessem outra
 Igreja da Misericordia que com
 effeito assim o executaram e fa
 sendo a Igreja da Misericordia,
 trasendo para ella os orna-
 10 mentos e alfaias que lhes per
 tenciam, e que mandaram
 fazer outra igreja e assim
 ficaram divididas uma da
 outra. Este foi o principio
 15 que tiveram a igreja Matriz e
 os Irmaãos da Misericordia.

Tinha a Igreja Matriz sete
 altares a saber:

20 Altar Maior - Invocação de Nossa Senhora do
 Rosario dos brancos

Altar de São Miguel - Do lado do Evangelho,
 sendo tambem das
 Almas.

Confrarias e Irmandades

25 São Miguel, Almas, com compromisso
 com a obrigação
 de dizerem dez mis
 sas a cada dos
 irmaãos que falle
 30 ciam.

Nossa Senhora da Piedade - Do lado da Epistola,
 sem compromisso

||fl. 18|| e éra composta de
 militares da Praça
 com a obrigação de
 se dizerem cinco
 missas pela alma
 de cada irmão falecido, e alem desta
 obrigação tambem
 tinha obrigação de
 dizer uma missa
 semanal todas as
 sextas feiras pelos irmãos vivos e defuntos,
 assim tambem
 o Altar das Almas
 acima referido, ou
 para melhor dizer:
 a dita irmandade
 no Altar das Almas
 tinha a obrigação
 de mandar dizer todas as segundas
 feiras com procissão
 pelo adro da igreja,
 pelas Almas.

Existia ainda alem destes altares lateraes, no corpo da Igreja,
 na parte do Evangelho, a capella
do Santissimo Sacramento – Altar onde
 estava o sacramento da dita igreja. Tinha
 Confraria com

||fl. 19|| compromisso com a obrigação de
mandar dizer quarenta missas
a cada irmão que fallecia, e
alem desta obrigação, tinha mais

5 uma missa semanal que
se dizia na capella dos ir
maões vivos e defuntos, todas as
quintas feiras.

Em frente a referida

10 capella na parte da Epistola,
estava o altar da Irmandade
de de Nossa *Senhora* do Rosario, dos pretos
e no rectabulo do dito altar
tambem estava a Senhora do
15 Terço. Tinha Irmandade dos pré
tos, sem compromisso; serviam
a uma e outra Senhora, com a
obrigação de mandarem dizer
todos os domingos uma missa
20 pelos irmãos vivos e defuntos da
mesma irmandade.

Abaixo, da parte do Evan

gelho estava a Capella de Nossa *Senhora* do
Amparo; havendo tambem a Ir-
25 mandade dos homens pardos,
sem compromisso com a obriga
ção de mandarem dizer uma
missa semanal todos os
sabbados, o que se suspendeu
30 por causa de se dever ter o ren
dimento da irmandade para
creação da capella de frente
do qual estava o altar de

||fl. 20|| Nossa Senhora das Mercês com a aggregaçã da
dita Irmandade dos homens
pardos, os quaes tratavam e
paramentavam um e outro altar.

5 Possuia esta Igreja
Matris pia baptismal e em to
da a freguezia cinco capellas
filiaes a saber:

Saõ João da Bertioqa – Nossa Senhora da Apresenta

10 cãõ.

Nossa Senhora das Neves – Em Corumahy, no
sitio dos Neves, per-
tencente a família
Cardozo de Menezes

15 Saõ Sebastiaõ – No sitio de Joaõ Ba-
ptista Saes, junto
a Barra Grande.

Santo Amaro – Dentro da Fortaleza
da Barra Grande.

20 Possuía também dois Ora
torios no districto da freguezia:
um no sitio de Martinho de Oliveira
com a invocaçã de Santa Rita e
Santa Quiteria, e outro no sitio de

25 Francisco Vicente Ferreira, junto
ao rio Jurubatuba, com a in
vocaçã de São José.

Tudo o que acima fica
descripto consta do Livro da Paro-

30 chia, tomo 1º, aberto em 17 de Novem
bro de 1746 pelo Vigario da Vara
Francisco de Oliveira Leitaõ.

||fl. 21|| No mesmo livro *Numero 1*, da

Parochia, consta mais, a

benção do adro da Igreja

Matris, conforme se lê a

5 seguir:

Benção do adro

da Igreja Matris,

em 1º de Junho

de 1.754, sendo

10

Vigario Faustino

Xavier do Prado

“Ao primeiro dia do mez de

Junho de mil setecentos e cincoen

ta e quatro annos com facu

15

dade do *Excelentissimo* e *Reverendissimo* Senhor Bispo

Diocesano benzi na forma

que manda o Ritual Ro

mano o Adro desta Igreja

Matriz de todos os Santos e

20

lhe fiz assentar marcos de

pedra para sua divisa por

naõ haver noticias de estar

bento, antes entendesse que

provavelmente estará; e assim

25

para todo o tempo constar da

presente benção faço esta clareza

por ordem do mesmo *Excelentissimo* e *Reverendissimo*

Senhor Bispo, de minha letra

e signal. Santos, 1 de Junho

30

de 1754. O Vigario, Faustino

Xavier do Prado”

Para melhor esclareç

||fl. 22|| mento sobre a fundação da
Igreja Matris, vejamos o docu
mento mais antigo, o testa
mento de Pedro Cubas feito
5 em Santos aos 17 de Setembro
de 1628, consta ter sido a
primeira Casa de Misericórdia
desta cidade a Matriz onde
se enterrou Braz Cubas, tendo
10 a sua sepultura o seguinte
epitaphio:

“*Senhor* de Braz Cubas cavalei
ro Fidalgo da Casa
d’El Rei. Fundou es
15 ta villa sendo Capitaõ,
e Casa de Misericórdia
no anno de 1.543, des
cubrio ouro e metaes
em 60, fez Fortaleza
20 por mandado de El
Rei Dom Joaõ III. Falleceu
no anno de 1592”

Com esses dados alliáz suf
ficientes fica terminado o histo
25 rico da velha matris que desap
pareceu em 1909, e por esse resumo
se vê a origem que tiveram muitas
irmandades, confrarias, assim
como a origem da Santa Casa
30 de Misericórdia de Santos. Convem
notar, como adiante se verá, que nem
todas as irmandades mencionadas
tiveram fundação nos primeiros

||fl. 23|| tempos da Matris. Naõ. A maior
 parte dellas appareceram depois do
 anno de 1700 na mesma
 Igreja, como consta do Livro

- 5 da Parochia, que foi aberto em
 17 de Novembro de 1.746. A Matris, foi a terceira
 edificada no lugar. Vide historico da Santa Casa.

- Passamos agora a descrever
 ver a Capella de Nossa Senhora
 10 do Montesserate.

Nossa Senhora do Montesserate

- Pequena capella erecta na
 collina do mesmo morro, so
 branceiro a cidade sujeita
 15 ao Mosteiro de Saõ Bento, e restaura
 rada alguns annos apõs
 a sua edificaçaõ pela devo
 voçaõ dos fieis e por intermedio
 dio do entaõ Presidente do
 20 <1602>Mosteiro Frei Francisco das Dores
 res Maia. Diz uma publica
 caçaõ antiquissima:

- “A capella de Nossa *Senhora* do Monte
 Serrate sita a frente desta Villa
 25 la (Santos ainda éra Villa) no
 Outeiro da Vigia que mando
 dou tombar o *Excelentissimo* e
Reverendissimo *Senhor* Dom Bernardo Rodrigues
 drigues Nogueira, primeiro

||fl. 24|| Bispo de São Paulo.

Ainda com refren

cia a mesma capella

vejamos um documento

5 antigo, a forma como

ella passou para o domi

nio dos Monges de São Bento,

pois, antes era annexada

a velha matriz, de que

10 já nos referimos.

Antes, porem é bom

que se diga que essa velha

capella, foi edificada no

anno de 1602, conforme se

15 lê em Historia Seiscentista

de São Paulo de Affonso Taunay⁴,

tomo 1º, pagina 3. Esta dedu

ção e cabivel porque Dom Fran

cisco de Souza foi o 7º Govern

20 dor Geral do Brasil e foi elle

quem mandou construir essa

capella. Governou desde de 1591

ate 1602, tanto que, em 9 de a

gosto de [[de]] 1603, chegava esse

25 Governador do interior com sua

gente e acompanhou os m

neiros ao Montesserat, para

mostrar sua ultima obra,

conforme mesma Historia Seis

30 centista, de Taunay, tomo 1º, pa

gina 7.

Dom Fernando de Souza em 19 de maio de 1605 partio do

||fl. 25|| Brasil retornando á Europa

por Ordem Regia transmettida
 por intermedio de Diogo Botelho
 seu successor no Governo, con
 forme obra citada, pagina 7.

- 5 Regressou novamente em 1607
 e falleceu em 10 de Junho de 1611.

Em 1652, o Padre
 Provincial de Saõ Bento, Frei Ber
 nardo de Braga, endereçou ao
 10 Governador a petição seguin
 te:

“Ilustrissimo Senhor Diz o Padre Provin
 cial de Saõ Bento, Frei Bernardo
 de Braga que Dom Fran
 15 cisco de Souza sendo Gover
 nador deste Estado introdu
 zio nelle a devoção de Nossa
 Senhora do Montesserate
 na Bahia em Tapagipe
 20 fazendo uma capella que
 entregou ao Provincial de
 Saõ Bento para administrar
 como hoje administra nesta
 cidade do Rio, sendo a in
 25 vocação do Mosteiro Nossa Se
 nhora da Conceição o dito
 Senhor fez com que o Aba
 de e Religiosos a trocassem
 Nossa Senhora do Montesse
 30 rate, cuja imagem o
 dito Governador deu e
 na capella, digo, na Villa

⁴ **História Seiscentista** da Vila de São Paulo-vols. 1 e 2, de **AFFONSO DE E TAUNAY**, editora Typographia Ideal, publicado em 1926.

||fl. 26|| de São Paulo fez uma Ermida

com a invocação da mesma

Senhora, foi quem fez a er

mida e pôs a imagem

5 de Nossa Senhora do Montes

serate na Villa de Santos,

e dava aos Provinciaes de

São Bento, se na dita villa

assistissem, e porquê agora

10 tem a Ordem casa na Villa

de Santos, e podem servir á di

ta Senhora, pede a Vossa Se

nhoria Illustrissima lhe faça

a mercê como a servir e admi-

15 nistrar a capella de Nossa Senho

ra do Montesserate pertencente a

Religião do Patriarcha São Bento,

e assim lhe mande entregar

a administração da dita ca

20 pella, visto ser feita pelo Gover

nador do Estado, que lhe offe

recia, e estar lhe arruinada e

para cahir; e não tendo o Reverendíssimo

Padre Vigario de Santos algum

25 embargo á dita entrega, elle

supplicante a tome a dita ca

pella e imagem e receberá mer

cê”

Despacho

30

“Em todas as partes as Igrejas
de Nossa *Senhora* do Montesserate são
administradas pelos religiosos
de São Bento, e visto essa

||fl. 27|| Ermida de que faz men_
 çaõ não ter padroeira,
 mando que seja ad_
 ministrada pelos frades
 de Saõ Bento não tendo o
 Vigario de Santos a isso
 embargos. Rio de Janeiro
 quinze de abril de mil
 seiscentos e cinquenta e
 dois”.

A Posse

“A 27 de abril de 1655 o Re_
 verendo Padre Vigario Ouvidor
 da Vara Ecclesiastica, Fernaõ
 15 Rodrigues Cardova, Vigario
 da Matriz de Santos deu pos_
 se a Frei Bernardo de Braga,
 da Ermida de Nossa Senho-
 <1655> ra do Monte Serrat, sendo Frei
 20 Bernardo Provincial da Ordem
 do Patriarcha Saõ Bento, e dita
 Ermida situada no Outeiro
 da Vigia da Villa de Santos,
 desannexando-a da Matriz
 25 e unindo-a ao Mosteiro de
 Saõ Bento sob a invocação de
 Nossa Senhora do Desterro.
 Foram testemunhas Frei Ben_
 to da Victoria, Braz Lopes,
 30 Frei Agostinho de Jesus, Anto_
 nio Gonçalves, e era escrivão

||fl. 28|| do Juizo Ecclesiastico Amaro Rodri-
gues Sepulveda, por quem se a
cha lavrado o auto de posse. As
chaves da dita Ermida foram
5 entregues em seguida pelo di
to Provincial a Antonio Gonçal
ves que ficou sendo Ermitão
da Ermida”

Mosteiro de São Bento

10 O lugar onde está fun
dado este Mosteiro foi-lhe doa-
do em escriptura publica do
anno de 1650 por Bartholomeu
Fernandes Mouraõ, sua mulher
15 Izabel Barbosa, seu filho Anto
nio Fernandes Mouraõ e sua <1650>
mulher Maria Rabello.

Antes do actual Mosteiro,
foi edificada no lugar uma
20 capella de Nossa Senhora do Des
terro, depois demolida para a
edificação do Mosteiro em 1755.

N’esta capella foi abrigado
o Padre Pregador Frei Manoel
25 de Santa Maria, Custodio da
Provincia Franciscana em Por
tugal que veio fundar a
Provincia Franciscana no
Sul do Brasil, que adiante
30 se vae ler quando descrever

||fl. 29|| a historia do Convento de Santo Antonio. Esta capella já existia em 1639, muito antes da data da doação aos Monjes Benedictinos, como se deduz da fundação do Convento de Santo Antonio em 1634-1640, data essa que Frei Manoel de Santa Maria estava hospedado na capella do Desterro. Parece no entanto que os monges Benedictinos já residiam nessa capella, porem não se pode afirmar com segurança pelo facto desse logar ter sido doado somente em 1.650.

O actual Mosteiro de São Bento consta ter sido edificado no anno de 1755, sendo ainda hoje o mesmo desde a sua edificação, no entanto Frei Gaspar da Madre de Deus, em sua Historia da Capitania de São Vicente, na parte final quando conta a entrada das religioes no Brasil, e suas fundações, na pagina 372 da a data de 1650, para o mosteiro de Santos, logo os monges residiam de facto na capella do Desterro, antes da edificação do actual mosteiro. N'este mesmo mosteiro está sepultado o referido Frei Gaspar da Madre de Deus, o

||fl. 30|| nosso melhor historiador que
sem favor nenhum, effectivamente
é.

Jesus-Maria-José

5 A capella de Jesus-Maria-José,
estava localizada em frente ao en
taõ chamado “Porto do Bispo”, an
tiga rua da Praia, corresponde
te hoje em frente aos armazens
10 *numeros* 2 e 3 das Docas.

Já existia desde os primeiros
tempos da fundação de Santos, como
vemos na historia da Velha Matris
que se refere a mesma capella ou
15 igreja. Era sua proprietaria *Dona*
Anna Zeferina Vaz de Carvalhaes.

Pelas raras photographias que ain
da existem quando essa capella
já estava em ruinas, pode se co-
20 nhecer que teve seu tempo de gran-
de devoção á “Sagrada Familia, on-
de certamente éra muito con-
corrida pelos antepassados.

Santos tambem nesse tempo
25 se resumia em uma pequena
área de modos que essa capella
estava situada quasi no
centro da entaõ villa, como qua
si todas as igrejas e conventos
30 alguns ainda existentes.

||fl. 31|| A Companhia de Jesus

Foi incontestavelmente es

esta Ordem que mais tr

balhou no Brasil para a form

5 ção da nossa nacionalidade.

Com isto estão accordes todos os

historiadores no entanto, por d

versos factos occorridos na v

da desses bons filhos de Santo

10 Ignacio de Loyola, torna-se

algo difficil dados seguros s

bre datas, principalmente,

de diversos factos da sua histo

ria no Brasil, com o desap

15 parecimento de antigos documentos.

Quero referir-me apenas, na

parte local pois não é outro o

fito deste trabalho, isto é, no que

se refere a Santos exclusivamente.

20 Primeiramente ouçamos

o abalisado historiador Frei Gaspar

da Madre de Deus nas “Notas

dos annos em que se descobrio o

Brasil”, pagina 367:

25

“que os primeiros jesu

tas partiram de Lisbôa

em 10 de Fevereiro de

1549 !, chegando

á Bahia em fins de

março ou principio

de abril do mesmo

anno, com Thomé

30

||fl. 32|| de Souza, que ao todo
eram seis governava-
os o Padre Manoel da
Nobrega ! . . . e, mais
adiante segue-se:
. . . Até o anno de 1533!
estavam sujeitos á
Provincia de Portugal
e Nobrega os governava
subordinado com
o titulo de Vice Provincia
cial, etc. . . .”

5

10

Aqui nota-se uma confusão
de datas: Como em 1549 chegaram
15 á Bahia e em 1533, por conseguinte
muito antes, eram governados por No-
brega como Vice Provincial? e su-
jeitos a Provincia de Portugal? For-
cosamente trata-se de engano
20 de revisaõ e não podia ter sido
outro o motivo. Diz mais na
obra citada, pagina 367, que

25

“ . . . em 1553 Santo
Ignacio criou nova
Provincia indepen-
dente no Brasil”

30

Tendo sido o Collegio de
São Vicente o segundo fundado no
Brasil em 1549, aqui nota-se
outra confusão, pois segundo o
mesmo autor em 1549 chegara
ram á Bahia e logo diz que
o Collegio de São Vicente foi funda

||fl. 33|| dado nessa data e se-
guindo-se diz:

5

10

15

20

25

“Depois de funda
dos a cidade de
São Sebastião do Rio
de Janeiro, e nella
um collegio em
1567, extinguiu-o
Padre Ignacio
de Azevedo, Visita
dor Geral dos Je
suitas, o Colle
gio de São Vicente,
e por ser terra
muito pobre, e
as Religiões nellas
existentes, man
dou-os para o Rio
de Janeiro, conser
vando porem uma
casa que sua
Religiaõ tinha
na Villa de Santos
o qual ao depois
foi Collegio de
São Miguel...”

30

Logo-se pode concluir que o Col
legio de São Miguel, em Santos, foi
construido em 1650, por ter sido o de
<1550> São Vicente edificado em 1549
e segundo no Brasil, pois, quan
do foi extincto o de São Vicente
já existia a casa de Santos!

||fl. 34|| Collegio de São Miguel

Este collegio de que nos
occupamos na historia a Compa
nhia de Jesus, esteve no logar onde

- 5 hoje esta edificada a Recebedoria
de Rendas do Estado. Os jesuitas
residiam nelle ate o anno de
1640 e, pelo que se lê nas “Notas
em dos annos em que se descobrio < (+) pagina 369>
10 o Brasil” ⁽⁺⁾ de Frei Gaspar da Madre
de Deus, como segue:

“Pelos annos de 1611 ex
citaram-se grandes con
tendas entre os jesuitas
15 e portuguezes, moradores
nesta Capitania, e as
discordias originadas
da liberdade dos índios
que os Padres defendiam,
20 talvez com zelo excessivo
vieram produzir o se
guinte attentado:
Todas as Villas e suas
Camaras constituiram
25 procuradores, que assis
tissem a um Congres
so celebrado na capi
tal de São Vicente, onde
resolveram expulsar
30 os Padres de toda a
Capitania.”

||fl. 35|| A cidade de São Paulo exe
 cutou esse acordo em 13 de
 Junho de 1640, tendo feito
 o mesmo a de Santos. Fo-
 5 ram-se os jesuitas tendo de
 morado 13 annos o exterminio.

Depois destes aconteciç
 mentos, Sua Magestade o Rei
 em 1643 e 1647 ordenou
 10 que voltassem para seus coll
 legios, que foram a elles resg
 tituidos em 1653, mas não
 ficaram novamente em suas
 casas.

15 No Collegio de São Miguel
 em Santos estudou o grande dipl
 omata Alexandre de Gusmaõ,
 irmão do Padre Bartholomeu Louç
 renço de Gusmaõ. Esta é a histo-
 20 ria dos Jesuitas em Santos, onde
 tantos bons serviços prestaram a
 esta cidade, preparando seus
 filhos illustres que foram
 dignos da grande Patria o
 25 nosso Brasil.

Aseguir passo a refer
 ir me aos Carmelitas em Sanç
 tos, desde a sua origem na
 capella de Nossa Senhora
 30 da Graça, que tem sua hist
 toria ligada a[o]s frades de
 Nossa Senhora do Carmo.

||fl. 36|| Os Carmelitas - Capella de

Nossa *Senhora* da Graça

(Logar onde hoje é Rua José Ricardo esquina Rua do Commercio)

Os carmelitas em Santos

5 datam do anno 1589 e, foi nesta
capella a primeira residencia
dos frades de Nossa *Senhora* do Carmo. Veja
mos o documento historico:

Tendo José Adorno e sua

10 mulher Catharina Monteiro fei
to doação desta capella aos
Religiosos do Carmo em 24 de
[[de]] abril de 1589, com a pensão
de quatro missas resadas nas
15 festas do Nascimento, Purifica
ção, Annunciação e Assumpção,
é uma cantada com suas
vesperas no dia do Orago da
Igreja, tomou posse della o
20 Reverendissimo Frei Pedro Vianna em
1º de setembro do mesmo anno,
em presença do Administrador
Bartholomeu Simão Pereira, estan
do presente Braz Cubas.

25 A respeito da funda
ção desta capella encontrei
uma publicação do anno
de 1870, que diz ter sido
a mesma fundada em 1562
30 sendo Vigario Commissario o
mesmo Frei Pedro da Ordem 3ª
de Nossa *Senhora* do Carmo, e havendo

||fl. 37|| desaparecido o primeiro trasl
 lado de doaçaõ entregue
 á aquelle Commissario, o
 Reverendíssimo Frei Valentim Borges
 5 prestante a mesma Ordem,
 requereu segundo, que se lhe
 deu por terem os inglezes
 quando deram saque a esta
 Villa roubado o primeiro, senu
 10 do o novo traslado de doaçaõ
 confirmado por José Adorno
 na escriptura de 7 de Junho
 de 1603, quando Vigario Gen
 ral da Capitania desta ci
 15 dade, entã Villa, Jorge Rodrig
 ues.

Já estavam escriptas esta li
 nhas quando um amigo o
 Senhor Affonso Mattos me offere
 20 tou um “Discurso”, de Frei Maur
 ricio Lans, proferido na Igreja do
 Carmo actual, pela occasiaõ da
 inauguraçaõ das reformas int
 roduzidas no mesmo, em 31 de
 25 março de 1925, onde deparei na
 pagina 5, em que diz que Frei
 Pedro Vianna aportou á Santos
 em 1589; até aqui confere. Logo
 o documento em que me baseio,
 30 dá a fundação da capella
 em 1562, “sendo Vigario Comm
 missario o mesmo Frei Pedro”,
 vejamos que ha uma peque

||fl. 38|| na discordancia, mas pode-se mesmo suppor que houvesse duas pessoas com o mesmo nome, ou então engano de uma das partes ou mesmo erro de revisão o que é mais provável.

Frei Gaspar da Madre de Deus nas suas “Memorias para a Historia da Capitania de

São Vicente, fala, na pagina 202, em um ataque de ingleses piratas em 1592 na cidade, então cabeça da Capitania-São Vicente. É de supor-se que tivesse sido nessa mesma ocasião o ataque feito á Santos quando roubaram o documento, original, de doação da capella de Nossa Senhora da Graça!

Um outro ponto que precisa ficar bem claro é o seguinte:

Já vimos como foi feita a doação da capella da Graça, agora vejamos no “Discurso” de Frei Maurício Lans, já citado, e na pagina 5, apparece Braz Cubas fazendo doação dos chaões em que se achava a capella da graça, os quaes constavam de 44 x 107 braças etc.

Parece então que houve doação de cousa já doada? Pensamos que não. O que decerto houve foi doação de terrenos jun

||fl. 39|| to á capella para os frades cons-
truírem seu convento visto a di-
ta capella ser pequena para a
sua residencia.

5 Quanto a outra parte
onde eu disse que Frei Valentim
Borges requereu segundo traslado
de doação, pare ce que devia ser
ao mesmo concedido, no entan-
10 tanto Frei Mauricio Lans, obra citada,
diz, pagina 5 que essa confirma-
ção foi feita á Frei Antonio Car-
rasco, o que de facto, confere, pois,
pelo facto de um requerer, não quer
15 dizer que por motivos desconhecidos,
não fosse feita a outro da mesma
Ordem do Carmo.

Carmo de Santos

Estamos frente a frente
20 com um edificio, alliaz bem mais
novo que a capella da Graça, noentan-
to, não consegui um documento
que declarasse exactamente a e-
poca certa da sua construcção.

25 Recorri ao 'Discurso' já citado
de Frei Mauricio mas mesmo assim
não encontrei uma solução. Diz
elle na pagina 6, "... O convento tinha

em 1602 uma
extenção de

30

5 ||fl. 40|| 54 braças, que cus-
 taram á Ordem
 a quantia de
 Réis 62\$400 e pelo
 espaço de 10 an-
 nos, os frades
 ficaram resi-
 dindo na capel-
 la da Graça,
 10 mas dezejando
 dar maior ex-
 pansão a sua
 fundação, com-
 praram em 2 de
 15 dezembro de 1599,
 o terreno em que
 está o Convento
 actual”

Como vemos não ha referencias cer-
 20 tas sobre sua edificação. Se elles sahi-
 ram da capella da Graça em 1599 pa-
 ra onde foram? pois em 1602 é
 que as 54 braças custaram á Ordem
 62\$400 e, certamente nessa epocha
 25 não poderia estar concluido o Con-
 vento, alem do mais, o actual con-
 vento tem na frente, em cima da
 porta da Igreja a data 1.7.54!

Não receio em concluir que
 30 essa ultima data se refere a con-
 clusão do convento ou alguma
 grande reforma então feita
 nessa epocha.

||fl. 41|| Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo

Com referencia a historia

da veneravel Ordem não falam

os documentos antigos, porem

- 5 procurarei adiantar um tanto
na medida de meus recursos, em
dizer que ella é bem antiga em Santos.

Já no historico da capella

<da Graça> apparece Frei Pedro Vianna como

- 10 Commissario da Ordem Terceira, po
rem a duvida continua, por ser
sabido que a dita capella era de
proporções acanhadas para a residen
cia dos frades, como poderia abrigar
15 uma Ordem Terceira, mormente lo
go no começo da vida dos frades em
Santos? isto já em 1º de Junho
de 1589 apenas um mez e pouco
depois da doaçaõ, pois, achamos que
20 esta data não pode prevalecer.

Em um Compromisso da

Ordem Terceira de 1911, tem um termo

sobre o lançamento da pedra funda

mental da sua Igreja e diz o se

- 25 guinte:

“A 4 de Setembro de 1752, dia
de Santa Rosa de Viterbo, lan
çou se a pedra fundamen
tal da capella da Ordem
Terceira do Carmo, com a epi
graphe - Ad maiorem Dei
Gloriam - no anno

||fl. 42|| 2º do Pontificado de
 Benedicto XIV, levando
 a pedra o Prior da
 Ordem do Carmo
 Miguel das Aguias
 Cordeiro e o Irmaõ
 desta Ordem Manoel
 Jorge e o Ministro
 da Ordem de Saõ
 Francisco da Peni-
 tencia Joaõ José
 da Silva e o Irmaõ
 da mesma Ordem
 Sebastiaõ de Alvarenga
 ga”.

No mesmo Compromisso tem
 um termo de benção da capella
 em 8 de abril de 1.760, pelo Visi
 tador Frei Bento de Sant’Anna, sen
 do Prior da Ordem Antonio José
 de Carvalho, *etcoetera*.

Agora mediante o que já
 me referi sobre a Ordem Terceira
 do Carmo, posso garantir que ella
 é muito mais antiga de que
 a data da fundação da sua
 Capella. Isto porque:

No velho archivo da Ordem
 Terceira de Saõ Francisco da Penitencia
 consta o registro de uma pre
 catoria que esta Ordem enviou
 áquella no anno de 1709, por
 conseguinte, pode se tirar a

||fl. 43|| conclusão de que a Ordem
Terceira do Carmo Já existia
antes do anno de 1700.

E tudo o que conse

- 5 gui encontrar com referencia
a essa Veneravel Ordem.

Santa Casa de Misericordia

Fundação da Irmandade

A Irmandade da Santa

- 10 Casa de Misericordia de Santos,
a primeira fundada no Brasil,
e de toda a America do Sul,
foi fundada por Braz Cubas
no anno 1.543, e confirma
15 da em Almerim por Dom João
III aos 2 de Abril de 1551
concedendo-lhe todos os pri
vilegios dados por seu au
gusto pae El Rei Dom Manuel
20 às Misericordias do Reino de
Portugal.

O mesmo Braz Cubas com

- o adjutorio dos confrades
e habitantes do logar ed
25 ficaram uma igreja
com o titulo de Nossa Senhora da Mi
sericordia e junto a ella
um hospital com a de
nominação de “Santos”,

||fl. 44|| imitação de outras que em
Lisbôa tinham o mesmo nome.

Este nome que somente
era proprio do hospital se

5 communicou logo a povoa
ção principalmente a cha
mar-lhe “Porto de Santos”,
como se pode verificar nos
documentos antigos. Isto se
10 lê sobre sua fundação, no
Relatorio do Provedor da Irmanu
dade o *Doutor* Claudio Luiz da
Costa, em 22 de Junho de 1.857.

Frei Gaspar, nas suas

15 “Memorias para a Historia da
Capitania de Saõ Vicente” na
pagina 210, diz o seguinte:

20

25

30

“... Tambem se compreenh
dia na Freguezia de Saõ
Vicente, a cuja Parochia
nesse tempo estavam
sujeitos todos os fieis
d’esta Capitania; porem
da sua jurisdição se
eximiram os Santistas
primeiro do que os outros,
alcançando que a freu
guesia se dividisse em
duas e para isso consenu
tiram os Irmaõs da
Misericordia, que na
sua Igreja se exercitas
sem as funcções pa

||fl. 45|| “rochiaes, enquanto se não edificasse novo templo para a Matris, permissão de que muito se arrependeram
 5 pelo tempo adiante, porque nunca se fez outra Igreja, não obstante ordenar El Rei á requerimento dos Irmaãos, que os Vigarios desoc
 10 cupassem a Misericordia, e se construísse Igreja Parochial. O exito desta contenda foi levantarem os Irmaãos da Misericordia outra de
 15 novo no logar, onde hoje existe a Misericordia, e ficar a Matriz a que elles haviam feito, a qual não durou muito tempo, e a Matriz agora
 20 existente é terceira; porem ambas as subsequentes foram edificadas no proprio logar da Misericordia antiga.”

De ter sido a Matriz a
 25 terceira igreja feita no logar ha menção no Cartorio Fazenda Real de São Paulo, Registro de Sesmarias, *Numero* 1, livro, *numero* 1, titulo 1555 folhas 90.

De maneiras que a
 30 primitiva matriz foi construída pelos Irmaãos da Misericordia, e fazendo segunda igreja com seu hospital annexo.

||fl. 46|| Outeiro de Santa Catharina

Este outeiro foi no lugar

onde hoje faz esquina a Rua
Visconde do Rio Branco com

5 a Rua Constituição. Ainda
existe nesse lugar uma pe
dra grande em cima da qual
está edificada uma casa.

Ha nessa pedra uma

10 placa de bronze mandada
collocar pela Camara Muni
cipal [rasurado] em 1902, commemo
rativa a fundação de Santos
por Braz Cubas em 1543.

15 Foi, não ha duvida
este outeiro o berço da cidade
de Santos e, segundo Frei Gaspar
nas "Memorias", a povoação de
Santos teve origem em 1541,

20 isto se lê na pagina 212 em
diante. De formas que toman
do se officialmente a fundação
de Santos em 1543, precisamos

notar que por isso ja hovesse
25 população sufficiente, e foi o
que se deu, quando sua
origem no outeiro de Santa Ca
tharina. Assim sendo, era

mais logico datar a fundação
30 de Santos o anno de 1541,
isto é, dois annos antes.

||fl. 47|| Igreja de Nossa *Senhora* do Rosario

Com a precisaõ desejada

naõ se pode affirmar a data

da sua fundaçãõ; mas á

- 5 vista do provimento feito em 20
de agosto de 1.756 pelo Escrivaõ
da Villa da Praça de Santos Al-
berto José Gonçalves Bandeira,
de mando do *Doutor* Provedor de
10 Capellas Francisco Caetano de
Almeida Lobo, ao Thesoureiro Es-
crivaõ da Irmandade de Nossa
Senhora do Rosario que entãõ
accumulava ambos os cargos
15 Miguel da Costa, ordenava
que lançasse no livro de cre-
dito a quantia de 100\$000 ap-
plicados para dote da igreja
visto naõ os dar na despeza.

- 20 Em 1.757 já estava em
construcçaõ a igreja como se
deprehende da conta apresen-
tada pelo Thesoureiro e Escrivaõ
Domingos Pereira Viegas onde
25 gastou a quantia de 107\$230;
porem naõ funcçionava acto
algum; tanto é que os irmãos
da Irmandade eram sepul-
tados na Igreja Matriz, en-
30 contrando-se na conta apre-
sentada em 1759 por Domin

||fl. 48|| gos Pereira Viegas o pagamento
de 1\$600 em concertos nas se
pulturas daquela Igreja Ma
triz. Em 1652 já achava se creada,
5 a vista da seguinte declara
ção feita pelo *Doutor* Provedor de
Capellas João Vieira de Andrade
em um livro pelo mesmo rubri
cado a 11 de Janeiro de 1750,
10 do theor seguinte:

“Tem esta Irmandade nove
livros, inclusive este, é o
primeiro que teve, princi
piou a ter uso em 1º de Ou
15 tubro de 1.652; cujos dados
se conservam e com especia
lidade o primeiro, pois, nel
le a *folhas* 38 se declara
haver provimento do Ord
20 nario pelo qual mandou
dar o dinheiro da Irman
dade a juros de oito por
cento donde escrevi - Andrade”

Possuia a Irmandade em
25 1756 duas e meia braças de
terra compradas ao Coronel Jo
sé Ribeiro de Andrade, que é o ter
reno em que existe edificada
a Igreja mandando o *Doutor*
30 Almeida Lobo em mesmo pro
vimento acima citado que fos
se aforado á pessoa segura
a 800 reis por anno; bem

||fl. 49|| como se vendesse o escravo
de nome Francisco no pra
zo de 24 horas, o que não
cumpriram, tendo custado
5 a quantia de 110\$800.

Em 1870, em uma pu
blicaçã dessa epoca, dizia
que a Irmandade possuia
quatro apolices da Divida

10 Publica.

É este o que se sabe da
Igreja e da Irmandade de Nossa
Senhora do Rosario, no lugar onde
ainda se encontra hoje Praça
15 Ruy Barbosa, recentemente refor
mada na sua frente, man
tendo-se ainda o estylo colo
nial.

Passo agora, na medida
20 do possivel, a dar um resumo
historico das antigas fortalezas
de Santos, que taõ bons serviços
prestaram na defeza da popu
laçã, quer por parte de ataques
25 de indios ou de parte de extran
geiros audazes que pretendiam
conquistar a terra de Santa Cruz,
nos primeiros tempos da colo
nisaçã portugueza no Brazil,
30 por Martim Affonso de Souza e
Braz Cubas, na parte de Santos.

||fl. 50|| Fortaleza da Bertioga e Outras

Nas suas “Memorias” á pagina

125 - Contraversia - dis Frei

Gaspar da Madre de Deus, que

5 foi levantada por Martim Af
fonso de Souza – Fortaleza
de São Felippe - e como tivesse
sido atacada pelos indios Ta
moyos, edificou a de Santiago

10 na margem septentrional
da Barra do mesmo nome, e
o Capitão Mór Jorge Ferreira
reedificou a de São Felippe em
1757.

15 Tendo sido Martin Affon-
so o Donatario da Capitania de
São Vicente, como menciona o
Diccionario Historico Geographico e
Ethnographico, na pagina 770, onde
20 lê-se que as Capitancias foram creadas
em 1534, é claro que Martim Af
fonso, quando menos, tivesse dado
inicio á construcção das fortalezas em
1535.

25 Quanto ao Forte Augusto conhe
cido por “Crasto” fronteira a Fortaleza
da Barra Grande, e tambem o
Forte do Itapema, não resta a me
nor duvida que foram todos cons
30 truidos por Braz Cubas, até o na
no de 1560, conform se deprehen
de do epitaphio de seu tumulo.

||fl. 51|| Quanto ao Forte do Itapema,
diz uma escriptura passada
em Santos, em 23 de Outubro de
1573, que foi Commandante

- 5 vitalicio o Capitão João Teixeira
de Carvalho, por ter sido a mesma
edificada em terras suas.

Somente muitos annos depois

- e que foi nomeado o primeiro Coman
10 mando Militar em Santos. Foi nom
meado o General José Olinto de Carv
valho e Silva, em 18 de Outubro
de 1829, conforme livro existente
em 1870 na Secretaria do Commando,
15 tendo um termo da creação desse
Commando datado de 1º de
Junho de 1846. O primeiro coman
mandante servio até 7 de feverei-
ro de 1863 quando falleceu.

- 20 Diz a tradiçãõ que na
Bertioga houve uma Praça com
o nome de “Armação das Balsas”,
cujos vestigios desapareceram compl
pletamente.

- 25 Antes de começar a segund
da parte deste trabalho, passarei
a referir-me tambem a outras
distinctas Irmandades e Confr
arias de Santos, herança tamb
30 bem de nossos antepassados, a
medida do que consegui a respeito.

||fl. 52|| Archiconfraria de Nossa Senhora da
Bôa Morte

A data exacta da
fundação da archiconfraria,
5 não ha documentos que se refi
ra, porem em um “Discurso” de
Frei Mauricio Lans, proferido em 31 de
março de 1925 por occasião da
inauguração das reformas no
10 Convento do Carmo, dis o estima
do sacerdote:

“Tambem tem sua Sé
ha seculos já na nos
sa igreja, a Archicon
15 fraria de Nossa Senhora
da Bôa Morte; pois, pos
suíamos no archivo do
Convento, documentos
sobre a dita Archicon
fraria, datado do 1793.

20 O mesmo Frei Mauricio Lans, na obra
citada, tambem se refre a
respeitavel

Irmandade do Senhor Bom Jesus
25 dos Passos.

“... Mais antiga
ainda é a Sé, que
tem em nosso Con
vento a Irmandade
do Senhor Bom Jesus
dos Passos, erecta em
1760”

||fl. 53|| Tambem, em algumas linhas fa
ço apreciações com referencia a

Irmandade de São Benedicto

Ha [[ha]] um documento

5 que se refira a origem desta ir
mandade, pois, em seu poder,
apenas tem de mais antigo, um
livro de registro de irmão, tendo
os assentamentos mais antigos
10 as datas de 1862 - 1864 - 1865.

Sabemos que esta irman
dade appareceu na velha Matriz
que foi demolida e de lá se
transportou em 1909 para a Igreja
15 de Santo Antonio, onde esteve muito
tempo e, depois para attender con
certos que se tornaram necessarios
nessa Igreja, essa Irmandade foi
abrigada pela Ordem Terceira da
20 Penitencia em dependencia da
referida Ordem, onde ainda se
encontra, ate que consiga novo
abrigo, ou mesmo faser sua ca
pella, como é vontade dos irmão
25 do glorioso São Benedicto.

Naõ resta a menor duvida
que é uma das Irmandades mais
novas por naõ ser mencionada
no historico da antiga Matriz,
30 que havia somente, e naõ devemos
confundir, a Irmandade dos ho
mens pardos, que naõ é a mesma.

⁵||fl. 55|| Segunda parte

Convento de Santo Antonio

desapparecido em 1860

Igreja do mesmo Convento

5 edificada em 1.640

De todas as antiguidades

de Santos, que ainda se conserva

de pé e a igreja de Santo Antonio.

Para a historia da igreja

10 e do seu extincto convento, recor_

ri ao velho archivo da Venerável

Ordem Terceira de Saõ Francisco

da Penitencia, onde colhi dados

preciosos com referencia ao mesmo

15 convento e igreja, assim como de

outras antiguidades santistas.

O fim principal deste

historico é para que não desap-

pareça por completo, todo esse

20 trabalho dos nossos antepassa_

dos, que não medindo esfor_

ços e com os maiores sacrifi[cios]

conseguiram elevar esta b[em]

dita cidade a grande [a]

25 tura no conceito do Brasil

⁵ O fólio 54 encontra-se em branco e com risco de alto a baixo para evidenciar a anulação da página.

||fl. 56|| e do estrangeiro. Haõ de
muitos notar em referir-me
na maior parte deste trabalho

5 ás igrejas etc., com seus com
ventos, mas, haõ de convir, quer
queiram quer naõ, que foi com
a dedicaçaõ da igreja que
tudo se fez no Brazil nos
primeiros tempos da nossa na
10 cionalidade, tomando como
ponto mais importante a ins
trucçaõ primaria e secundaria.

Dito isto de passagem,
prossequirei.

15 Computando os velhos
papeis já todos estragados pelo
tempo, quasi treis seculos,
quero fazer conhecer o que
naõ deve ficar desconhecido,
20 descrevendo a historia do Conu
vento de Santo Antonio e de sua
Igreja, perpetuando deste modo
a sua memoria.

O Convento de Santo An
25 tonio e respectiva Igreja foi fun
dado pelos Religiosos da Ordem
Franciscana, pela piedade e
zelo dos habitantes de Santos
entaõ Villa e Praça de Santos, per
30 tencente a Capitania de Saõ
[Vi]cente, que com suas esmolas
contribuiram para a sua edi
ficação, como fizeram tam

||fl. 57|| posteriormente em 1860, que pa
 ra não desaparecer a Igreja
 do Convento, ajudaram a
 Ordem Terceira da Penitencia
 5 em tudo o que fosse possível
 para que a Igreja não tivesse a
 mesma sorte do Convento, isto
 é, o seu desaparecimento, para
 dar lugar a Estrada de Ferro e,
 10 como adiante se verá, a igreja
 continuou e continua de pé.

O velho Convento de Santo
 Antonio demolido em 1860, esta
 va edificado no lugar onde
 15 está actualmente a Estação
 da Estrada de Ferro, tendo si
 do desapropriado nessa epocha.

O Convento não existe
 mais, porem a velha Igreja, com
 20 tinua desafiando a acção do
 tempo, passando as vezes, por re
 paros e limpezas, e ostenta al
 tivamente na sua fachada
 trez vezes sucular[secular] a data 1.640.

25 Historiamos pois, es
 sa herança dos antepassados.

O Padre pregador Frei Ma
 noel de Santa Maria, Custodio
 da Provincia de Portugal, al
 30 cançando do Capitão Gene
 ral do Brasil Dom Fernandes

||fl. 58|| Mascarenhas, Conde da Torre,

licença, veio para a então Villa

de Santos trazendo para Prela

do local o Padre Pregador Frei

5 Pedro de São Paulo, natural da

da cidade da Bahia com

mais alguns companheiros,

os quaes recolheram-se na ca

pella de Nossa Senhora do Desterro, que e

10 xistia no lugar onde hoje es

tá o Mosteiro de São Bento.

Doação

O terreno em que foi edifi

cado o Convento de Santo Antonio

15 e a Igreja dos Religiosos de São

Francisco, convento que em 1860 foi

Desa[pro]priado como atraz citei, sendo

na occasião da desa[pro]priação Pro

vincial Frei Antonio do Coração

20 de Maria Almeida, foi doado

em 22 de março de 1640 ao Cu<1640>

todio de Santo Antonio Frei Mano

el de Santa Maria, por Dona Felippa

Pereira de Souza, em escriptura pas

25 sada pelo Tabellião Vicente Pires da

Motta.

Desta data em diante

os religiosos fizeram uma mora

dia provisoria passando-se da

30 capella do Desterro com o fim

de darem começo ás obras

||fl. 59|| do Convento de Santo Antonio. Es
se recolhimento provisorio ficava
bem proximo a agua do mar
na Praia do Vallongo.

5 Inicio da Construcção

Em 13 de Junho de 1640 de
ram inicio as obras e a 1º de Ju
lho do mesmo anno lançaram
a primeira pedra, celebrando
10 no lugar uma missa, onde
hoje é o Altar Mór o Padre Frei
Manoel de Santa Maria.

O historico deste velho conven
to tem muita relação com a Vene
15 ravel Ordem Terceira de Saõ Fran
cisco da Penitencia, como na
sua historia se vae completar.

Aviso do Imperio

O Aviso do Imperio, de 3 de Ou
20 tubro de 1860, libertou a Igreja
de passar pela sorte do Convento
por ter sido desnecessario, a vista
do accordo do Excelentissimo Presiden
te da Provincia Doutor Polycarpo Lo
25 pes de Leaõ e do Excelentissimo Fiscal
Doutor Ignacio Wallace da Gama
Cochrane, mandando o

||fl.60|| Governo de sua Majestade Imperial por “Aviso” de 17 de Novembro de 1861 que a Igreja fosse entregue á Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, ficando as imagens e seus adornos.

O Sino grande da Igreja

Este sino que ainda está no campanario tem tambem sua historia:

“Vindo no navio “Luzitania” da cidade do Porto, permaneceu muito tempo embargado na Alfandega por não terem os Religiosos a quantidade necessaria para o pagamento do frete e mais despesas, até que José Correia dos Santos fez esmola de toda a quantia e a 28 de Julho de 1829 foi collocado no campanario”

(Publicação do “Diario de Santos”- Annanak 1870)

Ainda com referencia ao mesmo convento, transcrevemos os dizeres de uma placa commemorativa que existe na Igreja de Santo Antonio relativa a um facto historico: -

||fl. 61|| “Em 1823 o Padre João Maria Mastai Ferrette, de pois Papa com o nome de PIO IX, de passagem para o Chile em missaõ Apostolica, morou alguns dias neste convento, sendo Santos o primeiro porto da America do Sul visitado pelo unico Pontifice que veio ao novo mundo”.

Sobre a collocaçaõ dessa placa

acresce ainda que os dizeres da
 15 mesma foi ditado pelo Papa Pio X, ao Embaixador Brasileiro Doutor Bruno Chaves junto a Santa Sé na occasiaõ em que se achava em Roma Commendador João Manoel
 20 Alfaia Rodrigues, que tinha ido <1905> a cidade eterna, naõ só para tratar de interesses da Ordem Terceira como representar a mesma nas festas do jubileu 50º anniversario
 25 da plocamaçaõ do Dogma da Immaculada Conceiçaõ, sendo a unica Ordem Terceira do Brasil que esteve representada nessa occasiaõ, tendo sido o Senhor Com
 30 mendador Alfaia recebido p[e]lo Sumo Pontifice Pio X por intermed[i]o entaõ Ministro Doutor Bruno Chaves, como consta do archivo da Ordem.

||fl. 62|| Sepultamentos
na Igreja de Santo
Antonio

No arquivo da Ordem Terceira

5 da Penitencia, livro respectivo, com
termo de abertura em 8 de Janeiro de
1826, por Manoel Jeronymo de Oli
veira - Ministro:

Assentamentos

10 Depois de uma quantidade de en
terramento de menores, filhos de
irmãos da Ordem Terceira, segue-se:
Dona Carolina de Carvalho, falecida

15 em 19 de
Janeiro de
1829 - Lado
do Evange
lho.

20 Numero 7 - José Martins Vianna – falecido
em 11 de
agosto de
1834 - Lado
do Evangelho

25 Numero 8 - Anna S. de Castro - falecida em
18 de novembro
de 1.830, e

30 Maria ... Victoria, falecida em
26 de maio de
1835 - Lado do
Evangelho.

||fl.64|| deixando a
 quantia de
 100\$000 de es-
 mola para a
 Ordem Terceira.

5

Numero 16 - Candido do Rosario, fallecido
 em 1º de nove
 bro de 1826 e

Manoel Joaquim Gomes de Miranda, falle

10

cido
 em 25
 de maio
 de 1830.

Numero 18 - Manoel Marques

15

da Fonseca, fallecido em 2 de
 maio de 1829.

Maria Angelica, fallecida em 20
 de agosto de 1843.

Bernardo José de Almeida, fallecido em

20

5 de setembro
 de 1845.

Numero 20 - Manoel Joaõ Dias Guimaraes, falle
 cido em 15 de
 setembro de 1829.

25

Francisco ... , fallecido em 22 de
 maio de 1848.

Numero 21 - Domingos Gonçalves Pereira, falle
 cido em 28 de março
 de 1826.

30

Felix ... fallecido em 14 de mar
 ço de 1850.

Numero 23 - Manoel Lopes dos Santos, falle
 cido em 23 de setem
 bro de 1828.

||Fl. 65|| Jose Bernardo Mazagaõ, fallecido em
8 de outubro
de 1.832.

5 José Narcizo, fallecido em 18 de novembr
bro de 1849.

10 *Numero 25* - Joaõ da Silva Oliveira, fallecido
em 3 de
maio de
1833, Ir-
maõ Terce
ceiro da
Ordem em
Saõ Paulo.

15 *Numero 26* - José Gomes, Irmaõ da Ordem
em Saõ Paulo, falleci-
do em 10 de Julho
de 1.829.

20 Escolastica Maria, fallecida em 21
de Setembro de
1838.

25 *Numero 27* - Gonçalo Caetano, Irmaõ da
Ordem em Saõ
Paulo, fallecido
em 25 de Janeiro
de 1830.

30 *Numero 28* - Manoel Alves Pinheiro, fallecido
em 20 de
Outubro
de 1.828.

Capitaõ Joaquim Rosa, noviço, da Ordem
em Saõ Paulo, fallecido
em ... , deixando
uma esmola de 25\$600

||fl.66|| *Numero B* - Da parte do Evangelho,
 Maria de Siqueira, falecida
 em 13 de de
 zembro de
 5 1.833.

Os escravos

Quasi todos os conventos pos
 suiam seus escravos que eram doa
 ções que se faziam para os serviços
 10 da casa e, neste sentido tem no
 archivo da Ordem Terceira da Penitencia,
 pacote *Numero 32*, um livro que e o
Inventario do Convento
em 1.853

15 No termo de abertura diz que
 esse inventario foi feito por Ordem
 Ministro Provinvial Frei Francisco de
 São Diogo, por ter o antigo livro se per
 dido num naufragio que sofreu
 20 o Padre Guardiaõ de Santos. Na pagina
 3 - verso diz:
 Benedicto, pardo, Foi para a Côrte por
 ordem do Reverendissimo ... aos 21 de
 Dezembro de 1854.

25 Benedicto - creoulo. Existe só este creoulo.
 Diogo - Africano, de naçaõ. Foi vendido
 já não encontrei.

Mais abaixo no mesmo livro tem

||fl.67|| o seguinte historico:

5 “O escravo Benedicto que
aqui se menciona se
vendeu aos Abreu & Ban
deira tendo sido feita
esta venda com a
previa licença do Reverendissimo
Padre Provincial Frei Antonio
do Coração de Maria Al
10 meida, pela carta que di
rigio-me em 26 de Outubro
de 1855. Salvo erro.
E tendo ficado o convento
esonerado do dito escravo
15 fiz este Termo que assigno.
Convento de Santo Antonio em
1º de Fevereiro de 1856 - Frei
Manoel de Santa Izabel Alves
Brandaõ.”

20 Tradição
Dizem que, não havendo em Santos
agua encanada, o maior serviços desses
escravos, eram o transporte de agua da
bica do morro de São Bento para o Convento
25 de Santo Antonio. Outro serviço que fa
ziam era a limpeza do Convento e
da Igreja, e não eram mal tratados,
pois cumpriam a risca com a devo
ção que tinham e estimavam
30 muitos os Religiosos Franciscanos.

||fl.68|| Ordem Terceira de São Francisco
da Penitencia

Apreciação em geral

Foi esta Veneravel Ordem

- 5 Fundada pelo seu Seraphico Pae
São Francisco de Assis, em 1221 e
foi approvada sua Regra pela
Bula “Viva vocis Oraculo” até
que o *Soberano* Pontifice Nicolau IV a 17
10 de Agosto de 1288, novamente a
approvou. Esta Regra foi refor
mada por Leão XIII na sua
Constituição “Misericors Dei Filius”
em 30 de maio de 1883.

- 15 A respeito desta Ordem
se manifestaram concedendo-lhes
graças e privilegios 41 Soberanos
Pontifices; como demonstração de
seu paternal affecto passou a
20 Bula “Paterna Sedis Apostolicae”
em 10 de Dezembro de 1725 o *Santo*
Padre Benedicto XIII de feliz me
moria, que confirmou nesta
Bula todas as graças e pri
25 vilegios aos filhos desta Vene
ravel Ordem.

- Da mesma forma tem
- sido approvada por trez Conci
lios Geraes a saber: O Vienense
30 no tempo de Clemente V; o

||fl.69|| Lateranense de Leão X e o Tridentino.

A Ordem Terceira em Santos

Começou a funcionar

- 5 em 20 de Outubro de 1.641, sendo o seu primeiro Ministro o Irmao Manoel da Silva Vasconcellos, praticando seus exercicios espirituales em um Capitulo
- 10 dos Religiosos da mesma Ordem até o anno de 1689 que teve começo a edificação da sua Capella. O Capitulo era na bem dicta Sachristia do Convento
- 15 de Santo Antonio, conhecido por muitos habitantes do lugar, durante a Guardiania do Reverendissimo Frei Luiz de Santo Ambrozio; celebrando-se missa ás sextas feiras o
- 20 Reverendissimo Commissario Visitador, excepto a recepção de habito e profissão que eram feitos na Capella Mór da Igreja.

Possuindo a Ordem Ter

- 25 ceira o terreno doado por escritura passada pelo Tabelliao Manoel José da Silva em 24 de Novembro de 1691 no Definitorio do Ministro José dos Santos

||fl.70|| Luz e igualmente tendo licença dos Prelados Maiores; devido ao zelo e avultada esmola do Ministro João Cardozo de Oliveira em

- 5 1689, collocaram a pedra fundamental, sendo Provincial da Custodia da Immaculada Conceição - Frei Eusebio da Espectação, primeiro eleito no Capitulo
- 10 que celebrou-se em 1.677 no Rio de Janeiro, estando separado da Provincia da Bahia desde 22 de Janeiro de 1677 pelo Breve o Santo Padre Clemente X, de 15 de Julho
- 15 de 1675, que começa:
“Pastoralis Officiae” em que foi elevada á cathegoria de Provincia”

- O Padre Mestre Frei Agostinho da Conceição e o Provincial
- 20 benzeram e celebraram missa solemne em 24 de Março de 1.691, sendo Ministro Gaspar Rodrigues Vieira (ou Vianna).

- 25 Tem ainda o primitivo altar, obra ricamente entalhada onde não se sabe o que melhor apreciar, se o gosto que presidiu a confecção ou se a
- 30 passiencia do artista que o executou, destacando no alto do rectabulo de armas da Ordem.
- Tem por Padroeira Nossa Senhora da Conceição,

||fl.71|| tambem sua imagem existe no
 nicho principal do altar, tendo
 do lado do Evangelho em ni-
 chos separados as imagens de

- 5 Santa Izabel Rainha da Hung
 guia e do lado Saõ Domingos e
 Santa Rosa de Viterbo.

- O throno do mesmo alt
 tar representa o Monte Alverne,
 10 tendo sido collocado em 14 de
 junho de 1741, quando se comm
 memorou o primeiro centenario
 da Ordem Terceira em Santos, a imag
 gem do Senhor Crucificado, a qual
 15 tem á seus pés o Seraphico Patriarh
 cha recebendo a impressaõ das
 chagas sagradas de Nosso Senhor.

O que foi esta Capella

- As paredes lateraes eram form
 20 radas de azulejos mandados vir
 de Lisbõa em 1.726 e collocados por
 ordem do Ministro Pedro da Silva
 Corrêa, representando, do lado esq
 uerdo:

- 25 O Patriarcha Saõ Francisco
 em um carro guiado
 por anjos, precedidos
 dos santos filhos da
 Ordem Terceira.

- 30 Do lado direito:
 Symbolisava a Imaculada

||fl.72||Coracção de Maria

em um carro trium-
phal seguido procicio
nalmente os Santos
Doutores da Igreja,
estando o hierarcha
Luthero esmagado
por uma das rodas,
e Calvino atado ao
carro.

5

10

O Tecto

Era dividido em 24 quadros repre
sendo algumas passagens da vida
do Santo Patriarcha, obra de gosto,
a qual em 1868, foi substituída
por um desses tectos communs.

15

A Sachristia

Era regular, tendo pintado no tecto
os martyrios da Paixão do Senhor,
e éra digno de apreço um painel
representando o triumpho de Jesus
Christo.

20

Fica assim descripto o
que foi a grandiosidade em arte
a capella da Ordem Terceira ate o
anno de 1868. Os ladrilhos artis
ticos, já muito estragados em sem pos
sibilidade de restauração desappa

25

||fl.73|| receram depois do anno de 1900.

Da grandeza do passado
no tocante a capella ainda
se conserva, apenas, o altar; o
5 mais foi tudo reformado, sem
o que não poderia resistir qua
si treis seculos de existencia.

Em continuação, vejamos a
documentação historica, tirada
10 do archivo da Ordem Terceira, tudo
com referencia ao velho convento
de Santo Antonio, desapropriado em
1860.

Acquisição do Convento

15 Quando a Companhia de Estra
da de Ferro, de Santos à Jundiahy,
apropriou-se do convento, lê se
na acta de 25 de abril de 1860
seguinte:

20 "O Irmaõ Ministro de
clarou que a presente sessaõ tinha
por fim faser sciente á Ordem que
a elle se apresentou Joaõ Hayden,
emissario do Baraõ de Mauá e que
25 declarou-se encarregado de saber
quanto a Ordem Terceira preten-
dia afim de ser desapropriada
a sua capella e mais depenu
dencias de sua propriedade pa
30 ra a Estação da Estrada de Ferro
que seria onde está o Convento, que

||fl.74|| se projectava fundar nesta cidade,
abrangendo tambem a Ordem
Terceira e passava (O Ministro) a
ler um discurso analogo a materia
5 a tratar, como de facto fez, com
sublime eloquencia.

O Irmaõ procurador propoz
que o dito discurso fosse man
10 dado imprimir nas folhas pu
blicas. O mesmo irmaõ propoz que
fosse tambem inserido na acta
Foi aprovado.

Estando em discussaõ
a materia o Irmaõ Ministro res
15 pondeu que o encarregado
de tratar com elle sobre a des
apropriação dos bens da Ordem
declarou-lhe que relativa
mente ao Convento de Santo An
20 tonio já estava arranjado com
os frades no Rio de Janeiro, por
que, já estava vendido! e a
meza portanto deliberasse o
que entender conveniente.

25 Fallavam diversos irmaõs
sobre a materia, e depois de bem
discutida, resoveram por una
nimidade de votos, que o Irmaõ
Ministro respondesse ao agente
30 da desapropriação dos bens
da Ordem, que a Capella e
mais dependencias, naõ entrou
em negociação alguma a

||fl.75|| respeito.

O Irmaõ Ministro ponde
rou á vista da lei respectiva,
deviam as plantas para taes

- 5 Estradas serem approvadas
por Direito, que até áquella
data não constava e, nessa
duvida propunha que se
levasse uma representação
10 ao Governo assignada pela
Ordem e por todos que quizessem
fazer pedindo a conservação
da Igreja do Convento e de to-
das as dependencias de pro-
15 priedade da Ordem Terceira.
Foi aprovado.

O Irmaõ Ministro nomeou
membro da redacção da allu
dida representação o Irmaõ pro
20 curador Joaõ Feliciano da Sil
veira Anjos.

- O Irmaõ procurador pon
derou que julgava conveniente
que alem da mencionada re
25 presentação a Meza nomeasse
uma commissão para, parti-
cularmente, tratar com o chefe
da Companhia da Estrada
de Ferro, pedindo a remoção
30 da Estação para outro lugar,
que não fosse necessario tocar
na Igreja do Convento e
na Ordem Terceira. Approvado

||fl.76|| O Irmaõ Cesar propoz que
se officiasse ao Reverendissimo Padre Mi-

nistro Provincial no Rio de

Janeiro extranhando que
5 tenha elle deliberado a ven-
da do Convento e sua Igreja,
sem ter communicado á Or-
dem Terceira, que gozava na
Igreja de Santo Antonio de certos
10 indultos e por onde se servia.

Depois dos factos menciona-
dos, passo a transcrever o referi-
do discurso, que effectivamente,
foi pronunciado com sublime
15 eloquencia, assignado pelo
Irmaõ Ministro dessa época
Francisco Martins dos Santos.

O Discurso-protesto

"... Convidando-os para a
20 presente reuniaõ fui compellido
á este doloroso dever por motivo
urgente e de interesse vital para
a nossa Ordem e submetendo
a vossa consideração, que
25 apóz a necessaria discussaõ
e maduro exame, resol-
vereis com a prudencia precisa
para que possamos cumprir
a missaõ que nos foi con-
30 fiada quando adoptamos
por symbolo o cordaõ do Sera

||fl.77|| phico Padre Saõ Francisco.

Meus Irmaõs!

O desgosto e indigna

ção de que me acho pos-

5 suido, me fazem talvez exor

bitar de minhas attribuições

como indigno Ministro des

ta Veneravel Ordem, me im

pellem á algumas reflexões

10 em desabafo! Desculpáe-me

pois!

Quando os nossos maio

res, que cuidavam mais da

alma e da virtude, que de

15 cifras com numeros, e onero

sos sacrificios, procuraram e con

seguiram fundar este Templo,

naõ anteviam certamente

que viria um seculo que

20 pouco modesto, e no desvario

da torrente em que se afoga,

apelidar-se o seculo das luzes,

o qual ac⁶errimo sectario do ge

nio destruidor, se empenha

25 naõ só em lançar um com

pleto olvido a tantos e taõ bel

los padrões de gloria, como des

truil-os desde seus alicerces, e

profanando-os com impuro

30 contacto e applicação!

Custa acreditar em

tantas e taõ rapidas degenerações de costumes!

⁶ Teria sido escrito algo antes, mas é nítida a letra "c" por cima.

||fl.78|| É bem doloroso sentir-se o
 desprezo em que são votados os
 mais santos dogmas da reli-
 gião de Christo! Mas a reali-
 5 dade existe e desgraçada-
 mente a decepção apparece
 e fallam mais altos os interess
 ses pessoases que as nossas crenças!

A Empreza da Estrada
 10 de Ferro desta Provincia quer
 chamar a si por compra ou
 desapropriação a nossa capella
 e seu edificio e d'est'arte conu
 verter taõ augusto e secular mon
 15 numento em ostentosos armazens,
 e quiçá, em luxuriosos botequins
 e mil outras futilidades!

Que a Empreza que po-
 deria ser só grandiosa e util,
 20 tornar-se vil instrumento de prou
 fanação extreando a sua obra
 por um semi-sacrilegio, approvau
 do pela ingratidaõ dos poucos
 frades Franciscanos que não imiu
 25 tam os Jaboatoës, São Carlos, Galu
 voës e Monte Alverne!!!

Entaõ teremos que assistir
 o revolver-se as cinzas venerandas
 dos nossos avós para sobre elles
 30 depor os carris da via ferrea!

Teremos de ver os fragmen-
 tos sagrados do nosso Templo
 calcados pelo tacaõ da industria

||fl.79|| apadrinhada sob o nome
de civilização e progresso - em
menoscabo da Santa Religião
que professamos e do Império
5 de Santa Cruz!...

Nós, meus irmãos, fracos,
tendo de lutar na arêna com
poderosos atletas; em lucta tão
desigual, é certa a nossa der
10 rota. Embora! ~~que para que por~~
demais é bella gloriosa e prefe
rivel! e provará a humanidade
corrompida e abalada que
a virtude quanto mais rara
15 mais brilho ostenta, e que os fi
lhos de São Francisco em Santos, fieis
ao seu preceito de honrar e con
servar seu templo e não de
mercadejar e aviltar, não pac
20 tuaraõ com seus adversarios,
e não esquecerãõ os votos de
adhesão, respeito e culto, que ju
raram tributar-lhe e se con
servam firmes no posto de hon
25 ra que lhes cumpre guardar!

Pleiteemos, palmo a palmo,
e armados da arma legal
da petição appellemos para os
poderes supremos do Estado
30 e confiemos pouco na justiça
dos homens e muito na prote
ção de Nossa Mãe Santissima
e Poderosa!

||fl.80|| Só no derradeiro transe entaõ,
 curvemos a serviz, com a
 convicção e socego do justo
 como ultimo protesto de victi
 5 mas sacrificadas em holocausto,
 to, no altar corrupto do seculo!

Francisco Martins dos Santos."

Defendendo assim a Igre
 ja de Santo Antonio e tambem
 10 as suas propriedades, a Ordem
 Terceira vio coroada de exito a sua
 lucta, pois consta mesmo do archivo
 que os operarios da Estrada de Ferro
 por determinação dos seus superiores
 15 já estavam tentando tirar do altar
 a imagem de Santo, depois de
 terem demolido uma parte da
 parede lateral da sacristia, amea
 çando a segurança da torre.
 20 Sobre esta tentativa de de
 molição da Igreja, vejamos as occur
 rencias que se deram:

Facto Curioso

Quando estavam tentando
 25 retirar a imagem de Santo Antonio
 do Altar-Mór notavam os operarios
 que não havia força humana
 que conseguisse e, depois de tan
 tos esforços terminaram desistin
 30 do, levando ao conhecimento dos
 chefes, que observando o mesmo
 facto em nova tentativa, termina

||fl.81|| desistindo, e dando-se nessa
 occasião a conversão de uma
 Senhora ingleza que era protes-
 tante, pedindo depos para
 5 faser parte da Ordem Terceira,
 o que não conseguiu por ter
 a mesma Senhora se retirado de
 Santos para Jundiahy.

Esta noticia correu
 10 logo pela cidade e não demorou
 muito em rebentar

Um levante do povo

Aglomerando-se muita
 gente no logar do phenomeno,
 15 todos protestavam em altos brados
 contra a pretensão do pessoal
 da Estrada, chegando mesmo a haver

Um grande conflicto.

Nesse conflicto o povo sahio
 20 vencido em toda a linha, tendo
 ficado no logar a imagem de
 Santo Antonio e não mais os
 operarios da Estrada tocaram
 na Igreja. Eis a razão porque,
 25 diz a tradição, tem <o> Santo ao lado
 direito em descanso, uma

Bengala

que foi presendo⁷ do Visconde de Emba-
 bare, como symbolo da repulsa
 30 aos que quizeram tiral-o do Altar.

⁷ Onde se lê presendo, leia-se presente, conforme intervenção do autor.

||fl.82|| Depois desta occorrencias,
 não demorou muito o "Aviso do
 Inperio" entregando a Igreja de
 Santo Antonio á Ordem Terceira,
 5 escapando da demolição depois
 da derrubada do convento.

Theor do aviso:

"Número 513 - Imperio - Aviso de 7 de No
 vembro de 1861, 6ª Secção - Rio
 10 de Janeiro - Ministerio do Im
 perio 7 de Novembro de 1861.

Foi ouvida a secção dos
 Negocios do Imperio do Conselho
 de Estado sobre o requerimento
 15 em que a Irmandade da
 Ordem Terceira da Penitencia da
 cidade de Santos, pede ao Go-
 verno Imperial que lhe seja
 entregue a Igreja do Convento
 20 de Santo Antonio pertencente
 a essa Corporação naquella cida
 de e bem assim os moveis, pa
 ramentos e alfayas, imagens exis
 tentes na mesma Igreja.

25 Sua Majestade o Impe
 rador conformando-se por
 immediata resolução de 26
 de Outubro proximo findo com
 o parecer da referida secção e
 30 xarada em consulta de 8 do
 dito mez.

Ha por bem mandar

||fl.83|| authorisar a Vossa Reverendissima confiar

a mencionada Irmandade

taõ somente a adminis-

tração da Igreja e Imagens

- 5 que nella se acham com os
competentes adornos de prata,
excluindo porem os paramentos
e alfayas necessarios a outros
conventos, etc..."

- 10 Este officio e identico
ao que foi enviado ao Provincial,
e a Ordem Terceira tomando pos
se da Igreja, a recebeu sob inventa
rio do que existia no Templo, em
15 11 de Junho de 1871, data do In
ventario, que foi assignado por toda
a Meza Definitoria, depois reconhe
cidas as firmas pelo Tabelliaõ Jooa
quim Fernandes Pacheco em 12 do
20 mesmo mez. Assignava em primei
ro logar o Padre Luiz Alves, como syn
dico do Convento e Commissario
da Ordem nesse tempo.

- Devido ao mau estado
25 em que já se achava a Igreja,
a Ordem Terceira precisava faser
obras na mesma, por muito
tempo durou esse reparos, para evi
tar a sua ruina completa.

- 30 Requereu ao Juiz Prove
dor de Capellas, para executar
taes obras, com condição de ser

||fl.84|| indemnizada pela Ordem Primeira.

Esse requerimento teve despacho favorável em 21 de Outubro de 1863, assignado Pinheiro e Prado.

- 5 Por muito tempo ainda, a
Ordem terceira na medida de
suas forças, ia sustentando a
Igreja, reparando o mais necessário para que o templo pudesse resistir, chegando mesmo
10 a substituir as thesours do telhado por outras novas, fazendo
também o ladrilho de toda a Igreja que era assoalhada, e tudo esburacado e podre, cujas formigas,
15 em grande quantidade, não deixavam os fieis em socego. (Pacote Número 8)

Altar de Nossa Senhora das Dores

- Este altar foi construido pela
20 Ordem Terceira em 1873 (Pacote Número 8) collocando nelle a respectiva imagem
que ainda se conserva, sendo uma das mais perfeitas.

- Assim foi o passado da Ordem
25 Terceira em luctas constantes para a conservação da Igreja, agora antes de entrarmos na terceira parte deste trabalho
vou referirme a outra lucta que
muito tempo durou: - a falta de Commissarios, e cuja causa se vae ler
30 a seguir.

||fl. 85|| Ecos da Independencia
em 1822

Falta de Commissarios – Esta

falta já se previa desde os primordios

5 da Independencia do Brazil em 1822,
pela natural animosidade entre bra
sileiros e portuguezes, cujos frades fran
ciscanos da entaõ mais que pujante
Provincia da Immaculada Conceiçaõ,
10 eram uma terça parte, composta
de portuguezes, ou mesmo se não
chegassem a tanto, podia se conside
rar a metade de brasileiros. No
seio da Provincia, é claro, onde reina
15 va o verdadeiro espirito do Evangelho
e a disciplina dos claustros, não ha
via entre os frades, a menor desintelli
gencia sobre a grande propaganda
que em todo o pais se fazia, para que
20 surgisse, como surgio em 1822, uma Pa
tria livre. A prevençaõ contra os fra
des portuguezes era somente entre o povo,
e por esse motivo, já começavam a ser
poucas as vocações para o claustro.

25 Acontecia que quando o Ca
pitulo elegia para Superior Geral um
frade portugues, as familias não que
rial enviar seus filhos a estudar
para ser frade, somente para não ficarem
30 sob o jugo de um portugues. Assim
foi por muito tempo, até que a Santa

||fl.86|| Sé para remediar esse estado de cousas,
 resolveu que, em cada treis annos, em
 que se reuniam os Capitulos fossem
 eleitos alternadamente, uma vez um
 5 frade brasileiro uma vez um portugues.

Em parte foi fe[i]ta a Santa Sé,
 que vio apparecer ainda algumas
 vocações para a carreira do convento,
 porem, mais tarde surgio o se
 10 gundo factor da falta de commis
 sarios e bem mais grave, pois não
 houve remedio: Quero referir-me a

Maçonaria

Havia a guera sem treguas entre
 15 a maçonaria, que nesse tempo ainda
 tinha forças, e a Igreja, de maneiras
 que, em 19 de Janeiro de 1855, appare-
 ceu um "Aviso", assignado pelo Con
 selheiro José Thomaz Nabuco de Araujo,
 20 Ministro, prohibindo terminantemen
 às Ordens Religiosas, continuarem
 com noviciado no Brazil até um
 eventual accordo com a Santa Sé.

Este accordo nunca veio, até
 25 que depois veio a Republica, termi
 nando este estado de cousas.

Pelo exposto, vimos como vi
 eram a faltar os frades, que quasi
 se extinguiram, chegando mesmo
 30 a residirem no Convento de Santo
 Antonio apenas dois: Frei João do

||fl.87|| Amor Divino Costa, já fallecido, e Frei Diogo de Freitas, este ultimo ainda esta vivo e reside actualmente no Convento de São Francisco em São

- 5 Paulo, ultimo dos sobreviventes de tamanha perseguição injusta e maçónica.

As consequencias sofreram tambem todas as Ordens

- 10 Terceiras, cujos frades, poucos que existiam, não podiam attender aos constantes pedidos de Commissarios, por não terem frades em formação com a prohibição do noviciado no
- 15 Brasil.

Note-se que a Provincia da Immaculada Conceição, no tempo da sua maior pujança, chegou a ter em todo o sul do Brasil mais

20 de 700 frades, sendo que no Convento de Santo Antonio no Rio de Janeiro, chegaram a residir 120 frades, para depois, chegar ao aniquilamento completo.

- 25 Agora, novamente floresce a Provincia, tendo numerosos estudantes fazendo noviciado e as Ordens Terceiras novamente, retornaram a grande prosperidade, principalmente a de
- 30 Santos, cujo numero de Terceiros vae sempre crescendo para gloria de Deus.

⁸||fl. 89|| Terceira Parte

Bens da Ordem Terceira de
São Francisco da Penitencia

Terreno - Com 19 braças de frente

5 para a rua da Penha,
 hoje Marquez de Herval
 e com 14 braças de fun
 dos até as paredes da
 sua capella, inclusive
10 a grossura das paredes
 e dos muros.

Capella - Sacristia e claustro, No-

 viciado, etc, está funda
 do sobre terreno que oc
15 cupa 15 1/2 braças de
 comprimento, e 8 1/2 de
 largura.

Terreno - Na frente do seu con

20 sistorio, com frente para
 o Largo Monte Alegre,
 dividindo com o Cru
 zeiro que tem na frente
 da Igreja de Santo
 Antonio, e da parte do Sul, com 78 pa
25 mos de largura e
 170 de comprimen
 to.

⁸ O fólio 88 encontra-se em branco.

||fl.90|| No terreno com frente para a
 rua Marquez de Herval, é
 onde está actualmente os
 armazens de café, pertencente
 tes á Ordem Terceira e occupu
 pados por contracto com a
 firma A. Ferreira & *Companhia*, de Santos.

Cemiterio - Possue á Ordem seu Jaz

zigo no Cemiterio do Paq
 uetá, em terreno de 165
 palmos de largura por
 161 de cumprimento.

Em 31 de Dezembro de 1,928

foi augmentado o Jazigo
 com mais 31 ms. 16 ²/₃, ad-
 quiridos por compra da
 Camara Mimicipal.

Tudo consta em archivo, no pacote
 42, documentos em original

e publica forma.

Possue a Ordem Terceira da Pen
 nitencia alem dos seus actuaes
 bens estimados mais o menos em
 4.000; 000\$ 000 e mais 22 apolices
 da Divida Publica, sendo 21 do
 valor de Rs 1:000\$000 e 1 do valor
 de Rs 200\$000, vencendo juros sem
 mestraes. Essas apolices vêm

desde do tempo do Imperio e

reformadas depois da Rep
 publica, tudo muito bem guard
 das em cofre forte, e bem
 conservadas pelo Syndico.

||fl.91|| Considerações

Até o anno de 1856, as propriedades em Santos, tinham um valor irrisorio, pois, a

- 5 Ordem Terceira possuia mais de seis predios em Santos e todos reunidos foram avaliados em Rs 12:500\$000 naquela epoca, de maneiras que a renda
- 10 da de alugueis, de Rs 25\$000 na rua Direita (hoje rua 15 de Novembro) e outros de Rs 10\$000 e 5\$000, mensaes não chegava para as despesas da Ordem. Assim sendo, foram vendidos esses bens com autorização do Juiz de capellas, tudo legalmente feito, conforme despacho entre outros, um em 21 de Junho de 1858, e recommendações do
- 15 mesmo juiz em correcção de actas.
- 20

- Para se acquilatar o valor que teriam hoje esses bens, tomamos por base os preços actuaes e chegamos a conclusão de estimar-se
- 25 em 10:000:000\$000, se ainda hoje existissem.

- Restam desse bens as apólices já referidas, que foram adquiridas com a venda dos predios
- 30 como determinava a Lei do Imperio naquelle tempo.

||fl.92|| Homenagem

Perpetua Memoria

Frei Luiz de Santo Ambrozio - primeiro Commissario em 1641.

- 5 Manoel da Silva Vasconcellos, primeiro Ministro em 1641.

Frei Eusebio da Espectação, Provincial da Custodia da Immaculada Conceição, primeiro eleito no Capitulo de 1677.

- 10

Joaõ Cardozo de Oliveira, Ministro que deu avultada esmola pelo terreno onde está installada a Ordem, em 1689.

José dos Santos Luz, Ministro quando

- 15 a Ordem adquirio o terreno com a esmola do Ministro Joaõ Cardozo de Oliveira em 1.691.

Frei Augustinho da Conceição, que com Frei Eusebio da Espectação,

- 20 benzeram e celebraram missa na capella (1ª missa) em 24 de março de 1.691.

Gaspar Rodrigues Vieira (ou Vianna), Ministro quando celebrou se a 1ª missa

- 25

||fl.93|| na capella em 1691, com grande
pompa e repleta de Irmaãos e fieis.

Joaõ Baptista de Lima, procurador,
que solidificou os bens da Ordem,

5 dos quaes muitos ainda hoje
possue, requerendo um "Invent
tario e Tombamento", que foi julg
gado pelo Juiz em 11 de Dezembro
de 1856.

||fl.94|| Situação actual

Depois do historico da
Ordem Terceira da Penitencia com
relação a Igreja de Santo Antonio,
5 principalmente durante 51 an
nos que foi quanto durou a
administração, resultou com
fim em 1922, uma

Escriptura Publica

10 A Ordem Terceira fez entrega
da Igreja ao *Excelentissimo* Senhor Arcebispo de
São Paulo, conseguindo assim a vinda
dos frades para residirem nella e
consequente criação da Parochia
15 do Vallongo.

Resulta da mesma escriptu
ra ter a Ordem Terceira gasto:
~~R\$~~ 131:000\$000 mais ou menos em

reparos na Igreja; e
20 mais: Resulta que,
~~R\$~~ 68:000\$000 a Ordem terá que

rehaver da parte da
Ordem Primeira, no
caso de desapropri
25 ção ou venda, isto
no caso de transac
ção em dinheiro.

No caso do negocio
ser feito com a con

30

||fl.95|| dição de em paga
 mento a parte interess
 sada construir nova
 Igreja para á Ordem 1^a
 e Ordem 3^a, num e noutro
 tro caso a Ordem Terceira
 tem que estar presente , sem
 o que a escriptura não
 poderá ser lavrada.

10 (Clausula do Contracto)

Este contracto somente foi feito
 com relação a Igreja de Santo Antonio,
 na parte em que se refere
 fere a venda ou desapropria

15 ção, nada tem que ver com
 as propriedades da Ordem Terceira,
 Ra, que ficam junto a dita
 Igreja. Em caso de uma eventual
 ventual desapropriação da Igreja,
 20 ou de venda é que a Ordem
 tem que ser ouvida. Se a desapriação
 priação ou venda não attingir
 suas propriedades, a Ordem Terceira
 continuará no mesmo lugar em
 25 sua capella, e mais dependencias,
 dencias, que nada tem a
 ver com a Igreja, recebendo entao
 tao os 68 contos mencionados.

A parte da Ordem Terceira
 30 ceira em caso de operação englo
 bada, está avaliade em quatro
 mil contos de reis, com tendencia
 cia par ser elevado a mais.

|| Fl. 96|| *Sumo Pontifice Pio IX e a Ordem*

Terceira da Penitencia.

Medalha de Nossa *Senhora* da Conceição,
concedida, conforme Breve da

5 Nunciatura Apostolica em 1861.

"Nós Marianus Farcinelli Antoniaci,
Ordinis Saõ Benedicti Congregationis
Cassinensis, Archiepiscopus Athena
rum, Pontificis Solio assistens, in Im

10 perio Brasiliense Internuntius Legatus
Extraordinarius, Sanctae Sedis, etc, etc, etc.

Dilectis in Christo filiis, Conn
fratibus Ordinis Tertii de Penitentia,
Civitatis de Santos, Paulopolitano Diocesis,

15 saluten in Domino sempiternam.

Supplica exhibito libello petiistis
a Nobis, filii dilectissimi facultatem fe
rendi in actibus solemnibus, et sacris
functionibus vestrae Sodalitatis collo-

20 suspensum cum fasciula coerulea
argentum stigma, in quo sacra
effigies Beatae Mariae Virgenis Immaa
culata Conceptione inculpita sit,

ut non solum exteriorem cultum Im

25 maculatae Deiparae inclitae Protectrici
vestrae exhibiatis in vobis, quod
declarati dogmatis ejusdem Conn

ceptionis ab labe originale ino
munis suavissimam excitet mee

30 moriam. Sumnopere Cotanue, quod
inter tot tantanque scandala,

||fl.97|| quae magno animi nostri dolori
 in Ecclesia Dei videre cogimur pio-
 rum hominum societates existant,
 quae sub iisdem legibus Deum
 5 in Beata Maria semper Virgine
 glorificare cupientes, non in
 nibus verbis, sed salutaribus ope-
 ribus Religionem Catholicam in
 qua nati sunt, publice profiteri
 10 non erubescunt. Et cum ex al-
 liis documentis certo sciamus, vos
 dignos esse, qui singulare be-
 nignitatis nostrae testimonium
 recipiatis, libenter supplicationibus
 15 vestris annuere constituimus.

Quare Auctoritate, quo
 praedit sumus suffulti nos ab
 omnibus censuris et poenis ecclesi-
 asticis, si quas forte incurristis ad
 20 praesentium liberare tantum ef-
 fectum consequendum absolventes-
 et absolutos fore consentes, vobis-
 facultatem concedimus ferendi
 in actibus, et functionibus solem-
 25 nibus vestrae sodalitatis collo-
 cationis cum fasciula coerulea
 argentea stigma, in quo
 insculpta sit sacra effigies
 Beatae Mariae Virginis absque
 30 labe originali conceptae, ita vero
 tamem est non ad vanitatem
 et pompam colendam sed ad
 devotionem magis magisque

||fl.98|| angendam insolviat, servatis de
reliquo quae super his de pure
servanda sunt. Contrariis qui
buscunque minime obstantibus."

- 5 (Seguem-se as assignaturas
e registros respectivos) Arquivo da Ordem
pacote Número 2.

Considerações

- Como sabemos Pio IX foi que plo
10 clamou o Dogma da Immaculada
Conceição em 1854 e, a medalha
concedida conforme Breve trans-
cripto, foi em comemoração a esse
dogma e também por não ter
15 se esquecido da sua estadia em
Santos no ano de 1.823, conforme
vimos no histórico da Igreja de Santo
Antonio. Essa medalha de prata
a Ordem Terceira usa pendente ao pes-
20 coço em fita azul, nos actos solem-
nes somente, tudo de acordo
como o citado Breve, com beneplacito
Imperial de 29 de Abril de 1.861.

||fl.99|| A Ordem Terceira da Penitencia possui ainda outros Breves em seu archivo (pacote *Número 7*), sendo um muito importante quando

5 do Santos ainda não possuía comunicação fácil com o Rio de Janeiro, isto em 1748, quando por diversos motivos o Provincial no Rio não quiz nomear commissario,

10 tendo a Ordem Terceira recorrido directamente á Roma, e foi favorecida em audiencia do Santo Padre concedida ao Secretario da Sagrada Congregação dos Bispos em 17

15 de julho de 1748, tendo sua Santidadade consentido em submeter ao arbitrio do Nuncio Apostolico de Lisboa, pelo que foi expedido um decreto ao Geral dos Franciscanos na Hespanha,

20 que por sua vez se communicou com o Provincial no Rio de Janeiro para attender a Ordem Terceira em seu pedido.

Há ainda outro Breve do

25 anno 1728, sobre precendencia da Ordem Terceira em todas as festas da Igreja, que sem lugar reservado depois do Clero Secular e Regular e obdecido em todo o mundo, sob

30 pena de excommunhaõ de quem ousar contrariar a Constituição do Papa Benedito III^o - "Paterna Sedis".⁹

⁹ O fólio 100 está com um traço, de alto a baixo, com apenas uma palavra no centro: Annexos, anotação certamente tardia, à lápis.

||fl.101|| Santos em 1.870

Camara Municipal

Vereadores: Presidente, Doutor Ignacio

Wallace da Gama Cochrane

5

Coronel Antonio Ferreira

da Silva, R. 4.

Alferes José Teixeira da Silva

Braga Junior.

Capitão Joaquim José

10

dos Santos Cruz.

Francisco de Paula Coelho

José Carneiro da Silva Braga

Tenente Coronel Candido

Annunciado Dias e Albu

15

querque, R. 5.

Capitão Firmino Xa

vier.

Joaquim da Rocha Leite

Secretario

20

Capitão Manuel Ignacio da Silveira

Procurador

Tenente Joaquim Clemente da Silva

Fiscal

Martinho Lopes dos Santos

25

Porteiro e Ajudante do Fiscal

Joaquim Garcia de Sant'Anna

Arruador

Thomaz Antonio de Azevedo

Guarda Urbano

30

Evaristo de Freitas Nebias

||fl.102|| Vaccinador

Dr. Moysés Rodrigues de Araujo Costa

Matadouro

Encarregado: o guarda urbano Evaristo

5 de Freitas Nebias

Bombas para extincção de incendio

Encarregado: Clemente Vicente Ferreira

Iluminação Publica

Contratador: J. J. Marti

10 Aferidor

Florencio Daniel

Cemiterio Publico

Administrador: um dos vereadores nomeados
pela Camara.

15 Guarda: Firmiano Antonio dos Santos.

Tinha dois coveiros.

Guarda dos Chafarizes

Francisco Romano de Freitas.

Administração da Justiça

20 Juiz de Direito: *Doutor* Caetano José de Andrade
Pinto, moço fidalgo, com exercicio.

Juiz Municipal, de orphaõs, do com-
mercio e Provedoria: *Doutor* Francisco
Rodrigues Soares.

25 Supplentes

1 Coronel Antonio Ferreira da Silva, R. 4.

2 José Antonio Pereira dos Santos (capitão)

3 João Baptista da Silva Bueno.

4 José Carneiro da Silva Braga

30

||fl.103|| 5 *Doutor* José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho.

6 Roberto Maria de Azevedo Marques.

Promotor Publico

Doutor Luiz Ernesto Xavier

5 Deputados Provinciaes

1º Districto

Doutor Francisco Ribeiro de Escobar

Doutor Ignacio Wallace da Gama Cochrane

Doutor Joaquim Lopes Chaves

10 Padre João Vicente Valladaõ

Doutor José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho

Doutor Rodrigo Augusto da Silva

Doutor Antonio Ribeiro de Azevedo Ferreira

Doutor Manoel Firmino Pereira Jorge

15 *Doutor* Francisco Antonio de Araujo

Doutor João Mendes de Almeida

Doutor Joaquim Fernandes de Barros

Tenente Coronel Zeferino Jorge Damasceno

Advogados

20 *Doutor* Alexandre Augusto Martins Rodrigues

Doutor José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho

Doutor Joaquim Roberto de Azevedo Marques Filho

Doutor Luiz Ernesto Xavier

Solicitadores

25 João da Silva Oliveira

Pacifico Frederico Freire

Antonio Joaquim de Oliveira Barata

Bernardino Clementino Nebias

||fl.104|| Officiaes de Justiça

Francisco José Abrunches

Vicente Ferreira Rodrigues

Polícia

- 5 Delegado: Doutor Francisco Rodrigues Soares.

Suplentes

1 Doutor José Luciano da Silva Barbosa

2 Doutor José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho

3 Capitão Jose Joaquim dos Santos Cruz, em exercicio

- 10 4 Major Manoel Luiz Ferreira

5 João Nepomuceno Freire

6 João Domingues da Costa

Escrivão

Joaquim Fernandes Pacheco

- 15 Subdelegado

Francisco de Paula Coelho

Suplentes

1 Joaquim Prost Rodovalho

2 José Joaquim de Azevedo

- 20 3 João Teixeira Coelho

4 João Antonio Pereira dos Santos

5 Luiz José Ferreira

6 Alferes José Prostar Souza - em exercicio

Escrivão

- 25 Antonio Moreira Sampaio

||fl.105|| Inspectores de Quarteirão

- Do 1º Joaquim Garcia de Sant'Anna
- 2º João Francisco dos Santos
- 3º Domingos José de Salles
- 5 4º João Baptista da Silva Carneiro
- 5º João Domingues da Costa
- 6º Romaõ José Florindo
- 7º Antonio Benedicto Pereira
- 8º Manoel Evaristo do Livramento
- 10 9º João Joaquim Borges
- 10º Antonio Marques de Carvalho
- 11º Frederico José de Andrade
- 12º Alferes José Maria Largacha
- 13º Francisco Antonio da Costa
- 15 14º Antonio Pereira Guimarães
- 15º Antonio Manoel Fernandes
- 16º Candido Gonçalves Neves
- 17º Manoel Pedro Nolasco da Trindade
- 18º Joaquim da Silva Oliveira Pinto
- 20 19º Satyro Alves de Azevedo
- 20º Evaristo de Freitas Nebias
- 21º Carlos Francisco do Nascimento
- 22º -----
- 23º Henrique Geraldo Muniz Brunchen
- 25 24º Capitaõ Luiz Carlos Cortez
- 25º João da Silva Oliveira Pinto
- 26º João Francisco dos Santos
- 27º Procopio Felipe Guimarães
- 28º Antonio Pedro dos Santos
- 30 29º Matheus José do Nascimento Bittencourt
- 30º Francisco de Paula Machado
- 31º Antonio Botelho de Carvalho
- 32º Pedro Antonio Xavier

||fl.106|| Carcereiro da Cadeia

Antonio Joaquim de Oliveira Nazareth

Amanuense externo da Secretaria

da Policia da Provincia, encar-

5 regado das visitas do porto:

Ricardo Henrique da Rocha Lima,

Medalha da campanha naval

do Rio da Prata.

Companhia de Policia

10 Capitão Joaquim Ignacio dos Santos

Tenente Joaquim Ignacio da Silva

Repartição Ecclesiastica

Vigario da Vara

Padre Scipião Ferreira Goulart Junqueira,

15 examinador synodal do Bispado.

Escrivão

Francisco Alves da Silva

Parochia

Padre Scipião Ferreira Goulart Junqueira,

20 Vigario Collado.

Padre Manoel Macedo Vieira da Rosa,

Coadjutor

Sacrista

Manoel Athanazio de Moraes

25 Fabriqueiro

Florencio Daniel dos Santos

||fl.107|| Clerigos

Padre Mestre Joaquim José de Sant'Anna

Padre Luiz Alves da Silva

Padre Manoel Macedo Vieira da Rosa

5 Padre Scipião Ferreira Goulart Junqueira.

Alfandega, que antes era

apenas uma

Estação de Ar

recadação, foi

10 creada por Provi

saõ de 20 de Feve

reiro de 1720, com

as mesmas attri

buições, que a

15 do Rio de Janeiro

Inspector: Doutor João Ignacio Silveira

da Motta.

Primeiros Escripturarios: Tenente Antonio

Justino de Assis,

20 Capitaõ Joaquim

da Silva Oliveira

Segundos Escripturarios: Capitaõ Jose

Joaquim da

Silva Cypria

25 no Francisco

de Salles

Terceiros Escripturarios: José Francisco

Dias, Lourenço

José Martins Ramos,

30

||fl.108|| Capitão Antonio Martins Fontes

Quartos Escripturarios: Joaquim dos Santos

Bandeira, Francisco

Alves da Silva, Ma

5 noel de Jezus Couto.

Officiaes de Descarga: Joaquim Correã

dos Santos, Manoel

Joaquim da Silva

Antonio José da

10 Silva Bastos Junior
e um logar vago.

Officia[e]s de Descarga

Supranumerarios: Joaõ Ayres da Silva, Alfe

res José Martins dos

15 Santos Serra, Tenente

Joaquim Luiz Ferreira.

Thesoureiro: Major Antonio Eustachio

Largacha.

Primeiros Conferentes: Tenente Joaõ Baptista

20 de Lima, Capitão

Andrelino de Azeve

do Marques.

Segundos Conferentes: Venancio José Pinheiro

e Silva, Joaõ Carlos

25 da Costa Aguiar.

Porteiro e Administrador das Capatazias:

Tenente Arlindo Ramires Esquivel

Correio

Victorino Prost de Souza

30 Fieis de Armazens

Gabriel da Silva Oliveira e José Gabriel

Furtado da Silva.

||fl.109|| Addidos

Ajudante do Inspector

Joaquim de Jesus Pereira

Guarda Mór

- 5 Major Rodolpho Julio de Balbi,
Leopoldo da Camara Lima (de Paranaguá)

Administrados das Capatazias

Manoel Pereira Jorgel

Fiel de Armazem

- 10 Antonio Mariano de Azevedo Marques.

Traductor Juramentado

Dr. Guilherme Dilins.

Thesoureiro Aposentado

José Francisco Barroso.

- 15 Companhia dos Guardas

Commandante: Cabo Antonio José de
Sant'Anna.

Guardas: Honorio José Fernandes, Joa-

quim Mariano da Silva

- 20 Junior, Sebastião José de
Aguiar e Souza, João Ro-
mualdo de Oliveira.

Capatazias

Mandadores: Antonio Manoel de Andra

- 25 de, Domingos José de
Salles.

||fl.110||Conferentes: João Moreira de Sampaio,
Joaquim Mariano de
Campos Moura Junior.

Arrumadores: José Bento de Almeida,

5 João Coldova de Jesus,
Manoel Rodrigues dos
Santos Oliveira, Bento Ge
raldo de Oliveira.

Contramarcador: Christeano Ramires

10 Esquivel.

Despachantes Geraes

Capitão Joaquim Ignacio dos Santos, João

Xavier da Silveira, José Honório

Bueno, João da Luz Pimenta,

15 Francisco Xavier da Silveira
Junior.

Addido: Henrique Pedro de Oliveira

Ajudantes: Benedicto Matheus da Silva,

José Moreira de Sampaio, Car

20 los Moreira de Sampaio.

Patraão dos Escaleres da Alfandiga:

Jacintho de Almeida. Tem 4 remadores.

Conservatorio do Commercio

Conservador: Doutor João Ignacio Silveira da Motta,

25 official Capitão Joaquim da
Silva Oliveira

||fl.111|| Meza de Rendas da Provincia

Administrador: Major Francisco

Martins dos Santos

Escrivão: Major Hygino Botelho

5 de Carvalho

Escripturario: Porfirio José de Moraes

Conferente: José Candido da Costa

Claviculario: Tenente Guilherme Liborio Freire.

10 Guardas: Antonio Justino da Costa,
Carlos Francisco do Nascimento, Tenente José Francisco do Couto, Francisco Figueiredo dos Santos, Theophilo
15 da Luz Ferreira, Candido
Gonçalves Neves.

Agente: Benedicto Ayres da Silva.

Encarregado de passar revista de mostra nas praças destacadas nesta cidade:

20 O Conferente da Alfandega Venancio
José Pinheiro e Silva.

Correio

Agente: Fernando Leite da Fonseca.

Ajudante: Antonio Joaquim Ferreira Paranhos.

25 Praticante: Feliciano Narcizo Bicudo
Carteiro: Antonio Augusto da Silva,
e um logar vago de entregador de officios.

Barreira do Cubataõ: Administrador: João

30 Mariano de Azevedo Marques - Escrivão: Fernando
Gomes Nobrega de Albuquerque.

||fl.112|| Inspecção de Saude do Porto

Inspector: *Doutor* Henrique da Cunha Moreira,
residente Rua Aurea,18.

Secretario: Capitaõ Antonio Marques de
Saes, Rua Aurea,140.

Praças do Corpo Policial Permanente
destacadas nesta cidade

Commandante: 1º Sargento graduado
José Maximiano de Brito

10 Alembert, Cabo- Manoel
 Pedro Cyrino. Soldados, 17.

Commando Militar da Praça

Comandante: Coronel do Estado Maior
Manoel Rolemberg de Almeida.

Ajudantes de Ordens: Alferes honorario do
exercito Antonio Car
los da Silva.

Armazem de artigos bellicos

20 Encarregado: Alferes honorario do exercito Antonio Carlos da Silva.

Fiel: Francisco Romano de Freitas

Fortaleza da Barra Grande

25 Comandante: Major honorario do exercito
Manoel Antonio de Lima Vieira

||fl.113|| Forte Augusto-Barra Grande

Zelador: Capitão Antonio Martins Fontes.

Fortaleza de São João da Bertiooga

Commandante: Capitão Manoel do

5 Espirito Santo Guimaraes.

Capitania do Porto

Creada por Decreto no. 531,
de 11 de Setembro de 1847.

10 Capitão do porto: Capitão de Mar e Guerra reformado José Eduardo Wandenkolk, Av. 3, R. 6, Com. da Ordem de Ch. de Portugal

Secretario: Francisco Xavier de Aguiar

15 Andrade e Souza, fidalgo
cavalheiro da Casa Imperial.

Patraõ Mór: José Vieira do Couto, condecorado por Sua Majestade

20 Fidelíssima com a meda
Iha de prata – Distincção
premio concedido ao merito,
philantropia e generosidade.

Pharol da Ilha da Moela

25 Fixo: Cor branca

1º Pharoleiro: Manoel Francisco Dias

2^{os.} : Francisco Borges

Lourenço de Souza

Patraõ da Lancha de Socorro: Procopio Fernandes

30 Martins. Tem mais
seis remadores.

||fl.114||Companhia de aprendizes marinheiros

Cre[a]da pelo Decreto
numero 4122 de 29 de Fe
vereiro de 1868.

5 Commandante: 1º Tenente José Carlos

Palmeira. R. 5, Ch. 3

Official da Fazenda Reformado: 2º Tenente Ma

noel da Silva

Pedroza

10 Medico: Doutor Alexandre Bousquet.

Fiel: Antonio Florencio da Silva.

Mestre: 2º Sargento do corpo de imperiaes,

José Alves da Fonseca.

Mestre d'Armas: José Thomé dos Santos

15 Guardiaõ Extranumerario: Manoel Anto

nio da Silva.

Praticagem do Porto

Praticos da cidade

José Bento de Almeida Junior

20 Fernando José de Moraes

Lourenço Justiniano dos Santos

Duarte José de Almeida

Joaquim Miguel

Joaquim Sereno

25 Praticos da Barra Grande

Capataz Manoel Antonio do Couto

José Mathias de Oliveira

Aproniano Joaquim da Silva

Benedicto Francisco de Paula

30 Francisco de Paula e Silva

Joaquim dos Santos Calistro

Custodio José Rodrigues

||fl.115|| Antonio Joaquim da Silva

Henrique Vieira da Silva

Estatística 1870

	Sociedades Beneficentes	3
5	" Musicaes	2
	" Carnavalescas	3
	" Dramaticas	2
	Theatro	
	No largo da Coroaçaõ	1
10	Pedreiras	4
	Olarias	4
	Cortumes	2
	Casas Bancarias	2
	Escriptorio de Descontos	3
15	<u>Profissoes</u>	
	Medicos	5
	Dentistas	2
	Typographos compositores	10
	Impressores	6
20	Architectos	3
	Professores de piano e canto	4
	Veterinarios	3
	Parteiras	2
	Professores de musica e instrumentos	7
25	" " desenho	1
	Afinadores de piano e orgaõs	3

||fl.116|| Industria, Artes, Officios, etc.

	Armadores	2
	Agente de casas Commerciaes	2
	Depositos de moveis	1
5	" " instrumentos de musica	1
	Fabricas de charutos	5
	" " licores e vinagre	4
	" " carros, trollys, etc	2
	" " cerveja	1
10	" " cal	4
	Ouriveis	4
	Relogoeiros	4
	Officinas de Alfaiates	3
	" " Marceneiro	4
15	Carpinteiros	12
	Alfaiates	13
	Funileiros e latoeiros	6
	Officinas de ferreiros	4
	Contratadores de obras	6
20	Pedreiros	11
	Pintores e vidraceiros	6
	Barbeiros e sangradores (applicam Ventosas e sanguessugas)	5
	Mestre calceteiro	1
25	" calafates	1
	Fogueteiro	1
	Sapateiros	9
	Tanoarias	6
	Bufarinheiros	2
30	Officinas de selleiros	3
	Puleiros e colcheiros	4
	Silgueiro	1

	fl.117 Lojas de tamanqueiros	3
	Pharmacias	3
	Consultorio homoeupaticos	2
	Forneiros	3
5	Tintureiro	1
	Caldereiro	1
	Machinista	1
	Douradores	2
	Espingardeiro	1
10	Encadernadores	3
	Esculptor	1
	Açougues	4
	Padarias	5
	Cafes, bilhares, etc	4
15	<u>Hoteis, casas de pastos, boteques etc</u>	
	Hoteis	4
	Casas de pastos	4
	Banhos (Cysne Santista)	1
	Cocheiras de alugar cavallos	3
20	" " " carros	4
	" " " carroças	8
	Deposito de materiais para obras	2
	Loja de marmore	1
	Salsicharia	1
25	<u>Commercio</u>	
	Lojas de fazendas	15
	" " ferragens	5
	" " roupas feitas	4
	Mascates	4
30	Armarinhos	9
	Loja artigos de escriptoreo	6
	" de louças e vidros	6

	fl.118 Depósitos de assucar	3
	" " farinha de trigo	2
	" " calçados	5
	" " Kerozene	3
5	" " fructas	2
	Tavernas	58
	Armazens seccos e molhados por atacado	15
	" " " " a varejo	32
	" de toucinho	6
10	Casas commissarias de café	41
	" commissões em geral	12
	Exportadoras e Importadoras	27
	Armazens de Sal	27

Ultimas palavras

15 Caro leitor.

Creio que se tivesses passiencia
em ler estas antiguidades e chegastes até
o fim, estou certo que amas a nossa histor
ria e não despresas as cousas antigas, sem
20 o que não se pode acquilatar o valor do
presente. Santos o que foi e o que é, certam
mente estará em vossa memoria e sabem
rás, não dar valor ao autor deste trabalho,
mas sim, aos nossos antepassados, que
25 construíram esta bella e hospitaleira Sant
tos, que occupa um lugar de grande
destaque na historia Patria, enobrecida
pelos seus gloriosos filhos.

Desculpae-me, pois, os vicios e
30 lacunas, que não pude evitar pela
carencia de tempo.

O Autor

||fl.119|| Fontes

Memorias para a Historia da *Capitania* de
 São Vicente - Frei Gaspar, da Madre de Deus

Noticias dos annos em se descobrio

5 o Brasil - Frei Gaspar da *Madre* de Deus

Historia do Brasil, Vol. III^o - Rocha

Pombo.

Armanack de 1870 - Anonymo.

Seiscentista

10 Historia Seiscentista de São Paulo,
 Tomo 1^o - Affonso de E. Taunay¹⁰

Santuario Mariano - Santa Maria

Orbe Seraphico - Frei Jaboataõ

Archivo da *Veneravel Ordem Terceira* da Penitencia - Lj

15 vros de actas e documentos.

Discurso de 1925 no Convento do

Carmo - Frei Mauricio Lans.

Diccionario Historico, Geographico e

Ethnographico, Volume 1^o

20

¹⁰ Data da publicação da obra de 1926

||fl. 121|| Índice

1ª Parte

	Introdução	Página 5
	Santos	" 6-7-8-9- e 10
5	Demarcação de limites	" 11
	Pontes e trapiches	" 12
	Filhos illustres	" 13-14- e 15
	Igreja Matriz	" 16-17-18-19-20 e 21
	Nossa Senhora do Montserrat e sua	
10	passagem para os Benedictinos	" 23-24-25 e 26
	Posse da Capella do Montesserrat pelos	
	Benedictinos	" 27 e 28
	Mosteiro de São Bento	" 28 e 29
	Igreja Jesus Maria José	" 30
15	Companhia de Jesus	" 31-32 e 33
	Collegio de São Miguel	" 34 e 35
	Os Carmelitos - Capella da Graça	" 36-37-38 e 39
	Carmo de Santos	" 39 - 40
	Ordem Terceira Nossa Senhora do Carmo	" 41-42 e 43
20	Santa Casa de Misericordia	" 43- 44 e 45
	Outeiro de Santa Catharina	" 46
	Igreja de Nossa Senhora do Rosario	" 47-48 e 49
	Fortaleza da Bertioga e outros	" 50 e 51
	Archiconfraria Nossa Senhora da Boa Morte e	
25	Irmandade Senhor Bom Jesus dos Passos	" 52
	Irmandade de São Benedicto	" 53

2ª Parte

	Convento de Santo Antonio	Página 55-56-57-58-59 60 e 61
30	Sepultamentos na Igreja de Santo Antonio	" 62-63-64-65 66

	Ordem Terceira da Penitencia	<i>pagina</i>	68 a 87
	<u>3ª parte</u>		
	Bens da Ordem Terceira da Penitencia	"	89 a 91
	Homenagem - Perpetua Memória		
5	da Ordem Terceira da Penitencia	"	92 e 93
	Situação actual da Ordem 3ª		
	da Penitencia	"	94 e 95
	[ilegível]	"	96 a 98
	Santos em 1870 - Camara Municipal	"	101
10	Administração da Justiça	"	104 a 106
	Clerigos	"	107
	Alfandega	"	107 a 110
	Meza de Rendas Provincial	"	111
	Correio	"	111
15	Inspecção de Saude do Porto	"	112
	Corpo de Permanentes Destacados em Santos	"	112
	Commando Militar da Praça - Ar		
	mazem de Artigos Bellicos	"	112
	Fortalezas	"	112 - 113
20	Companhia Aprendizes Marinheiros e Pra		
	ticagem do Porto	"	114
	Estatistica 1870	"	115 a 119

9 APRESENTAÇÃO DOS *CORPORA* SECUNDÁRIOS

Os *corpora* que serão utilizados para comparação, neste trabalho, fazem parte de acervos em que a edição foi rigorosamente executada sob as normas da equipe do Projeto “Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil”, realizadas pela comissão de estabelecimento de normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil constantes no livro “Para a História do Português Brasileiro”, vol. II, organizado por Rosa Virgínia Mattos e Silva, e por esse motivo representam fontes confiáveis para pesquisa e conseqüente análise lingüística.

9.1 DOCUMENTOS DO SÉCULO XVII

Os textos deste *corpus* fazem parte do livro “Por Minha Letra e Sinal”¹, da Série Diachronica, representando o primeiro volume de edição de documentos originais manuscritos pesquisados dentro do Projeto Temático “Filologia Bandeirante”, e compreendem o período do século XVII.

Como consta na apresentação do próprio livro, a proposta desse projeto é selecionar texto de língua escrita da época das bandeiras, e proporcionar estudos lingüísticos que confirmam a retenção de traços arcaicos na produção textual desse século. A sua composição é basicamente:

Além de documentos específicos sobre minas, como o “Regimento que há de guardar o General Salvador Correa de Sá e Benevides na administração das minas de São Paulo e São Vicente”, há outros, como testamentos, inventários e partilhas em que ocorrem menções a descoberta de minas, a ida para o sertão, a permanência no sertão, a carregação, a armação, a ouro, a prata, a roteiros e caminhos, a povoamento e povoações etc. (MEGALE e TOLDO NETO (org.) 2005)

¹ MEGALE e TOLEDO NETO (org.) (2005).

9.2 DOCUMENTOS DO SÉCULO XVIII E XIX

O *corpus* selecionado é composto de trinta e seis documentos, perfazendo um total de quarenta e quatro fólios, sendo que, 34 deles fazem parte do “Fundo Milícias”, pertencente ao Arquivo Permanente da “Fundação Arquivo e Memória de Santos”. Esse acervo possui aproximadamente 1300 documentos que cobre o período de 1794 a 1832, e, quase todos, são relacionados à administração das diversas companhias que faziam parte do Regimento de Artilharia Miliciano com sede na Praça de Santos.

Os outros dois documentos que compõem esse *corpus* são da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sendo um com datação de 1777 e o outro datado de 1803. Dessa forma, esses manuscritos possuem uma delimitação exata de um período de cinquenta anos. Estes textos fazem parte da dissertação de Mestrado de Silveira (2004).

10 DEFINIÇÃO DE PRONOME

Este capítulo visa discutir a desarmonia existente com relação às definições da classe gramatical dos pronomes demonstrativos com o uso efetivo dos mesmos, questões elucidadas nos fatos lingüísticos realizados na produção escrita do português brasileiro. Vê-se que, mesmo para os que seguem a norma culta padrão, a utilização dos demonstrativos é sempre de difícil absorção, fazendo com que se tenha a necessidade de uma constante revisão para verificação do adequado uso da norma ao que foi escrito.

Normalmente, as classes de palavras têm sido definidas segundo suas propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas, com as gramáticas tradicionais privilegiando o aspecto semântico na conceituação do substantivo, do adjetivo e do verbo, e recorrendo ao aspecto funcional na conceituação da conjunção, da preposição e do pronome. A classificação das palavras dentro de cada classe gramatical é, com frequência, ora feita sob uma perspectiva estritamente funcional, ora feita sob uma perspectiva morfológica. Essas oscilações é que gerariam essa dificuldade, fazendo com que o enquadramento dos fatos lingüísticos observados nas definições existentes, muitas vezes filosoficamente bem elaboradas, como coloca Bassetto (1998), sejam inconsistentes na sua finalidade de orientação.

Câmara Jr. (2001) oferece uma classificação baseada em critérios mistos, bastante satisfatória, que abriu caminho para as novas explorações e tentativas de se tornar os estudos lingüísticos mais científicos. Para ele, os vocábulos formais do português se agrupam, segundo um critério morfossemântico, em 4 classes: nome, verbo, pronome e conectivos. Sendo as três primeiras classes constituídas de palavras variáveis, enquanto a última é formada de palavras invariáveis, numa linha de análise seguida por vários outros estudiosos como Azeredo (2001).

Mas, recuando na história, vê-se que foi lá em Platão, para quem, “para cada ser, existe uma designação exata”, que se começo a buscar uma abordagem do estudo lingüístico de forma especulativa, servindo essa premissa de ponto de partida, Aristóteles elaborou o sistema de categorias que exprime a constituição da

frase, e a sua divisão em unidades e classes de palavras. Esse sistema aristotélico se converteu no sustentáculo de todo o pensamento formal nos séculos posteriores.

No século XVI, as gramáticas admitiam oito partes designativas do sistema gramatical: *Nome, Pronome, Numeral, Verbo, Advérbio, Preposição, Conjunção e Interjeição*. Havia variações, conforme a gramática, quanto ao número de partes que a comporia, na importância atribuída a cada uma, bem como quanto à terminologia usada, porém, não se definia a parte que seria relacionada ao discurso ou à oração (sintaxe), e quando discutida, encontrava-se muitas divergências, ou antes, pontos controversos, no que diz respeito a essas partes.

A classe gramatical dos pronomes nem sempre era abordada, mesmo tendo suas referências iniciais datadas de 170-90 AC, com Dionísio Trácio, quem primeiro definiu o pronome: “é uma palavra empregada no lugar de um nome, revelando pessoas definidas”. Esse conceito evidencia o caráter vicário dos pronomes, como ressaltado em Bassetto (1998, p. 74) e identificaria os demonstrativos, com suas características dêiticas, à função de apontar e estabelecer uma relação entre um antecedente e o seu conseqüente.

Dionísio Trácio, com essa definição considerou pronomes apenas os pessoais, que determinam as pessoas do discurso e, posteriormente, como derivados, os possessivos, e somente quatro séculos depois, é que Apolônio Díscolo (século II d.C.) passa a considerar os demonstrativos e os relativos, também, como pronomes, no que é seguido, nessa linha de pensamento, por Prisciano (século VI d.C.).

A partir daí, o quadro dos pronomes foi-se ampliando até que se chega à variada e, às vezes, controversa situação atual, na qual, se consideram pronomes, palavras que não se enquadrariam, de forma alguma, na clássica definição de pronomes, como os demonstrativos.

O termo “pronome” remonta ao latim *pronomen*, o qual, por sua vez, é a tradução do grego *ajntwnumiva* ‘o que se emprega em vez do nome’. Consideraram-se, nesse sentido, como pronomes, apenas as duas primeiras pessoas do discurso. Tanto Bassetto (1998), quanto Bechara (2001) são unânimes em reconhecer e defender que a “terceira” pessoa, por apontar para um terceiro elemento em relação aos participantes da relação comunicativa, não se encaixaria nesse conceito e que, mesmo assim, foi considerada pronome desde os primeiros tratadistas do assunto, contrariamente às suas próprias definições.

Numa tentativa de se evitar tais questionamentos, as gramáticas mais modernas já estão ampliando a definição para “palavra que substitui ou acompanha um substantivo (nome), em relação às pessoas do discurso”, fazendo, *a posteriori*, a divisão entre pronomes substantivos e pronomes adjetivos, numa explicação totalmente funcional, como em Sacconi (2001).

Para se perceber a extensão da questão e o quanto é difícil um consenso, para a definição do pronome vale a pena refletir nesta passagem de Bassetto (1998, p. 81):

“Extensões e incorpor[a]ções indevidas e progressivas levaram a considerar pronomes elementos do sistema lingüístico que nada têm de pronome, isto é, não substituem nome algum, mas apresentam conteúdo significativo próprio. Assim, por exemplo, em ‘meu carro é este’, é muito mais simples considerar ‘este’ como dêitico apenas, com a elipse do substantivo antes do enunciado, do que transformar ‘este’ num pronome; de fato, o demonstrativo mantém seu conteúdo dêitico e não substitui o substantivo, que está apenas elíptico. (...) Dêiticos são apenas dêiticos, não substituem a rigor nome algum; o mesmo se pode dizer dos possessivos, dos indefinidos, cuja ordenação lógica se tornou extremamente difícil, porque essa espécie se transformou em verdadeiro quarto de despejo, onde são lançados todos os elementos de difícil classificação.”

CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Quanto à classificação dos pronomes, a maior parte das gramáticas tradicionais entra no tema sem muitas reflexões, informando que são seis os tipos de pronomes e, imediatamente após a definição e classificação, executam a análise de cada tipo separadamente. Bechara (2001) registra: “Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos (abarcando o artigo definido), indefinidos (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.” Diferenciando, logo a seguir, o pronome substantivo do pronome adjetivo, ou tentando fazê-lo, uma vez que, após dois exemplos e pouca reflexão, afirma: “Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções” e

encerra o assunto. Mesmo parecendo sucinto demais, ainda dispensa uma maior discussão sobre o assunto do que na maior parte das gramáticas.

Em Sacconi (2001) encontra-se apenas: “Pronomes substantivos são os que substituem o substantivo; pronomes adjetivos são os que acompanham o substantivo”. Em Cunha e Cintra (1985, p.319), a definição é dada com os seguintes termos: “os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo”. Bechara (2001) vai mais adiante nesta definição, situando no espaço, no tempo e no discurso. É justamente com essas noções de proximidade ou afastamento das pessoas gramaticais equacionando também as questões de tempo, espaço e discurso que as definições e orientações vão se complicando e evidenciando a desarmonia reinante entre regras convencionais e o real uso dos demonstrativos.

Nos manuais prescritivos, encontra-se as seguintes orientações: o uso de *este, esta, isto* para a proximidade com a primeira pessoa do discurso (*eu*), *esse, essa, isso* para a proximidade com a segunda pessoa (*tu*) e *aquele, aquela, aquilo* para a proximidade da terceira (*ele, ela*), e é justamente com a entrada da terceira pessoa que as definições começam a se complicar, pois, muitas vezes, não é a proximidade com a terceira pessoa que orienta o uso do demonstrativo, mas sim o afastamento das duas primeiras pessoas do discurso. Maiores estudos sobre o assunto e trabalhos mais científicos se fazem profundamente necessários para que as observações das gramáticas tradicionais, após as regras, com o aviso de que nem sempre essas regras são usadas com rigor, pois estão sujeitas a situações especiais¹ passem, na verdade a reger a aplicação dos demonstrativos nas realizações textuais.

Fazem parte, também, do rol dos pronomes demonstrativos, segundo orientação das gramáticas prescritivas, as palavras *mesmo, próprio, semelhante* e *tal*, suas variações quando houver, e suas classificações quanto a serem substantivos ou adjetivos dependerão de suas características dêiticas e fóricas. Bechara (2001) ressalta que o uso do demonstrativo *mesmo* com emprego anafórico é considerado impróprio por muitos estudiosos.

¹ BECHARA (2001, p. 167);

11 A EVOLUÇÃO DO PRONOME DEMONSTRATIVO LATINO

As mudanças ocorridas, no decorrer do tempo, na classe gramatical dos pronomes demonstrativos foi sempre no sentido de se entender e adequar o seu uso, às necessidades e dificuldades encontradas nas produções textuais, e para tanto, houve a tentativa de se formular definições e enquadramentos que atendessem a essas demandas. O próprio Coutinho (1976, p. 256) já mostrava que apesar de bem definidos os pronomes demonstrativos e suas respectivas correspondências às três pessoas gramaticais: *hic*, *iste* e *ille*, no latim vulgar, a variação no uso desses pronomes era evidente, sendo freqüente se encontrar um sendo usado no lugar de outro.

Os quadros abaixo, elaborados a partir de Rezende (2000, p.89-93) demonstram como era a formação inicial dos demonstrativos latinos.

11.1 FORMAÇÃO LATINA

O demonstrativo de primeira pessoa HIC (ESTE), HÆC (ESTA), HOC (ISTO)

Nominativo (sing)	hic	hæc	hoc
Genitivo	huius	huius	huius
Dativo	huic	huic	huic
Acusativo	hunc	hanc	hoc
Ablativo	hoc	hac	hoc
Nominativo (plural)	hi	hæ	hæc
Genitivo	horum	harum	horum
Dativo	his	his	his
Acusativo	hos	has	hæc
Ablativo	his	his	his

QUADRO 1 - Demonstrativo de primeira pessoa

Esse pronome era usado no latim clássico como sendo de primeira pessoa, indicando o que está próximo ao falante. Coutinho (1976) afirma que, desde o tempo de César, o pronome de segunda pessoa *iste* substitui o de primeira, *hic*, e esse último, desaparece, completamente, antes mesmo do fim do latim. Ocupará o lugar de *iste*, o pronome *ipse*.

**O demonstrativo de segunda pessoa
ISTE (ESSE), ISTA (ESSA), ISTUD (ISSO)**

Nominativo (sing)	iste	ista	istud
Genitivo	istius	istius	istius
Dativo	isti	isti	isti
Acusativo	istum	istam	istud
Ablativo	isto	ista	isto
Nominativo (plural)	isti	istæ	ista
Genitivo	istorum	istarum	istorum
Dativo	istis	istis	istis
Acusativo	istos	istas	ista
Ablativo	istis	istis	istis

QUADRO 2 - Demonstrativo de segunda pessoa

Esses pronomes eram utilizados para indicar a proximidade da 2ª. pessoa, o próximo à pessoa com quem se fala. Apesar de representar, dentro do latim, os demonstrativos esse, essa, isso, na mudança para o português passou a ser representado por este, esta, isto.

**O demonstrativo de terceira pessoa
ILLE (AQUELE), ILLA (AQUELA), ILLUD (AQUILO)**

Nominativo (sing)	ille	illa	illud
Genitivo	illius	illius	illius
Dativo	illi	illi	illi
Acusativo	illum	illam	illud
Ablativo	illo	illa	illo
Nominativo (plural)	illi	illæ	illa
Genitivo	illorum	illarum	illorum
Dativo	illis	illis	illis
Acusativo	illos	illas	illa
Ablativo	illis	illis	illis

QUADRO 3 - Demonstrativo de terceira pessoa

No latim clássico, o valor específico desse demonstrativo é de aquele, aquela, aquilo, pois junto a *ille*, *illa* e *illu*, era freqüentemente usada a palavra *ACV* (*ACV+ILLE*) como reforço do pronome demonstrativo, formando, dessa forma, aquele, aquela e aquilo. Talvez tenha sido por isso que os pronomes *ille*, *illa* e *illu*, tiveram sua variação de mudança para ele, ela, por não ter se adaptado totalmente ao sistema pronominal latino dos demonstrativos, mantendo uma característica adjetiva e aparecendo constantemente subordinado a substantivos.

O Anafórico

Nominativo (sing)	is	ea	id
Genitivo	eius	eius	eius
Dativo	ei	ei	ei
Acusativo	eum	eam	id
Ablativo	eo	ea	eo

Nominativo (plural)	ii	eæ	ea
Genitivo	eorum	earum	eorum
Dativo	iis	iis	iis
Acusativo	eos	eas	ea
Ablativo	iis	iis	iis

QUADRO 4 - Anafórico

No latim clássico, esses demonstrativos executavam o papel específico de representar, na frase, uma ou mais palavras que já tinham sido referidas anteriormente, com características totalmente anafóricas. Talvez, essa ambigüidade, que se chocava com a própria definição dos demonstrativos que se destacavam por seu aspecto dêitico e fórico, tenha sido responsável pelo desuso desses pronomes e posterior apagamento na evolução para o português.

PRONOMES REFLEXIVOS

IDEM, EADEM, IDEM (O MESMO, A MESMA, O MESMO)

Nominativo (sing)	idem	eædem	idem
Genitivo	eiusdem	eiusdem	eiusdem
Dativo	eidem	eidem	eidem
Acusativo	eundem	eandem	idem
Ablativo	eodem	eadem	eodem
Nominativo (plural)	idem	eædem	eædem
Genitivo	eroundem	earundem	eorundem
Dativo	isdem	isdem	isdem
Acusativo	eosdem	easdem	eædem
Ablativo	isdem	isdem	isdem

QUADRO 5 - Pronomes reflexivos

O pronome *idem*, utilizado para identificar e/ou caracterizar o termo ao qual se refere, não apresentou mudança, quando da sua realização no português e permanece, hoje, em uso na língua portuguesa a forma latina *idem*, classificada como um empréstimo erudito, é considerado um elemento neutro substantivado.

O “mesmo, mesma” do português, segundo Coutinho (1976, p.257), é resultado da mudança no seu uso constante, em latim, da partícula de reforço *met*. Como ele descreve: “Em *semet ipsum*, por equívoco de composição popular, ligou-se *met* a *ipsum*, de que resultou *metipsum*. (...) A par de *ipse*, havia a forma superlativa enfática *ipsimus*, redução de *ipisissimus*, que combinada com *met* deu *metipsimus*, cujo acusativo *metipsimu* veio a dar o vocábulo português mesmo. Portanto, com a configuração evolutiva em: *metipsimu* > *metissimu* > *medesmo* > *meesmo* > *mesmo*, J.J. Nunes considera a queda anormal do –d- como devida provavelmente à próclise. *Metipse* > *metisse* > *medesse* > *medês* (arcaico)”

PRONOMES DE REFORÇO

IPSE, IPSA, IPSUM (PRÓPRIO/A, PRÓPRIO/A, PRÓPRIO/A)

Nominativo (sing)	ipse	ipsa	ipsum
Genitivo	ipsius	ipsius	ipsius
Dativo	ipsi	ipsi	ipsi
Acusativo	ipsum	ipsam	ipsum
Ablativo	ipso	ipsa	ipso
Nominativo (plural)	ipsi	ipsæ	ipsa
Genitivo	ipsorum	ipsarum	ipsorum
Dativo	ipsis	ipsis	ipsis
Acusativo	ipsos	ipsas	ipsa
Ablativo	ipsis	ipsis	ipsis

QUADRO 6 – Pronomes de reforço

O pronome *ipse* é usado para indicar a individualidade da palavra a que se refere. Deixou de ser pronome de reforço para tornar-se demonstrativo de 2ª. pessoa, posição deixada vazia com a elevação de *iste* para demonstrativo de 1ª. pessoa.

11.2 NATUREZA DÊITICA E FÓRICA DOS DEMONSTRATIVOS LATINOS

Segundo Antonio Andrade da Universidade de Aveiro, de Portugal, pode-se, assim, esquematizar as funções dos pronomes do sistema dêitico, em latim:

- a) *hic, haec, hoc* – função dêitico /fórica;
- b) *iste, ista, istud* – função dêitico /fórica; função enfática (negativo);
- c) *ille, illa, illud* – função dêitico /fórica; função enfática (positivo).

Verifica-se, com alguma frequência, a identificação da série dêitica com a categoria de pessoa (*hic* é associado à primeira pessoa; *iste*, à segunda e *ille*, à terceira). No entanto, essa associação não é correta do ponto de vista lingüístico. Com efeito, só uma análise superficial permite fazer esta identificação. Se *hic* e *iste* indicam proximidade em relação, respectivamente, ao falante (*ego*) e ao interlocutor (*tu*), não é verdade que *ille* assinale proximidade da terceira pessoa, mas, pelo contrário, afastamento quer do falante (*ego*) quer do interlocutor (*tu*). Pode-se, assim, entender a associação dos pronomes da série dêitica à categoria de pessoa como uma consequência do seu valor localizador.

A verdade é que o sistema é tripessoal nas desinências verbais, mas bipessoal nos pronomes. A indeterminação da terceira pessoa verbal faz com que os falantes explicitem o seu sujeito em forma nominal/pronominal, quer seja através de simples referência (*is*), de “dêixis” (*hic-iste-ille*) ou de ênfase (*ipse*).

A debilitação gradual do caráter dêitico dos pronomes, com a perda da relação com a categoria de pessoa gramatical, traz como consequência o seu emprego indiscriminado e a alteração das funções antes desempenhadas por cada um deles. A mudança do pronome *is* deixa em aberto a expressão da referência fórica, e o seu lugar acaba por ser ocupado, em particular, por *ille*, pronome que já antes entrava em

concorrência com *is*, pelo fato de fazer referência ao afastamento de objetos e pessoas da esfera do *ego* e do *tu*.

Com a alteração de funções do pronome *ille*, terceiro elemento da série dêitica, ficou em aberto um espaço que foi ocupado por formas reforçadas, já existentes desde o latim arcaico, como *ecculle*. Se antes este reforço se fazia por razões de expressividade, no latim tardio, *ecculle* passa a ocupar a posição que pertencia, anteriormente, à forma simples *ille*.

A função do pronome *iste*, segundo elemento da série deítica, passa, por sua vez, a ser desempenhada pelo enfático *ipse*. A função enfática, antes expressada por *ipse*, começa a ser assumida pela forma reforçada *metipse*. O pronome *idem*, entretanto, tende a cair em desuso. Em suma, pode-se dizer que a dissolução definitiva do antigo sistema demonstrativo latino veio provocar uma redistribuição dos elementos já existentes, quer pela própria mudança e variação de alguns pronomes, quer pela alteração de funções de outros. Além disso, essa reestruturação do sistema encontra-se, com certeza, na gênese do aparecimento de um novo elemento nas línguas românicas — o artigo.

Nas Gramáticas Latinas atuais, verifica-se que o sistema demonstrativo/fórico latino é descrito de uma forma bastante simplista, sem dar conta minimamente das funções próprias de cada pronome. Sob a designação de pronomes demonstrativos surgem, tal como acontece na gramática tradicional, os pronomes *hic*, *iste*, *ille*, *is*, *idem*, *ipse*, como se de um conjunto homogêneo se tratasse. Em relação à série dêitica, ao lado de cada pronome, tem-se apenas a sua tradução para português e, entre parêntesis, a indicação.

(junto de mim), para *hic*,
 (junto de ti), para *iste*, e
 (junto dele), para *ille*.

A oposição entre os pronomes da série dêitica fundamenta-se no binômio proximidade-afastamento. Por isso, não está correto dizer-se que *ille* indica proximidade de um “ele”, isto é, da terceira pessoa, o que nos remete de novo para a questão já

aflorada da problemática da terceira pessoa; de fato, *ille* indica afastamento quer do falante quer do interlocutor.

Após a apresentação da declinação de todos os pronomes tradicionalmente incluídos na classe dos demonstrativos, nessas gramáticas, são apresentadas, sem comentário algum, frases exemplificativas e, por fim, em anexo, têm-se breves considerações, sobretudo de ordem morfossintática.

12 O pronome demonstrativo entre os séculos XVII, XVIII e XIX

Mattos e Silva (2001) estudiosa do português arcaico, apresenta o quadro abaixo como uma compilação dos pronomes demonstrativos encontrados no decorrer desses séculos, em documentação escrita:

FORMA		SIMPLES		REFORÇADA	
REFERÊNCIA	NUMERO GENERO	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
1. campo do Emissor (E)	m.	este	estes	aqueste	aquestes
	f.	esta	estas	aquesta	aquestas
	n.	esto		aquesto	
		~ isto		~ aquisto	
2. campo do Receptor	m.	esse	esses	aquesse	aquesses
	f.	essa	essas	aquessa	aquessas
	n.	esso		aquesso	
		~ isso		~ aquisso	
3. fora do campo do E é do R	m.	-		aquele	aqueles
	f.			~aquel	
	n.	-		aquela	aquelas
		-		aquelo	
				~aquilo	

QUADRO 7 - Pronomes demonstrativos entre os séculos XVII, XVIII e XIX

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, não se encontra, nas ortografias e manuais de língua portuguesa, um estudo sistematizado em que os pronomes demonstrativos fossem apresentados de forma clara e que determinasse ou indicasse as diretrizes para seu uso. Encontra-se, normalmente, quando o ortografo se refere à categoria dos nomes, um parágrafo para a apresentação dos pronomes em geral, ficando, os pronomes demonstrativos, entre os pessoais, relativos, indefinidos e possessivos, como nos textos de:

- 1- João Franco Barreto, de 1671, em que no capítulo reservado para estudo do “nome”, ele indica “Do pronome”, com a seguinte observação: “Despoys dos nomes se seguẽ os pronomes, que saõ certas partes da oraçã, que se poẽ ã lugar dos nomes próprio & apellativos, como, eu, tu; & dizendo (...) Também saõ pronomes, elle, esse, este, aquelle, meu, seu, teu, nosso, vosso, aos qiaes todos se ajunta algumas vezes esta palavra, mesmo, ou mesma; assi como entre os latinos, o *met* porque diremos, eu mesmo, tu mesmo, elle mesmo, nos mesmos, vos mesmos, &tc.” Sendo esta, a única referência aos demonstrativos.
- 2- Luis de Monte Carmelo, de 1767, já pressupõem uma divisão na classe gramatical dos nomes e se refere aos pronomes: “O pronome se diz, e escreve em lugar do *Nome* para evitar suprefluas repetições; mas significa o mesmo, como Eu, Tu Nós, Vós, Esse, &tc.” Ainda mais sucinto que João Franco Barreto.

BARRETO, João Franco, 1600-1674?

Ortografia da lingua portugueza / per Joam Franco Barretto. - Em Lisboa : na Officina de Ioam da Costa, 1671. - III, 279, [9] p. ; 20 cm <http://purl.pt/18>

FIGURA 20 - Ortografia da lingua portugueza / per Joam Franco Barretto

MONTE CARMELO, Luís de, ?-1785, O.C.D.

Compendio de orthografia, com sufficientes catalogos, e novas regras... / composto pelo R. P. M. Fr. Luis do Monte Carmelo

Lisboa : Off. Antonio Rodrigues Galhardo, 1767. - [28], 772, [7] p. ; 22 cm

FIGURA 21 - Compendio de orthografia, com sufficientes catalogos, e novas regras... / composto pelo R. P. M. Fr. Luis do Monte Carmelo

12 USO ATUAL DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Estas são as prescrições orientadas pelas principais gramáticas:

Pronomes	Espaço	Tempo	Discurso	Enumeração
este, esta, isto, estes, estas	Perto de quem fala (1ª pessoa).	Presente	Referente aquilo que ainda não foi dito.	Referente ao último elemento citado em uma enumeração.
	Ex.: Não gostei <u>deste</u> livro aqui.	Ex.: <u>Neste</u> ano, tenho realizado bons negócios.	Ex.: <u>Esta</u> afirmação me deixou surpresa: gostava de química.	Ex.: O homem e a mulher são massacrados pela cultura atual, mas <u>esta</u> é mais oprimida.
esse, essa, esses, essas	Perto de quem ouve (2ª pessoa).	Passado ou futuro próximos	Referente aquilo que já foi dito.	Para se referir ao elemento do meio, num universo de três elementos.
	Ex.: Não gostei <u>desse</u> livro que está em tuas mãos.	Ex.: <u>Nesse</u> último ano, realizei bons negócios Ela chegará por <u>esses</u> dias	Ex.: Gostava de química. <u>Essa</u> afirmação me deixou surpresa	As crianças, os homens e as mulheres são diferentes, estas são intuitivas, <u>esses</u> são racionais e aquelas são alegremente ingênuas.
aquele, aquela, aquilo, aqueles, aquelas	Perto da 3ª pessoa, distante dos interlocutores.	Passado ou futuro remotos		Referente ao primeiro elemento citado em uma enumeração.
	Ex.: Não gostei <u>daquele</u> livro que a Roberta trouxe.	Ex.: Tenho boas recordações de 1960, pois <u>naquele</u> ano realizei bons negócios.		Ex.: O homem e a mulher são massacrados pela cultura atual, mas <u>esta</u> é mais oprimida que <u>aquela</u> .

QUADRO 8 - Uso atual dos pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos possibilitam localizar o substantivo em relação às pessoas, ao tempo, e sua posição no interior de um discurso.

- O, a, os, as (que também podem ser artigos e pronomes pessoais), são pronomes demonstrativos quando equivalem a isto, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas.

Leve **o** que lhe pertence. **o (=aquilo)**

É esta **a** que você quer? **a (=aquela)**

- ...! A Locução "o quê", salvo melhor interpretação, é pronome demonstrativo em frases como:

O médico examinou minuciosamente o enfermo; após **o quê**, prescreveu-lhe repouso absoluto. **o quê (=isso).**

- Os demonstrativos formam contrações com as preposições *de*, *em* e *a*.
- A locução "por isso" é mais comum e se trata de uma expressão cristalizada e não constitui relação anafórica propriamente dita.

Funções dos demonstrativos

- Os demonstrativos possuem características que os aproximam tanto da classe dos pronomes, como da dos adjetivos, e possuem, sintaticamente, função de substantivo ou de adjetivo, por exemplo:
 - Portam idéia de pessoa, embora isso se dê no plano semântico e não no sintático como é típico dos pronomes.

- São uma classe fechada o que é típico dos pronomes e atípico para adjetivos.
- Apresentam formas determinadas e formas indeterminadas em gênero e número.
- São empregados também para expressar relações espaciais de proximidade e afastamento e relações temporais. Quando usados nessas funções, perdem a idéia de pessoa associada que lhes é típica em outros usos.
- Determinados em gênero e número tem valor de adjetivos.

Aquela cidade me encanta.

Essas meninas são traquinas mesmo.

Este livro é meu.

Comportamento sintático dos demonstrativos

- Não se pode determinar um item simultaneamente com demonstrativo e artigo.
Não são aceitas frases como:

* ***Os esses*** livros são meus.

* ***Uns aqueles*** turistas voltarão.

- Os demonstrativos não podem ser determinados por artigo ou adjetivo.

* ***O isso*** é uma vergonha.

* *Os livros que comprei* são ***os estes***.

* ***Belo aquilo*** você vez.

- Os demonstrativos podem ser determinados por alguns advérbios.

Era ***bem isso*** que eu queria.

Não contávamos com ***tudo aquilo***.

- O demonstrativo precede imediatamente o determinado e seus outros determinantes. Exemplos:

Este belo e bem ilustrado livro.

Aqueles formidáveis tempos idos.

- Os demonstrativos determinados em gênero e número, quando em função adjetiva, concordam com o determinado em gênero e número.

***Estas* palavras.**

***Esse* livro.**

***Aquelas* conclusões.**

- Os demonstrativos variáveis em gênero e número, quando em função substantiva, concordam em gênero e número com a idéia portada.

***Essas* não apresentaram problema.** (peças)

***Aquele* está com defeito.** (aparelho)

- Nas frases em que *isto*, *isso* e *aquilo* estão em função sintática que define a concordância, esta é feita com a idéia portada pelo demonstrativo. Exemplos:

***Isto* é o resultado obtido.**

***Aquilo* foram apenas as primeiras conseqüências.**

Os pronomes demonstrativos possuem, ainda, uma:

- função dêitica, como palavras sem referencial fixo, tendo sua significação dependendo da situação de emprego.
- função fórica, ou seja, nas situações em que operam remissões intradiscursivas. Trata-se então de empregá-los para fazer alusão a termos que já foram (anáfora) ou que ainda serão (catáfora) mencionados.

14 ANÁLISE DOS DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos possuem uma relativa imprecisão em seu uso e este capítulo discutirá algumas linhas de pesquisas que tentam defini-lo e cientificar o seu estudo. Referindo-se ao uso de “este” e “esse”, Bechara (2001, p.188), por exemplo, afirma que há exemplos de consagrados escritores que contrariam os princípios prescritos, chegando até, em alguns casos, a criarem normatizações momentâneas, sem que exista, para tais expressões, uma separação rigorosa por linhas de demarcação. Também em Cunha e Cintra (2007, p.331) há explicitamente a indicação de que tais distinções oferecidas pelo sistema ternário dos demonstrativos não são rigorosamente obedecidas na prática.

Silva (2000, p. 04) afirma:

Sabe-se que os filólogos utilizam essa diferenciação (manutenção ou não do sistema dicotômico)¹, entre outras, para distinguir as línguas românicas em inovadoras e conservadoras, respectivamente, entretanto, acredita-se que esse assunto (pronomes demonstrativos)² merece maior atenção, porque ele não pertence ao grupo de fenômenos lingüísticos denominados pelos sociolingüistas de estigmatizados pela sociedade, ou seja, como o sistema de demonstrativos não identifica um membro de uma comunidade lingüística como, por exemplo, culto ou não-culto, não é cobrado pela sociedade em geral e, conseqüentemente, não é dado na escola, e quando isso ocorre, não se dá a devida importância, mesmo porque muitos professores nem têm consciência de como se deve utilizar o sistema, pelo menos, na função anafórica.

A autora ainda afirma, mais adiante em seu texto, que os fenômenos lingüísticos devem ser estudados, levando-se em conta a matriz social que lhes é própria, mas, com relação aos demonstrativos, nenhuma variável social parece ter alguma influência.

Nas gramáticas normativas contemporâneas, os pronomes demonstrativos são identificados como componentes de dois subgrupos³: a) os que localizam o substantivo, como *este*, *esse* e *aquela*, além de suas respectivas variações de gênero e número; e b) os que identificam a coisa: *mesmo*, *próprio* e *tal*, além de

¹ Parênteses desta autora.

² Parênteses desta autora.

³ Almeida (1965, p.171).

suas variações de gênero e número. Castilho (2002, p.119), apresentando um trabalho que se afasta deliberadamente dessa tradição gramatical portuguesa, reproduz o trabalho de Rodrigues (1978, p.65), que afirma:

Do ponto de vista morfo(fono)lógico o subsistema dos demonstrativos se caracteriza pelo seguinte:

a) Quatro bases ou temas, distribuídas segundo a natureza da indicação: 1. /este/ indicação ostensiva de proximidade ao falante, 2. /ése/ indicação ostensiva de proximidade ao ouvinte, 3. /akéle/ indicação ostensiva de afastamento dos interlocutores, 4. /ele/ - /o/ indicação contextual. Em algumas variedades do Português do Brasil desaparece a distinção entre 1 e 2, prevalecendo só 2 (ou só 1), ou usando-se ambos aparentemente de modo indistinto.

b) Acréscimo do sufixo *-o* para a referência a objeto não especificado. As bases 1 a 3 sofrem mudança morfofonêmica da vogal acentuada que, sendo média, passa a alta: 1. /isto/, 2. /íso/, 3. /akílo/. Na base 4 o sufixo se acrescenta ao alomorfe /o/, com o qual se funde: *o-o > /o/.

c) Acréscimo do sufixo *-a* para a concordância com nomes do gênero feminino. As bases 1 a 3 e o alomorfe /éle/ da base 4 sofrem mudança morfofonêmica da vogal acentuada que, sendo média, passa a baixa: 1. /ésta/, 2. /ésa/, 3. /akéla/, 4. /ela/. A junção do sufixo *-a* ao alomorfe /o/ da base 4 acarreta a supressão do o, segundo regra morfofonêmica de aplicação mais geral, e resulta em /a/ (cf. /boníto/ + /-a/ > /boníta/).

d) A distribuição dos dois alomorfes da base 4 é a seguinte: /éle/ ocorre como sujeito, como predicativo e como complemento preposicionado (*Ele* veio. *N* o sou *e/e*. Saí com *e/e*.), mas nunca diante de nomes; /o/ ocorre nas mesmas situações sintáticas em que ocorre /éle/, mas diante de nomes) O professor veio. Não sou o professor. Saí com o professor.) e, além disso, também como objeto direto O aluno conhece-o. O aluno conhece o professor.), diante de orações relativas restritivas (A [aluna] que esteve aqui não viu nada. O [professor] que ensina matemática é simpático. O [a coisa] que você diz é verdade (objeto não especificado) e diante dos pronomes *qual* e *tal* (O homem com o qual eu falei não veio. Ele é o tal, de quem você falou.). No português do Brasil o alomorfe acentuado /éle/ ocorre também como objeto direto (O aluno conhece *e/e*), ficando o alomorfe átono /o/ limitado a uma distribuição proclítica (RODRIGUES, 1978, p.65 apud CASTILHO 2002, p. 119).

Castilho salienta que essa análise rompe com a tradicional distribuição de classe de palavras, na medida em que une numa mesma classe, além dos demonstrativos, os elementos de outras classes gramaticais, o que cria um subsistema morfológico, cuja redistribuição, já sugerida por Câmara Jr. (1971, p.104) e Raposo (1964-1973) que afirma:

Partindo das quatro bases propostas por Rodrigues (...), os Pronomes Pessoais *ele* e *o*, o Artigo Definido *o*, os Pronomes Demonstrativos *o*, *este*, *esse*, *aquele*, *isto*, *isso*, *aquilo* compartilham propriedades sintático-

semânticas comuns tais que nos permitem ordená-los numa classe única, que será aqui denominada *Mostrativos*⁷.

O autor enfatiza ainda que todos eles possuem propriedades semânticas básicas, como: retomar conteúdo e indicar posição espaço-temporal ou textual de um referente, além de especificar que fazem parte dos Mostrativos: a) *ele*, b) *este*, *esse*, *aquela*, *isto*, *isso*, *aquilo*, c) *aqui*, *ali*, *lá*, e d) o o clítico nominal ou verbal.

Encontra-se, também, em Biderman (2001, p.270) uma reclassificação da classe gramatical dos pronomes, que são agrupados em duas categorias básicas: a) os pessoais e b) os demonstrativos. Com relação aos demonstrativos, a autora afirma que eles são dêiticos, em sua maioria, e, buscando base na semiologia, afirma que os semas mostrativos que os caracterizam não indicam apenas elementos do espaço, mas também a sucessão temporal do discurso. Une, então, a característica mostrativa dos pronomes a alguns advérbios que possuem as mesmas características, seguindo, portanto, na mesma linha de raciocínio de Castilho.

Perini (1998, p.333) também propõe um reagrupamento da classe gramatical dos pronomes, o qual se apresenta no quadro abaixo.

Classificação dos itens - Tradicionalmente chamados “pronomes”
Substantivos 1: eu, nós, ele, isto
Substantivos 2: alguém, tudo, algo
Relativos: que, o qual, quem
[+PDet]: todos, ambos
[+Det]: o, um, este, esse, aquele, alguns
[+Poss]: meu, seu, nosso
[+Qf]: muitos, vários, único, terceiro
[+Num]: outro, dois

⁷ BÜHLER, K. (1934), 1979 - *Sprachtheorie*, Jena, Gustav Fisher; tradução espanhola, *Teoría del Lenguaje*, 3ª ed., Madrid, Alianza Editorial. Estabelece uma distinção entre o campo simbólico e o campo mostrativo. Silvia (2000, p.48) afirma que Bühler, a partir das reflexões de Brugmann, chega à formulação do conceito de *campo mostrativo* e também à noção de *déixis* para o âmbito da teoria da linguagem, pois antes disso era apenas uma subclasse dos pronomes. Esse autor estabelece a distinção entre *nomear* (*nennen*) e *mostrar* (*zeigen*) como formas básicas e complementares da significação lingüística, que é, por sua vez, complementar da representação conceptual. O conceito de *campo* é proveniente da psicologia.

QUADRO 9 - Quadro de classificação dos pronomes

Essa classificação é baseada no comportamento sintático dos lexemas que compõem a classe gramatical dos pronomes, daí agrupá-los, conforme seus traços comuns como: a) itens que só podem ocorrer como complementos do predicado ou núcleos de um SN; b) itens que podem ocorrer no SN acompanhados por outro termo; c) itens que configuram sua posição através de suas propriedades semânticas; d) itens que podem ser predeterminantes; e) os que podem ser determinantes; f) os que podem ser possessivos; g) os que podem ser quantificadores e h) os que podem ser numeradores.

Como foi apontado, no item 1, da segunda parte deste trabalho, o consenso sobre a definição de pronome é algo ainda distante, pois ficou claro, com as tentativas de reclassificação dessa classe gramatical, que as atuais prescrições da Gramática Normativa não conseguem conciliar toda a extensão de uso e significado dos pronomes.

Segundo Bagno (2002, p.32) o que a Gramática Tradicional sente falta é de um alcance maior para as regras que ela tenta descrever, pois o erro está em não se avançar além da frase; todas as regras ficam restritas à frase. E todas as vezes que se fala ou se escreve, está-se produzindo um texto, por menor que seja essa produção. Para ele, enquanto se praticar o *isolamento da língua*, não se conseguirá estudar os pronomes demonstrativos, pois eles possuem, intrínsecos, em sua essência, um carácter *dêítico* e *fórico*.

Carvalho (1967) foi o introdutor, na terminologia da lingüística portuguesa, dos termos “dêítico” e “dêixis” afirmando:

Temos finalmente a significação deíctica ou mostrativa (a deixis), a qual consiste na significação realizada por certas formas lingüísticas que equivalem a um gesto ou, melhor ainda, o acompanham ou esclarece, mostrando um objecto pertencente ao contexto real (extra-verbal), ou que já foi ou vai ser imediatamente mencionado no contexto verbal.

Percebe-se que Herculano além de validar o gesto de apontar, ainda introduz a noção de que os demonstrativos estão relacionados a conteúdos *endofóricos* e

*exofóricos*¹⁰. Lyons (1980, p. 261) afirma a Dêixis é responsável pela localização e pela identificação de pessoa, objetos, processos, acontecimentos e atividades envolvidos no processo de comunicação e relacionados pelo contexto espaço-temporal criado e mantido por esse mesmo ato.

Que esses conceitos possuem sua raiz etimológica da palavra “dêixis”, remetendo para a noção de mostração, indicação, não há dúvida, a exemplo de vários estudiosos que já discutiram essas equivalências, como Martins (2000) e Silva (2000, p.12). E esses estudos refletem o afastamento, encontrado nas produções de texto, que o uso dos demonstrativos e dos dêiticos tiveram dos conceitos de apontar. Afastar-se do gesto de apontar não significa, entretanto, deixar de perceber “a faculdade que têm as línguas de designar os referentes através da sua localização no tempo e no espaço, tomando como referência básica o falante”¹², como afirma Costa (1990, p.15), que, em seu texto, ainda introduz o termo “ponto-dêitico”, para indicar o ponto espacial e temporal em que o falante se localiza no momento da fala, embora advirta que, dentro do texto, em determinadas frases, há dificuldade em se diferenciar se o termo é dêitico ou anafórico, pois nem todas as expressões lingüísticas que se referem ao tempo e ao espaço são dêiticas.

A título de ilustração, citemos Castilho (2002, pg.122): “Esses processos, sendo nocionalmente separáveis, podem, entretanto confluir num mesmo uso dessas ‘classes’, o que tem provocado certa promiscuidade terminológica”. E Lahud (1979, p. 40), expõe toda a divergência terminológica quanto a esse termo:

Dêiticos (δειτικός): a designação talvez a mais difundida e que adotamos por esse motivo. Formada a partir de *dêixis*, o termo grego “δειτικός”, significando a ação de mostrar, indicar, assinalar, etc., e recentemente transformada em termo técnico da teoria gramatical, esta forma é freqüentemente usada pelos filósofos e lógicos para designar uma das classes da categoria mais larga das *expressões referenciais definidas*. Encontramo-la também utilizada pelos lingüistas, alguns dos quais consideram-na equivalente à noção bastante larga de *enunciação*;

¹⁰ *Endofórico*, formado pelos termos gregos: a) *endos* que significa interno, dentro de e b) *phoreo* que significa levar. Os demonstrativos são usados, nesse sentido, como referenciadores textuais, porque estabelecem uma relação entre elementos internos do próprio texto. A endófora pode ser de dois tipos: a) anáfora, quando se refere a elementos que já foram citados dentro do texto; e a b) catáfora, quando se relaciona a elementos que ainda serão citados. *Exofórico* formado pelos termos gregos: a) *exo* que significa fora exterior e b) *phoreo* que significa levar. Nesse caso, os demonstrativos são usados como referenciadores situacionais, extra texto.

¹² Silva (2000, p.27) “Os dêiticos levam consigo o movimento *virtual* de apontar, dispensando qualquer gesto físico humano, que sendo desempenhado pode ser interpretado como redundante”.

a) Já em Peirce, trata-se daquilo que o autor chama de *indexical symbols*, inaugurando assim uma tradição terminológica, seguida, por exemplo, por Busks, Bar-Hillel, etc. Traduz habitualmente a expressão de Peirce por *signos (ou símbolos) indicadores, símbolos-índices*, ou simplesmente *indicadores*.

b) *Shifters*: termo inglês formado a partir do verbo *to shift*, “mudar, variar, tocar”, introduzido no domínio gramatical por Jespersen e cuja tradução francesa por *embrayeurs (propre à designer ces unités du code qui “embrayent” le message sur la situation)* foi sugerida por Ruwet;

c) Para Benveniste e o grupo constitutivo da chamada “lingüística da enunciação”, comum é o uso de expressões tais como *indicadores de subjetividade, índices (ou signos) do discurso, índices (ou signos) da enunciação, etc*;

d) Finalmente, Bertrand Russel trata das palavras “cuja denotação é relativa àquele que fala” num capítulo sobre os *egocentric particulars*, termo que Devaux traduz para o francês por *circonstanciels égocentriques*, enquanto que Vuillemin prefere a expressão *indicateurs de subjectivité*, que encontramos explicitamente em Benveniste.

Lahud (1980) chega à conclusão de que, independentemente da denominação dada aos dêiticos por esses vários lingüistas, todos querem definir uma classe lingüística com bases mais sólidas. Para ela, não obstante, fica evidente que esses autores não se basearam em dados, daí suas conclusões serem fundamentadas em “intuições”; por outro lado, constata, ao final da sua pesquisa, que os dêiticos possuem todos os semas atribuídos por cada um dos pesquisadores em estudo. Afirma também que, quanto maior o número de estudos sobre os demonstrativos e a dêixis, maiores são as categorias gramaticais que vão sendo consideradas dêiticas, e não apenas os pronomes pessoais e demonstrativos, como apresenta a tradição gramatical.

Sob o ponto de vista das propriedades sintáticas dos demonstrativos, Mira Mateus et Al. (1989, p.184-7) chega a equação [SN > Especificadores + Nome + Complementos], em seguida descreve a atuação dos Especificadores como sendo: 1) os Determinantes [Artigos e Dêiticos Demonstrativos e Possessivos], 2) os Quantificadores e 3) as Expressões Qualitativas. Afirma, ainda, que atuam como Complementos: 1) os Sintagmas Adjetivos, 2) os Sintagmas Preposicionados, 3) as Relativas e 4) os Epítetos.

Complementarmente a essas classificações, Lyons (1980, p.452), por sua vez, esclarece que os determinantes têm justamente a função de determinar (ou

seja, restringem, tornam mais precisa) a referência dos SNs nos quais eles ocorrem. Além de também afirmar que um determinante é qualquer elemento cuja função seja entrar na estrutura de expressões referenciais e determinar sua referência como definida, em vez de indefinida, ainda enfatiza que a “identidade do referente”, e, especificadamente, do Artigo e do Demonstrativo, teria pelo menos três propriedades semânticas: 1) esclarecer a identidade dos referentes, 2) retornar conteúdos e 3) localizar referentes no espaço e no tempo.

Nessas três propriedades, enfocam-se as atribuições dêiticas e fóricas dos pronomes demonstrativos. O referente¹ tem sido tema de muitos trabalhos acadêmicos, e a tentativa de esclarecer como ele ocorre no texto, suas funções, atribuições, bem como toda a força semântica e filosófica contida nesse termo, é o objetivo de muitos pesquisadores.

No dicionário Houaiss, a definição de que *referir-se* significa ter relação com vem de encontro com o que Silva (2000, p.63) define para o ato de referência dêitica, um processo que permite, como traço fundamental, a identificação de um singular, o que aproxima, cada vez mais, as noções de dêiticos e fóricos². Fonseca (1992) afirma que anáfora é um termo grego usado para dar conta da função textual dos dêiticos, uma função que consiste em remeter para algo presente no contexto verbal. E em Bühler, informando que este propõe a utilização do termo catáfora para representar, junto com a anáfora, o caráter retrospectivo e prospectivo da mostração textual.

Segundo Câmara Jr (1986, p.49), a anáfora representa qualquer referência a um termo já constante do contexto. Há anáfora, em vez de dêixis, no uso dos pronomes, quando, em vez de uma indicação no espaço, há uma referência ao contexto. E encerra, afirmando que os demonstrativos, ao lado de seu emprego dêitico, têm outro, o anafórico. Silva (2000, p.68) segue mostrando que, embora a definição de Câmara Jr. pareça simples e de fácil identificação, na prática não é o

¹⁸ Bechara (2001, p.35); Benveniste (1988); Silva (2000); Fonseca (1992) e muitos outros.

¹⁹ “Fórico” empregado aqui como termo genérico representando o ato de referir-se, seja em função de Anáfora, seja de catáfora.

que ocorre, pois, conforme demonstra, o limite que separa os dois usos – dêitico e anafórico – é tênue.

Realmente, esse limite é tão tênue que Moura Neves (2000, p.491), em seu capítulo destinado ao Pronome Demonstrativo, inicia com a definição da natureza dos pronomes demonstrativos e declara que os **demonstrativos** são palavras **fóricas**. Faz essa afirmação sem maiores explicações ou definições, e parte para a análise de cada um deles, esclarecendo, antes, que eles sempre fazem referência: 1) seja ao contexto ou 2) seja à situação do discurso. A autora sequer utiliza qualquer definição de dêixis, ou emprega esse termo, para a associação a esses pronomes, e segue o capítulo na identificação de: a) as formas dos demonstrativos; b) as posições sintáticas desses demonstrativos; c) seu emprego – aqui retoma a noção de referenciadores textuais, discutindo o seu uso em situações endofóricas e exofóricas; d) a organização do espaço situacional entre os três demonstrativos (*este, esse, aquele*); e) as particularidades do emprego dessa classe gramatical; e e) o uso dos demonstrativos na composição de expressões fixas.

Esse é um ponto de vista que desvincula da debatida discussão sobre o aspecto dêitico dos demonstrativos a noção fórica, o que se pode inferir, nessa análise, que os dêíticos estão incluídos na foricidade da classe pronominal, como um “tipo de”, um subitem classificativo. O impasse é se a foricidade existe dentro do dêitico³, como uma das características desse, ou se o aspecto dêitico pertence à foricidade, como o princípio defendido por Moura Neves em sua análise dos demonstrativos. Lyons ainda defende que se confunde Dêixis textual e anáfora por causa da formulação tradicional da referência pronominal e pela falta de uma distinção clara entre entidades lingüísticas e não lingüísticas.

²¹Lyons (1980, p.298): “Sugeri-se, sem demonstrá-lo até aqui, que a dêixis era mais fundamental que a anáfora. A ligação entre a função dêitica e anafórica dos pronomes se encontra nisso que se pode chamar de dêixis textual. Se pode empregar os pronomes demonstrativos e as outras expressões dêíticas para referir entidades lingüísticas de diversos tipos (formas, partes de formas, lexemas, expressões, frase de texto, etc.) no co-texto da enunciação”

15 OCORRÊNCIAS SELECIONADAS DOS TRÊS *CORPORA*

Segue, abaixo, um quadro com o total geral das ocorrências encontradas de pronomes demonstrativos, nas três edições semidiplomáticas. As colunas recebem o nome da origem dos documentos, o século em que foram produzidos e o número de linhas que compunham cada edição.

	Ouro - XVII (4185 linhas)	Milícias - XVIII e XIX (665 linhas)	Promessa - XX (865 linhas)
Este	190	19	38
Esta	201	38	51
Isto	08	02	12
Esse	09	0	25
Essa	05	07	25
Isso	30	09	03
Aquele	24	02	01
Aquela	28	02	0
Aquilo	01	0	0
mesmo	40	17	43
mesma	30	19	24
proprio	09	03	02
propria	04	0	0

QUADRO 10 - Ocorrências selecionadas nos três *corpora*

Algumas considerações devem ser feitas a respeito do quadro acima:

Primeiramente, o superior número de linhas dos documentos consultados da “época do ouro” é evidente. Mas, conservando-se a noção de equivalência que o quadro proporciona, é inegável a sua contribuição nesta análise evolutiva dos pronomes demonstrativos, e necessário também ressaltar que todos os arquivos possuem um veio comum, o fato de possuírem o Estado de São Paulo como região demográfica para produção ou tema.

Em segundo lugar, os documentos que compõem o arquivo “Milícias” possuem datação inicial de 1794 a 1832, o que o torna produtivo para análise, por vir de encontro à época em que o português brasileiro culto começa a definir-se,

como consta em Mattos e Silva (2004, p.71), em decorrência das políticas geral e pombalina.

O terceiro ponto é situar o manuscrito do “Promessa” com sua produção datada do início do século XX, antes, certamente, de 1930, ano da aprovação religiosa do manuscrito, o que também vem de encontro, convenientemente, ao início da tentativa governamental brasileira em estabelecer determinadas normas ortográficas e gramaticais como padrão de uso em todo o território nacional. Após essas breves considerações, seguem abaixo os dados do quadro acima representados em gráficos.

Gráfico 1 - Ocorrências de pronomes demonstrativos nos três *corpora*

16 COMPARATIVOS DOS DEMONSTRATIVOS

“Reminiscencias de Santos” de João Luis Promessa
 Demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos

	Substantivo	Adjetivo
Este	8	30
Esta	2	49
Isto	12	0
Esse	0	25
Essa	1	24
Isso	3	0
Aquele	0	1
Aquela	0	0
Aquilo	0	0
mesma	7	17

QUADRO 11 - Comparativo demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos
 “Reminiscencias de Santos”

Gráfico 2 - Comparativo entre demonstrativos adjetivos e demonstrativos substantivos
 “Reminiscencias de Santos”

Ocorrências no *corpus* Milícias

Demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos

	Substantivo	Adjetivo
Este	6	26
Esta	19	56
Isto	2	0
Esse	0	0
Essa	0	7
Isso	9	0
Aquela	0	1
Mesma	4	15
proprio	0	2

QUADRO 12 - Comparativo demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos
Corpus Milícias

Gráfico 3 - Comparativo entre demonstrativos adjetivos e demonstrativos substantivos
Corpus Milícias

Gráfico comparativo das ocorrências dos pronomes demonstrativos em posição substantiva e posição adjetiva, em dois dos *corpora* selecionados:

Milícias

Promessa

Gráfico 4 – Gráficos 3 e 4, dispostos lado a lado, em ordem cronológica

4- Considerações finais:

Este estudo levou às seguintes reflexões:

O uso dos demonstrativos em “st” para referencial já mencionado (anáfora), nos textos analisados, é muito maior que o uso de “ss”, mas, mesmo em menor número, ele aparece com as mesmas funções dos pronomes em “st”, como na frase “não receio em concluir que essa ultima data se refere a conclusão do convento...”. Isso mostra que tanto “st” é usado anaforicamente, quanto o “ss”, mostrando um possível caminho de análise a ser confirmada que é a teoria da neutralização dos demonstrativos em “st” e “ss” para uso anafórico. É importante ressaltar, pelos estudos até este momento, que essa neutralização não interfere diretamente na competência metagenérica¹ dos leitores dos textos analisados.

Mattos e Silva (2004, p.144 e 145) enumera uma série de conseqüências provenientes; a) da expansão de “você” e do “a gente” como pronomes pessoais e b) da redução do uso do “tu” e do “vós”. Essas conseqüências que são: 1) a redução no paradigma flexional número-pessoa do verbo; 2) a ambigüidade para o uso do possessivo “seu”; 3) a eliminação dos pronomes complementos clíticos, sobretudo os de terceira pessoa “o, a, os, as”; 4) o recente uso do pronome complemento clítico “lhe”, originalmente objeto indireto, como objeto direto por sua correlação com o pronome sujeito “você”; 5) a preferência nacional pelo uso da próclise, o fenômeno mais debatido e motivo de muitos estudos científicos, principalmente em início de orações, enquanto que o uso da ênclise, em posições de prescrição de uso da próclise, aumentou consideravelmente, como nas orações subordinadas e nas negativas, convém ressaltar que o texto do “Promessa”, possui inúmeros exemplos desse uso. Todos esses fenômenos lingüísticos reforçam a teoria da existência da neutralização dos demonstrativos

¹ Essa competência é utilizada, neste trabalho, sob os parâmetros de que para a compreensão dos textos mobilizou-se as três grandes redes de conhecimento: o lingüístico, o enciclopédico e o interacional.

“st” e “ss”, uma vez que eles já vinham se neutralizando desde a entrada dos mesmos no nosso sistema lingüístico.

Essa neutralização pode estar relacionada, também, à fragilidade do caráter dêitico desses pronomes desde que eles tiveram o enfraquecimento da relação com a categoria de pessoa gramatical o que pode ter provocado o atual uso indiscriminado desses pronomes e uma alteração no papel de cada um. Nota-se, ainda, que a oposição entre os uso de “este” com relação a “esse”, e estes dois em oposição a aquele, sistema ternário no uso dos demonstrativos vem se perdendo. “Este e “esse” estando cada vez mais neutralizados encontraram oposição apenas com relação a aquele, o que pode configurar uma mudança de sistema de ternário para binário.

Há, também, um abundante uso dos demonstrativos em “ss” para representar um tempo remoto, com um uso menos freqüente do demonstrativo “aquele”. Este fato pode sugerir que em relação à Dêixis temporal “esse” e “aquele” tendem a se neutralizar, enquanto que “este” faz uma oposição clara a esses dois demonstrativos. O que já não ocorre em relação a Dêixis espacial, situação em que “este” ou “esse” não substituem, de maneira alguma o uso de “aquele” para o que está longe do locutor ou do receptor.

Os estudos, até este momento sugerem que os demonstrativos mantêm seu valor localizador das pessoas dentro do discurso, normalmente, quando se encontram em posição adjetiva, mas, em posição substantiva, eles perdem essa característica, momento em que a neutralização é mais evidente.

Percebe-se, nos textos analisados, que os demonstrativos em “ss” foram tendo seu uso mais acentuado com o tempo, o que corrobora com os estudos de Castilho (2002), mas os pronomes em “st” não desaparecem como sugeriu Mattoso Câmara Jr. Essa hipótese requer mais estudo, pois é clara a ocorrência, em muito maior número, dos demonstrativos em “st” nos textos mais antigos, do que nos textos mais recentes. Neste sentido, há três reflexões, que se pode fazer a esse respeito:

- Se, nos séculos passados, usava-se “st” tanto para referencial já mencionado como para referencial a ser mencionado, as atuais prescrições para esse uso, contidas e reproduzidas em todas as gramáticas prescritivas contemporâneas, tiveram sua origem em que século?
- Qual teria sido o maior motivador para o surgimento do sistema confuso que rege os pronomes demonstrativos, atualmente, uma ação conservadora ou uma ação de caráter inovador?
- Pode-se aplicar, ao uso desses demonstrativos, a “Lei de Gresham”², em que num universo em que dois termos possuem o mesmo valor, a tendência é a do desaparecimento de um deles. E para esse desaparecimento o aspecto fonológico pode ter alguma influência, pois é mais fácil a pronúncia de “ss”, em oposição a “st”, princípio da economia.

Outra possibilidade de análise com relação à neutralização dos demonstrativos “este-esse” ser de data muito remota é a possível hipótese de que o uso dos demonstrativos não acontece no campo do inconsciente³ deixando um registro de uso herdado do convívio social, ou seja, o uso dos demonstrativos deve ser estudado na escola e sua aprendizagem é lenta e precisa ser constantemente reforçada para sua fixação. A criança pequena, em idade de aquisição da linguagem, não percebe diferenças no uso deste ou daquele demonstrativo.

Estas reflexões são um primeiro estudo que, longe de serem definitivas ou exaustivas, requerem um aprofundamento mais apurado. Por enquanto, são apenas indicações de estudo que podem configurar numa rica e produtiva trilha a ser percorrida no campo das reflexões filológicas e linguísticas.

² A Lei de Gresham afirma que a má moeda tende a expulsar do mercado a boa moeda.

³ Na Psicologia, há uma vertente (a analítica criada por Carl Gustav Jung) que afirma que todos os seres humanos possuem um *inconsciente coletivo*, que seria uma camada mais profunda da psique humana e constituída por materiais que foram herdados da humanidade.

17 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT – NBR 12225, NBR 14724, NBR 6023

ALI, M. Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica/Melhoramentos, 1971.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 1965.

ALONSO JUNIOR, Clóvis Luiz. **Reflexões sobre o pronome relativo e a oração “adjetiva” em latim e português**. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH, USP. São Paulo, 2001.

ANDRADE, Antonio. **Demonstrativos e anafóricos em latim**. Universidade de Aveiro, 2001.

AZEREDO, José Carlos de. **A palavra e suas classes**. In: Idioma, 21, Centro Filológico Clóvis Monteiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Disponível em: www.uerj.br/~institutodeletras/idioma. Acesso em: maio 2008.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. 3.ed. São Paulo: Parábola, 2002.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Contribuição para um reestudo dos pronomes**. In: BASTOS, Neusa Barbosa de (Org.) *Língua portuguesa - história, perspectiva, ensino*. São Paulo: Educ-Puc, 1998.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 1988.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. 2. ed. São Paulo – SP: Martins Fontes, 2001.

BUENO, Francisco da Silveira. **A formação histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

CALÇADA, Guiomar Fanganiello. **O valor intensivo dos demonstrativos na farsa de Gil Vicente**. In: ANAIS do XVIII GEL, Lorena, 1989.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CAMBRAIA, César Nardelli. “**Subsídios para uma proposta de Normas de Edição de Textos Antigos para Estudo Lingüísticos**”. In: I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa, Humanitas/FFLCH/USP. São Paulo, 1999.

CARVALHO, José Herculano. **Teoria da linguagem**. Tomo I. Coimbra: Atlântida Editora, 1967.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Os mostrativos no português falado**. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.) **Gramática do português falado**. Campinas/São Paulo: Unicamp/Fapesp, v. 3, 2002.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 13. ed. São Paulo: Nacional, 1974.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

DE BIASI, Ana Maria Chamiso Silva. **Valongo arte e devoção**. Santos: A Tribuna, 1995.

FREITAS, Regina Célia Pereira Werneck de. **O léxico gramatical e sua semântica na gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira**. UFRJ.

FONSECA, Fernanda Irene. **Deixis, tempo e narração**. Porto - Portugal: Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, 1992.

GUIMARÃES, Elisa. **Função dos dêiticos na organização textual/discursiva**. In: Língua portuguesa: reflexões lusófonas, org. Neusa Barbosa Bastos – São Paulo: EDUC, 2006

LYONS, John. **Semantique Linguistique**. Paris: Larousse Université, 1980

LUCESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**. Lisboa: Colibri, 1998.

MAIA, Clarinda de Azevedo. **Periodização na história da língua portuguesa: status quaestiones e perspectivas de investigação futura**. In: GÄRTER, Eberhard e outros (Org.). Estudos de história da língua portuguesa, Frankfurt am Main: TFM, 1999.

MARTINS, Ana Cristina Sousa. **O lugar da DÉIXIS na descrição da língua**. 2000. Disponível em: http://www.ipv.pt/forumedia/f2_idei7.htm. Acesso em: fev. 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **O português arcaico - Morfologia e sintaxe**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Silvio de Almeida (Org.). **Por minha letra e sinal: documentos do ouro do Século XVII**. São Paulo: Ateliê, 2006.

MIRA MATEUS, Maria Helena et AL., **Gramática da língua portuguesa**. 2 ed. Lisboa: Caminho, 1989.

MULLER, Ana Lúcia. **Pronomes e anáfora** - o estado da arte. Revista Linha D'Água, n.16, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora /UNESP, 2000.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. 9. ed. Lisboa: Clássica, 1989.

PAIVA, Dulce de Faria. **História da língua portuguesa II**. Século XV e meados do século XVI. São Paulo: Ática, 1988.

PAIVA RAPOSO, Eduardo. **Algumas observações sobre a noção de "língua portuguesa"**. In: Boletim de Filologia, n.29. Lisboa, 1984.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

PIRES, Regina Helena. **Um estudo contrastivo da língua portuguesa: Brasil/Portugal - Para um modelo semântico**. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH, USP. São Paulo, 1993.

REZENDE, Antônio Martinez de. **Latina Essentia** - preparação ao latim, 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Os demonstrativos em português: descrição morfológica sincrônica e superficial**. Estudos Lingüísticos. (1978, p. 64-66).

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

ROCHA, Marco. **Relações anafóricas no português falado: uma abordagem baseada em Corpus**, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática** - teoria e prática. 26. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2001.

SILVA, Silvia Santos da. **Demonstrativos, dêiticos e anafóricos**: duas sincronias em confronto (séculos XV e XVI). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2000.

SILVEIRA, Cláudia Damião L. de A. (2004). **Edição de Textos Relativos à Defesa, Segurança e Fiscalização Portuária da Baixada Santista no Período Final do Século XVIII e Início do Século XIX**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

SOUSA, Ana Rita. **Deíxis**, 2007. Disponível em:
<http://www.gxnu.edu.cn/Personal/szlin/deixis.html>. Acesso em: fev. 2008.

VERNEY, Luís António. **Verdadeiro método de estudar**. ed. Org. por António Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa, (a 1.^a é de 1746), 1949.

VIANA, A. R. Gonçalves. **Ortografia Nacional**: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Lisboa: Viúva Tavares Cardoso, 1904.

19 ANEXO 1 – IMAGENS DO MANUSCRITO

*Reminiscencias
de
Escritos*

1543 — 1870

por

José Luis Promesa

Sentença (Canon 1393, § 4)

Li o trabalho "Reminiscências de
 "autores" de auctoria do Sr. João Luís
 Promessa, cumprindo-me declarar que,
 salvo melhor juízo, nada ha nessa obra
 contra a fé catholica ou contra os bons
 costumes. Não tratamos o auctor de
 alguns pontos que attingem a historia
 ecclesiastica, e nem se faria mister
 censura previa do livro, de que trata
 o Tit. XXIII, Cap. 7. do Direito Canonico.
 Nihil obstat.

Auto, 24 de Janeiro de 1930.

Padre Brito Franco
 (Censor ad hoc)

Com approvações Lulianactura.

Lentes, 29-1-30

2.º José Maria, Neta de Lentes.

"A Villa de Santo he
uma das quatro prin-
cipaes da Capitania
de São Paulo, e dista
de São Paulo 12 leguas.
Porão a Martin Affon-
so de Paiva de mui-
ta gente que em
seguimento de Portugal."

Alim. de Santa Maria no Pau-
taua Maria, tomo 8, livro 21, lto. 12,
pag. 212.

He a tempo e o grande
factor da destruição do passado,
e a malandragem do que se cha-
ma paizinho completo a obra
destruidora do tempo, uma obra
sagrada na se destitua: tudo o
que fica escripto!

Este e o motivo do seu
seito trabalho, para que os seus
factos e citados não consigam
apagar o seu nome e
ainda a sempre glorioso posto
grande e hospitaleira Santos,
para o que ficam as feminas
eucias de Santos.

Ilha dos Carstos
 situada para Praya
 baixa, localmente do Penitente
 em 1.543, latitude aus. 1.543
 tral de 23°, 36', 15" e longi-
 tude de 331° 39' e 30" da Ilha
 do Porto, fica distante da ca-
 pitel 12 leguas.

Em duas barras: uma
 denominada Barro Grande, por
 onde entram os rios de gran-
 de curso; e outra da Portogua
 que da entrada das pequenas
 a pequenas e barragens.

O tempo em que esta se-
 tuada é baixo e humido. Dis-
 tante de Santos está a povoação
 do Cubatão, que lhe fornece
 madeira por Lei de 1.º de Março
 de 1841, e que communica-se
 por terra pela Estrada de Ferro,
 e por mar pelo rio do mesmo
 nome, que traz as peças originaes
 da fachada maritima da Bahia
 Parapiacaba.

O rio dos Pedros de ca-
 mino que corre através do Porto,
 e por esta se despende, for-
 mando varias catadufas,
 é o tributario mais septentrional,
 a sua direccao mais geral
 depois que desce barragem da

Servu, e' a Q. E. e Lampa de
na saturday da Noite do lo-
gum de Santos, por quatos
bocas com o mesmo de Furo.

Quia Cuchetas e' mado-
na para a entrecapão de cá-
a de palmos, e mais no pre-
mar de onde se a entlocada
até a confluença do Rio dos
Pedras, onde a legua de cá-
da paragem.

Existe tambem o Sa-
rado do Sabão, que e' um pe-
gueno estero que communica
os municipios do Conceito
de Itapira e de São Vicente com
o de Santos, e por elle se trans-
portam os productos agricolas
daquelle municipio para o Por-
to de Santos. O seu mado-
na e feita por canoas, pique-
ras e portacamentos de boas
de peão-mão. A população de
Santos até 1880, era de 10.500
mas em 1885, tinha a-
cidos trinta e seis mil e os-
tos edificados e habitantes.

Coadeira

Até no logar onde hoje e' a Praça
da Republica.

Até

1870

Até

1880

Coadeira
no logar onde hoje e' a Praça
Telles.

[illegible]

drose de Sibye "

Esta Santa e principal
frente da Província por onde se
exportava a maior parte
dos seus productos, e que a
miraram os Reis e Príncipes
e os futuros Reis e Príncipes
pelo seu desenvolvimento e
prosperidade.

Santos que mereceram alguma
 tração e ilustração, e as outras
 como se iam. Theodoro de
 Tholomeu de Jarmas, as tres
 imagens lindas da Virgem
 de P. Leopoldo e outros muitos.

Das neue pferd ap-
ten o primen colan forte
que que vier plantar sa-
quima no solo virgem da
America. L. 11

Donnerstag. *San Martin Affens* de
Serga *primario donatus* de
Capitulum de Romania.

Posuio a cidade de
Santos e a gente que jaz

Matris
gradue in Nova Seclora de Pe
sant Apparece.

com a mesma imprudência, e que
ainda existe, reformada quasi
completamente.

Jesus Manoel José
 sugira a família com o nome
 de Casellas
 N. S. do Monte Serrate,
 Ordem de São Francisco,
 que ainda é a mesma,
 Igreja,
 P. Francisco de Paula, da
 Santa Casa,
 P. Francisco de Sales,
 com o lauro e nobreza
 da Ordem de São
 da Penitência, que
 ainda existe, e
Conventos
 N. S. do Carmo
 Santo Antonio, que
 hoje existe somente
 a igreja, pois o velho
 convento foi demolido
 em 1860.
 Entre as igrejas
 as capellas de Santo Amaro
 da Fortaleza da Barra, S. J. do
 Baptista na Curitiba, N. S. da Vitoria,
 no Sítio dos Nerys, antigos conventos
 da família Aguiar e Moraes.
 Sobre os conventos, igrejas
 e capellas, adigite, em a
 sumo procurador histórico
 um livro dos dados que contém
 que alguns documentos

Portos austrais

Quarta de Mandugu - Kerauca - Ati
Ignacio Pinto 1870

Becco de Arceval - Antonio de Lurim
Rodrigues

Onze de Junho - Jan Antonio de
Mendes Fátima

Praia - Aliax de Jernima de Lhas
Consulador - Mera Provincial - em

Capella - C. Bueick - H^a

Pal - Souza Lurim - & Varguino

Estrada de Terra - (inter muros) fin
Estrada de Terra de
Santos

Praia - Lurim - Lurim - Lurim
Repromissão - Santos

Exame de os pontos que se
vão até o acum de 1870 para
embargo e desembarque de mer-
cadorias em toda a extensão da
praia. Muitos desses trapiches em
deixam até do início das
obras do porto levados a efeito
para o embarque das mercadorias de Santos.

Um dos meus pe-
qui assumpto e extremamente leve
diciu e a rapidasilimpas aq
mas palácias sobre alguns domos
ilustres filhos de Santos, para
depois extenuar me mais que

de me referir as suas Tzuzas e ca-
 pellas e exscentos da antiguidade.
 Registre aqui apenas o que
 me dety sobre os fillos illustres,
 pois a biographia de cada um
 d'elle certamente ja existira e se-
 ria superfluo reproduzir aqui.
Jose Pamplão de Andrade e Silva

Nasceu em Santos em 13 de Junho de 1863.
 Por engano alguns biographos dão
 o seu nascimento em 13 de Junho
 de 1865, porque a isto se appoia
 a certidão de baptismo que attesta
 a validade da primeira data:

"No acto do baptismo ce-
 lebrado em 18 de Junho
 de 1863, pelo Vigario Po-
 nificas Marcia da
 Silva, recebeu o no-
 me de Jose Antonio,
 por quem mais tarde
 substituiu por Pani-
 facio."

Falleceu em São Domingos, no Rio de
 Janeiro, aos 6 de Abril de 1888, e seu
 do seu corpo exaltado em, por
 disposição testamentaria, foi trasladado
 para o convento do Carmo,
 em Santos, sua terra natal
 onde descansou.

Martim Francisco Ribeiro de Andrade
 Nasceu em Santos em 1875, sendo
 baptizado em 27 de Junho do mesmo

Tommaso Tacchini em Santos, em
23 de Fevereiro de 1844.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada
Machado e Silva. Nasceu em Santos
em 1.º de novembro de 1773, e faleceu
em 5 de Setembro de 1845.

José Feliciano Fernandes Pereira (Vis
conde de São Leopoldo). Nasceu em
Santos em 9 de Maio de 1774, e falle-
ceu em 6 de Junho de 1847, em ex-
ílio em Porto Alegre.

Padre Bartholomaeus Jansen de Guimarães
(Belga). Natural de Santos, falle-
ceu em 19 de novembro de 1724, em
sua casa de Misericórdia de
Santos. Inventor dos balões aerostáticos, e
obteve o privilegio por alvará
de 19 de abril de 1709, fez a primei-
ra demonstração de sua machina
em Santos ao Real agosto do mes-
mo anno, na presença de El
Rei e fidalgos no Pátio da Casa
da Jordão.

Alexandre de Gusmão. Nasceu
em Santos em 1695, em sua casa
mãe do Padre Bartholomaeus de
Guimarães, e viveu com elle por au-
las das fscitas que passavam
pelas mãos bem rezadas e refe-
ras da Colônia, estabelecidas
das segredarias que se achavam
em Santos e Companhia, e

qual nasceu de 22/12/1640, filho de Paulo Gomes de 1640, sereno de Hospital de doentes e onde foi o Alcaide da freguesia de São João, onde foi edificado o Recolimento de São João do Estado.

Não obstante os grandes serviços que prestou em nome por espais de 20 annos na diplomacia, chegou a ser "audientum" de El Rei D. João V comtudo este Rei todavia nos censurou que elle se retirasse a dignidade de Principe do Brazil e lhe offereceu o Papa Benedicto X^{VI} e mandou a continuação a servir com o mesmo zelo e dedicação.

Foi Alexandre de Gusmão quem levou a El Rei a creação dos Bispos de São Paulo, São e Minas.

Em 1756, depois da morte de D. João V em que de egir da graça do novo Rei D. José I^o vivia tristemente, e a seu amor uma doença de Puz o Alentejo e em 1751 a sua morte e a sua doença que o levou em 1751 a uma morte que prosseguiu, e a sua morte.

Não se sabe quando se fundou esta
 freguesia, de que paróquia
 interinamente se passou a ser
 filiada, succedendo-se a 31 de
 Dezembro de 1723, para Santos, de
 quem se desmembrou e foi se pella
 freguesia dos Remedios dos
 Carmelitas de mulheres.

Freguesia Matris

Fôz o anno de 1709, quando
 se fez demolida a velha igreja,
 ficando de 366 annos. Foi in-
 eio em 1543 por São Vicente ex-
 tica da Capitania, e em pou-
 cos os moradores de Santos entre-
 freguesia de S. Vicente e coinci-
 dendo a freguesia este facto
 e tendo se feito bastante a grua 1543
 de onde se tirou a Magistade e facul-
 dade para se fazer uma igreja
 com o titulo de Misericordia em
 a qual assigna um capellão
 sujeito ao Vigario de São Vicente,
 de licença do qual baptisam
 e administram os S. Sacramentos,
 e era o dito capellão senhor da
 Capella maior e nella governa-
 da pelo Frade da Misericordia,
 tendo auctoridade com elle o
 dito Frade da Misericordia

Sobre a Igreja, receberam a Sua
 Majestade, que resolveu que a di-
 ta Igreja servisse de Matriz e
 que os Ermos da Misericórdia
 e Langassem e fizessem outra
 Igreja da Misericórdia que com
 effecto assim se executaram e fa-
 zeram a Igreja da Misericórdia,
 transferindo para ella os orna-
 mentos e alfaias que lhes pe-
 tencia, e que mandaram
 fazer outra igreja e assim
 ficaram divididos uma da
 outra. Este foi o principio
 que tiraram a igreja Matriz e
 os Ermos da Misericórdia.

Tinha a Igreja Matriz sete
 altares de gualta.

Altar Maior - Invocaçãõ de N. S. do
 Rosario dos Brancos.

Altar de S. Miguel - Do lado do Evangelho,
 sempre tambem das
 Almas.

Confessario e Formandades

S. Miguel, Almas, e em confessorios
 com a obrigação
 de dizerem de mis-
 sas a cada dez
 irmãos que falle-
 cião.

N. S. da Piedade - Do lado do Epistola,
 seu confessorio

nel a sua cira composta de
 militares da Praça
 e a obrigação de
 se digarem cimas
 missas pelo armar
 de cada um dos fal
 leiros, e alem desta
 obrigação tambem
 tinham obrigação de
 dizer uma missa
 semanal todas as
 sextas feiras pelo ar
 mar e missas de defunctos
 assim tambem que
 o Altar das Almas
 de cima referido au
 pua melho dizer;
 a dito mandando
 no Altar das Almas
 tinha a obrigação
 de mandar dizer to
 das as segundas
 feiras com provisor
 pelo adro da igreja,
 pelas Almas.

Existia ainda alem deste altar
 lateral no corpo da Igreja
 no parte do Evangelho a quella
 do S. Sacramento Altar onde
 estava o sacra
 rio da dita i
 greja. Tinha
 Campanaria com

cau quanto a uma obrigação de
mandar dezer gravata meados
a cada tirada que fadecem, e
dezer desta obrigação, tem ha mai
uma grana semanal que
se dizem na capella dos si
mos viros e agiutos, todas as
quintas feiras.

Com frente a referida
capella, na parte da Esplanada,
estava a altar da Virgem de
de sa N. S. da Conceição, dos pretos
e no pedestal do dito altar
também estava a Senhora do
Vergo. Tinha pirâmide de pre-
tos, seu campomisso, serviam
a igreja e outra Senhora, com a
obrigação de mandarem dizer
todos os domingos uma missa
pelos irmãos vivos e defunctos da
mesma paróquia.

meio da propriedade de
Abaixo, da parte do Equi-
glio e sobre a Capella de N. S. do
Imperio; e sobre o Taboado e a
mandado dos honrados senhores,
seu compromisso com o abriga-
do de mandarem dizer sempre
missa semanal. Todos os
sabados, o que se suspende
por causa de se dar ter o con-
dimento da mandado, para
enagão da capella de Santa
do qual estava o altar de

N. S. das Neves contra a quebra do
dito Terreno de São João
parceiros, as quaes tratavam e
praticavam-se em o outro acta
passada entre o
Matris pia baptismal e em to-
da a freguezia e em capellas
filhas da subor: . . .
João da Bastança - N. S. da Apresenta-
ção.

N. S. das Neves - Em o nome de
São João, no
sitio das Neves, per-
tencente a família
Cav. de Magalhães.

São Sebastião - No sitio de São João, Ba-
ptista daes, frente
a Barra Grande.

Santo Amaro - Centro da freguezia
da Barra Grande.

Passava tambem pelo Cris-
tão no districto da freguezia
em o sitio de Martim da Oliveira
e em a freguezia de Santa Rita e
Santa Barbara, e entre no sitio de
Francisco Vicente Terceira, frente
ao rio Paribatuba, e em a im-
mortal de São João.

Tudo o que acima se
descreve consta do Livro de Par-
cela, tom. 1.º, aberto em 17 de Novembro
de 1746 pelo Vigario da Vara
Francisco de Oliveira Litor.

Ho recebido do Sr. da
Pereira, carta mais
uma de Sr. da
Mata, conforme se li a
seguinte. P. da Mata
P. da Mata

Paraná do Rio
de Foz de Iguaçu
em 1.4.54
Vigário
Carreira do Prato

"Do primeiro dia do mes de
 Junho do mil setecentos e cincoen-
 ta e quatro annos, e com fey
 dade do Ex.^{mo} e P.^{mo} Sr. Bispo
 D. Antonio de Albuquerque, na forma
 que se manda no Breve do
 mesmo e do deo. deo. e deo.
 Matriz de todos os Santos e
 de se fazer assentem nomes de
 pedras para sua divisa por
 onde haer noticia de esta
 terra, antes e depois da sua
 povoação, e desta estada; e assim
 para todo o tempo constar da
 presente Carta, foy esta e lareya
 por ordem do mesmo Ex.^{mo} e P.^{mo}
 Sr. Bispo, da minha letra
 e sigillo. Dado, na Junta
 de 1754. O Vigario, Francisco
 Xavier de Paiva
 Para melhor esclarecer

mentes sobre a Segunda, que
 a quem Matris, refazemos o docu-
 mento mais antigo, e testam-
 ento de Pedro Cubas feito
 em Santos aos 17 de Setembro
 de 1628, e consta ter sido na
 primeira Casa de Misericordia
 desta cidade de Matriz onde
 se enterra Braz Cubas, tendo
 a sua assinatura o seguinte
 epitapho: *P. B. L. S.*

"F. de Braz Kutas camleir
no fidalgo da Casa
d'El Rei. Tendo resen-
ta Villa semo Capitos,
e Casa de Mironcondio
no anno de 1548, gles-
eu brio oiro e metacos
em 60, fez tortalura
pore munda do de El
Rei D. Joao III. Talliceu
no anno de 1592."

no anno de 1592"
 Lourenço de Azevedo, alcaide
 fidalgo da terra de São Paulo
 e da Vila Rica, que a
 parou em 1709, e por isso recebeu
 de V. M. a seguinte quitandaria, muitos
 irmandades, confrarias, assign-
 como a igreja de Santa Luzia
 de Misericórdia de Santos, Comenda
 notou, como adiante se vira, que nem
 todas as irmandades mencionadas
 tiveram fundações nos primeiros

Tempos da Matriz. Por Amador
fundo della apparecia depois de
anno de 1700. no mesmo
lugar, como consta do Livro
da Parochia, que fora lido em
17 de Novembro de 1746. A Matriz, la se tercia
edificaria no lugar. Vnde. Lectorio de Parochia.

Passiamo oggi a parlare
 nel Capitolo del Vero Sordomuto
 do Montussuato.

The Id. Montserrat

Seguindo a estrada recta, no
colliu de do mesmo sítio, da
barragem a cidade, se fôrta
no Monte de S. Bento, e restau
rada alguns dias, a pé
a par de fôrta, e por interme
dio da estrada de S. Bento de
Monte Frio, para a cidade de
S. Paulo. Diz-se que publi
cava a seguinte:

capitulo de H. S. de Monte
Leopoldo, tit. 1.º de la granja de Santa
Cruz (Santos de la villa) no
Cataluña de Viquez que en
donde se encuentra el Convento
de San Juan. D. Bernardo Ro-
driguez Viquez, primer

Desde regressão da Europa
 por Cadea Regim Transmittida
 por intermédio do Sr. D. Patricio
 seu Successor Mr. Herrer, con-
 forme obra citada, pag. 8.

Regressão providenciada em 1607
 e falleceu em 10 de Junho de 1611.

Em 1652 o Padre
 Provincial de S. Paulo Frei Ber-
 nardo de Souza, em virtude do
 governo de apelação, seguiu
 a:

"Hm. Sr. D. João Padre Provin-
 cial de S. Paulo, Frei Bernardo
 de Souza, que Dom Fructu-
 osus de Souza, seu D. For-
 nador de Estor, introduz-
 iu nelle a ordem de Nossa
 Senhora do Monte de Carmo
 na Bahia em Tapogipe
 fazendo uma capella que
 pertence ao Provincial de
 S. Paulo para administração
 do povo e administração
 da casa do Rio, sendo a in-
 terior do Monte de Nossa Se-
 nhora de Carmo, e do
 Senhor de Carmo, e do
 de Religiosos a trouxa
 Nossa Senhora do Monte
 de Carmo, e do
 do povo, e do
 da capella, e do, no Vila

Enviada a quem faz mui-
cas nos ter pradeiros,
município que seja da
ministração pelos grades
de S. Paulo no tempo o
Vigário de Santos a isso
subscrito. Por de Janeiro
quinze de abril de mil
seiscientos e cinquenta e
dois.

A Pásse

1655 "A 27 de abril de 1655 o Re-
verendo Padre Vigário Cúria
da Paróquia Ecclesiastica, Fernão
Rodrigues Gaudin, Vigário
da Matriz de Santos, deu pro-
se a seguinte Ordem de Procu-
ra da Encomenda de Nossa Senha-
ra do Monte Santo, seu Orde-
nário Provincial da Bahia
do Patriarchado de S. Paulo, e cito
Enviada situada no Outeiro
da Vigia da Villa de Santos,
desmembrando a da Matriz
e unindo a do Mosteiro de
S. Paulo sob a invocação de
Nossa Senhora do Carmo.
Foram testemunhas Frei Pau-
lo da Victoria, Greg. Lopes,
Frei Agostinho de Jesus, An-
tonio Gonçalves, e eu escrivão.

de fidei Ecclesiarum Annuario Rodu-
gus Sepulveda, por quem se a-
cha em seu livro o auto de fide. As
chaves da dita Ermita foram
entregues em seguida pelo di-
to Provincial da Antares Jma-
res, que fizeu ser a Ermita
da "Linda".

Mosteiro de São Bento

O lugar onde está fundado este Mosteiro foi chegado
do seu scriptum publica do
ano de 1650 por Bartholomaeu
Terreiro, Mauras, sua mulher
Ezabel Barbara, seu filho Ant-
nio Fernandes Mauras e seu 1650
mulher Maria Gabello.

Antes do mosteiro Martin,
foi edificada no lugar um
capella de Nossa Senhora do So-
to, depois de milia para a
edificacao do Mosteiro em 1755.

Nesta capella foi abrigado
o Padre Regador Frei Manuel
de Santa Maria, Custodio da
Provincia Franciscana em Por-
tugal que veio fundar a
Provincia Franciscana no
Rio do Brasil, que adiante
se vae ler quemos deveser

a história do Convento de Santo
 Antonio. Esta capella foi con-
 tida em 1637, muito antes
 da data da doação aos Mon-
 jos Benedictinos, como se deus
 do fundador do Convento de
 Santo Antonio em 1634-1640, au-
 tamente que foi Marcos de
 Santa Maria, então Hospital
 do "n. capella" do Destino. Pa-
 recia portanto que os monges
 Benedictinos já residiam na
 sua capella, porque não se pode
 afirmar com segurança pelo fa-
 cto de se ter sido doado, se
 não em 1650.

O actual Mosteiro de São
 Paulo conta ter sido edificado
 no anno de 1755, sendo ainda
 dezo o nome do Sr. D. João
 de Albuquerque, mentando Sr. Gaspar
 de Mello e Deus, em sua História
 da Capitania de S. Paulo, que
 parte firme governo e
 a entrada da religião no Brasil,
 e das fundações na página
 27, em data de 1650, fôr o
 mosteiro de Santos, logo os monges
 residiam de facto na capella do Des-
 tino, antes da edificação do ac-
 tual Mosteiro. Neste mesmo
 mosteiro está sepultado o referido
 Sr. Gaspar de Mello e Deus, o

uma das melhores histórias que
seu favor mereceu, e seguramente
é a mais interessante que se
pode encontrar sobre a
história da região.

Jesus Maria José

A capella de Jesus Maria José,
está localizada em frente ao en-
troamento "Porto do Piopi", na
freguesia de Póvoa, corresponden-
do ao povoado antigo dos camponeses
M. de 3 do Douro.

Foi construída nos primeiros
tempos da fundação de Santa, como
vem na história da Nossa Senhora
que se refere a mesma capella em
igreja. Era sua proprietária D.
Dona Teferina Vaz de Carvalhães.

Das poucas photographias que ain-
da existem quando essa capella
foi construída em ruínas, para se co-
mecer que teve seu tempo de gran-
de duração a "Lapa do Famílias", on-
de certamente era muito com-
mune pelas contemporâneas.

Santo também nesse tempo
se resumia em uma pequena
crua de pedras que era capella
estava situada quase no
centro da então Villa, com qua-
si todas as igrejas e conventos
alguns ainda existentes.

De Sampaio e Jesus

Sei muito pouco de este e
esta Ordem que mais tra-
balhou no Brasil para a forma-
ção da nossa nacionalidade.
Com isto estou accorde. Todos os
historiadores, no entanto, por de-
fector factor, occorrido na de-
dução dos seus feitos de Santo
Ignacio de Loyola, torna-se
algo difficil dados seguros se-
bre estas, por isso, especialmente,
de diversos pontos da Ordem Santo
Igreja no Brasil, com o de se a p-
parecimento de antigos documentos.

Sei, repellido a pouco, no
parte local, primeiro, a parte o
de este trabalho, isto e, no que
se refere a Santos exclusivamente.

Historicamente, occorreu
o a talior historico. Foi, J. J. J. J.
na Ordem de Deus, nas "Notas
dos Annos em que se descobriu o
Brasil", pagina 367:

"que os primeiros femi-
tas praticam de Lisboa
em 10 de Fevereiro de
1549, chegando
a Bahia em fins de
março ou principio
de abril do mesmo
anno, com Pedro

de Louz, que ao todo
eram seis governa-
dores o Padre Manoel da
Nobrega... e mais
adante segue-se,
em 1533!
entramos sujeito a'
Provincia de Portugal
e Nobrega no Woma
ra... e foi criado o com
o titulo de Vice Provin-
cial, etc.

Aqui nota-se uma confusão
de datas: Como em 1549 chegou
a Bahia e em 1553, por consequente
muito antes, e não como se diz
Nobrega como Vice Provincial? e su-
jeito a Provincia de Portugal? For-
camente trata-se de organizar
a revirada e não praia ter sido
outro motivo. De mais na
obra citada, pagina 367, que

em 1553 Santo
Ygnacio criou nova
Provincia indepen-
dente no Brasil.
Logo depois o Collegio de
S. Vicente e se foram fundados no
Brasil em 1549, aqui nota-se
esta confusão, pois se foram o
mesmo antes em 1549 e chega-
ram a Bahia e logo depois que
o Collegio de S. Vicente foi fundado

dado, nova data re-se-
guir-se-á;

"Depois de funda-
dos se achou de
S. Sebastião, e de
de fundação se mel-
hor colligio em
1547, e extinguido.
Pedro Gomes
de Aguiar, Bispo
dos Índios, e de
Santos, e de
de S. Vicente,
se propoz ter
muito pobre, e
as Religiosas nellas
extinctas, man-
dou os pais o
de fundar, como
tanto, por um
para quem
Religiosas tẽha
na Villa de Santos
o qual ao de pois
foi colligio de
S. Miguel -"

Logo se concluiu que o Col-
legio de S. Miguel, em Santos, foi
construido em 1654, por ter sido de
1550 S. Vicente edificadas em 1549
e seguiu-se no Brasil, pois, quan-
do for extinto, de S. Vicente
foi extinta a casa de Santos!

Collegio de S. Miguel

Este collegio de que me
occupo meo tempo a compra
de terra de Jesus, estava no lugar onde
hoje esta edificada a Igreja de S.
de S. Miguel de S. Estevão. Os jesuitas
residiavam nella até o anno de
1640 e, pelo que se lê nas "Notas
em 1640" em que se annos (4) pag.
o "Brasil" de Frei Gaspar da Madre 369
de S. Paulo, segue:

"Sob o anno de 1611 se
estava de grandes con-
tendas entre os jesuitas
e portuguezes moradores
na Capitania, e os
dilectos originados
da liberdade dos indios
que os Padres defendiam,
talvez com seus exarmos
vieram produzir o se-
guinte attentado:

Todas as Vilas e seus
Camaras constituiram
procuradores que assis-
tissem a um Congre-
so celebrado em capi-
tal de S. Vicente, onde
resolveram expulsar
os Padres de todas as
Capitania.

Academias de Santos em
cutos esse acordo em 18 de
junho de 1640, tendo feito
o mesmo a de Santos. To-
ram-se os fiscaes tudo de
março de 1640 e extermi-
naram.

Depois destes aconteci-
mentos, Sr. Magistral de São
em 1648 e 1649 onde moço
que voltassem para seus col-
legios, que foram a elles res-
titudos em 1653 mas não
ficaram no mesmo em suas
cidades.

No Collegio de S. Miguel
em Santos estudou o grande de-
plorado Alcaide de Jussim,
comandado pelo Padre Bartholomeu San-
tiago de Jussim. Esta é a histó-
ria dos fugidos em Santos, onde
tantos bons senhores prestaram a
esta cidade, preparando seus
filhos illustres que foram
dignos de governar a Pátria e o
nosso Brasil.

A seguir passo a re-
ferir-me aos Carmelitas em San-
tos, desde a sua origem na
Capella de Nossa Senhora
do Graço, que tem sua his-
tória ligada as freiras de
Nossa Senhora do Carmo.

Capellania - Capella de
N. S. da Graça
(Vigário de Lopo e D. João de Almeida cap. p. de Comm. 1589)

Capellania em Santos
data do anno 1589 e, foi feita
capella na primeira residência
dos Padres de N. S. do Carmo. Vê-
mos o decumulo Historico:

Terceiro José de Almeida e sua
mulher Catharina Monteiro foi
to doação desta capella dos
Religiosos do Carmo em 24 de
de abril de 1589, com a penção
de quatro mil reis pagadas nas
festas do Nascimento, Purifica-
ção, Anunciação e Assumpção,
e sempre cantada com suas
vesperas no dia do Crasto da
Torreja, tomou posse della o
Rev. m. Frei Pedro Vianna em
1.º de setembro do mesmo anno,
em presença do Administrador
Bartholomeu Lima Pereira, eitan-
do presente Frei Lucas.

Respeito a fundação
da esta capella se encontra
uma publicação do anno
de 1870, que diz ter sido
a mesma fundação em 1562
sendo Vigário Communiario o
mesmo Frei Pedro do Crasto 3.º
de N. S. do Carmo, e havendo

desaparecida a primeira trans-
lado de doação entregue
àquelle Commissario,
Per' me Frei Valentin Berger
p'ostante a mesma Ordem,
requereu segundo, que se lhe
desse por translado original
quando devesse fazer a esta
villa remendo o primeiro sen-
do o novo traslado de doação
confirmado por Jose' Adorno
na escriptura de 8 de Junho
de 1663, quando Regedor Ge-
ral da Capitania de Santa
Cruz, e desta Villa, Jorge Romi-
guero.

Ja estavam escriptas esta li-
nha quando um amigo o
Sr. Affonso Matta me offer-
tou um "Percorso", de Frei Mau-
ricio Lins, superior m'igreja do
Carmo actual, pela vezada da
inauguração das reformas in-
troduzidas no mesmo, em 31 de
março de 1925, onde depreveni
pagina 5, em que diz que Frei
Pedro Vianna aportou a Santos
em 1589; ate aqui coincide. Logo
o documento em que me baseei,
da a fundação da capella
em 1562, "Sendo Vigario Com-
missario o mesmo Frei Pedro",
regras que ha em a seguir.

na discordancia mas pro-
samosse suppor que haviam
duas pessoas com o mesmo no-
me, e de cada um de um
das partes ou de ambas com o
nome de quem e' mais provavel.

Foi Jaspas de Madu de
Luz. nas suas "Memorias para
a Historia da Capitania de
San Vicente falia, na pagina
262, em um ataque de ingle-
zes piratas em 1593 na cidade
de Santa Cruz da Capitania de
San Vicente. E de suppor se
que tiverem sido nesta mesma
ocasião o ataque feito a Santa
quatro nas barbas o documento
original de doação da capella
de N. S. da Graça.

Em outro ponto que precisa
se dar um esclarecimento.

Fa'vimos como foi feita a
doação da capella de N. S. da Graça, ago-
ra seguem as "Memorias" de Sr. Manoel
Luz, falia, e na pagina 5,
aparece Braz Luis de Albuquerque, don-
de se vê e haoreu que se acha-
va a capella de graça, os quaes
constavam de 44 + 107 braças etc.

Parce entao que houve
doação da capella foi doada? Res-
ponde que não. O que diz
houve foi doação de terrenos fura

54 bracos, ficando
 a' Ordem
 a quantia de
 62400 e pelo
 prazo de 10 an-
 nos, os frades
 ficaram res-
 ponsaveis pelo
 valor do capel-
 lo da Graça,
 manifestando
 o valor real da
 obra em 1599,
 quando os frades
 compraram a obra
 de 1599,
 o terreno em que
 está o convento
 actual.

Como vemos na ha referencia as en-
 tas sobre sua edificacao. Se elle rehi-
 ram do capello da Graça em 1599 pa-
 ra onde foram? pois em 1603 e'
 que os 54 bracos cantavam a' Ordem
 62400 e, certamente nesse epocha
 não poderia estar concluido o Con-
 vento da era o mais o actual con-
 vento tem na frente, em cima da
 porta da Graça de data 1754!

Não recio em concluir que
 essa ultima data se refere a con-
 clusão do convento ou a alguma
 grande reforma e'la feita
 nesse epocha.

Ordem Terceira de N. S. do Carmo

Com referência a História
do mesmo Ordem não falarei
nos seus antigos, porque
poderei gastar um tanto
mais de meus nervos, eu
digo que ele é bem antigo em Santos.
da Graça. O posterior da capella
foi Pedro Viana como
Comendador da Ordem Terceira, po-
rém a diuina continua por su-
as mãos que a esta capella era de
propriedade decaída para a residen-
cia do padre, como prova abun-
dante Ordem Terceira, mostrando lo-
go no começo da obra os pedes em
"Quarto? e etc. / a em 1.º de Junho
de 1589" após o mesmo e pronto
depois da obra, pois, achamos que
esta data não pode ser menor.

Este em Compromisso da
Ordem Terceira de 1911, tem em tanto
sua elaboração da pedra funda-
mental da Igreja e diz o se-
guinte:

"A 4 de Setembro de 1753, dia
de Santa Rosa de Viterbo, Lav-
rou-se a pedra fundamental
da Capella da Ordem
Terceira do Carmo, com a epi-
grafe: Ad maiorem Dei
Gloriam - no anno

2.º do Pontificado de
 Benedito XIV, Levamos
 a pedreira Duas da
 Ordem do Carmo
 Miguel das Aguias
 e o Frades e o Frades
 deite Ordem Manuel
 Jorge e o Ministro
 da Ordem de São
 Francisco da Bahia
 tenente João José
 da Silva e o Frades
 de Ordem
 Sebastião de Moraes
 ga".

No mesmo lugar, também tem
 um túmulo de cerca da capella
 em 8 de abril de 1766, pelo Visi-
 tação Frei Bento de Sant'Anna, ten-
 do Rio da Ordem Antunes José
 de Carvalho, etc.

Agora mediante o que se
 me pediu sobre a Ordem Terceira
 do Carmo, posso garantir que elle
 é muito mais antiga do que
 a data da fundação da Capella.
 Isto porque?

No velho archivo da Ordem
 Terceira de São Francisco da Bahia
 consta o registro de uma pre-
 catória que esta Ordem enviou
 aquella no anno de 1709, pro-
 consequente para se tirar a

imputar-se a entrar por em
 distrito Tinkham e mesmo nome.
 Este nome que opormente
 era proprio do Hospital se
 communicou logo a pouco
 e principalmente a cha-
 mado-lhe "Porto de Santos",
 como se pode verificar nos
 documentos antigos. Isto se
 lê sobre de fundação no
 Relatorio do Populador de Tamar-
 cande o Sr. Landri Luis da
 Costa, em 1857 de Junho de 1857.
 Fica Gaspar, no de 1858.
 "Memoria para a historia da
 Capitania de S. Vicente na
 pagina 810 diz o seguinte:
 "na Paroquia se comprehen-
 dia no terço da de S. S.
 Vicente, a cuja Paroquia
 em seu tempo estavam
 sujeitos todos os fideis
 desta Capitania, nome
 da sua jurisdicção se
 estendiam os Contistas
 primarios do que os outros
 alcançavam que a fre-
 quencia se dividisse em
 duas e para isso conser-
 varam os fideis da
 Misericordia, que na
 sua freguesia exercitas-
 sem as freguesias pa-

1. ¹postrado, e quando se arde
edificasse novo templo pa-
ra a Matriz, porem o de
que se trata se despendera
pelo tempo occorrido, porque
minha de fôrça de terra fôrça
não obstante ordenou o
Rei a seguir o mandado do
maior, que o Vigário de
Cupira e a Misericórdia,
e se constituiu o Grupo Par-
ochial. O certo certo e certo
daquele levantamento o Trino
da Misericórdia contra o
novo no logar onde hoje
existe a Misericórdia e que
a Matriz a que este havia
feito, a qual não havia mu-
to tempo, e a Matriz a que
existente e terceira, por
ampla e se ha que se ha
edificada no mesmo logar
da Misericórdia antiga.

De ter a Matriz a
terceira igreja feita no logar da
mesma no Bastião de S. Paulo
de S. Paulo, Registo de Termas, N.º
1, livro, no título 1555 folha 70.

De mananciais que a
primária Matriz se constituiu
pelo Trino da Misericórdia, e
fazem a segunda igreja com
seu hospital a mesma.

Cuteira de Santo Catharina

Este cutear foi no logar
onde hoje se ergue a casa
Vicaria do Rio Branco, com
a sua constituição. Ainda
existe nesse logar uma pe-
dra grande em cima do qual
está edificada uma cruz.

Na mesma pedra um
pedaço de bronze marcado
colocar pelo Camarão Muni-
cipal em 1902, comemor-
ativa a fundação de Santos
por Dom Gubias em 1543.

Hoje não ha de se ver
este cutear e sim a cidade
de Santos e, segundo seu Gaspar
de "Memórias", a povoação de
Santos teve origem em 1541,
isto se lê na pagina 212 em
diante. De facto quem tomou
de se oficialmente a fundação
de Santos em 1543, precisamos
notar que para isso houve
população sufficiente, e foi o
que se deu quando que
origem no cutear de Santo Ca-
tharina. Assim sendo, era
mais logico datar a fundação
de Santos o anno de 1541,
isto é, deus annos antes.

Igreja de N. S. do Rosário

Com a primeira despesa
não se pode afirmar a data
da sua fundação; mas a
vista do provimento feito em 30
de agosto de 1756 pelo Escrivão
da Villa do Rio de Santos Al-
berto José Gonçalves Bandeira,
de mandado do Dr. Provedor de
Capela Francisco Custódio de
Almeida Figueira, do Obediente Es-
crivão da Trasmontana de N. S. do
Senhor do Rosário quem então
cumprava ambas as cargas
Miguel da Costa, ordenava
que largasse no livro de cre-
dita a quantia de 1000000 ap-
plicados para dote da igreja
visto não se dar em despesa.

Em 1757 fez-se a entrega em
carta de dote da igreja como se
deprehende da conta apresen-
tada pelo Obediente e Escrivão
Domíngos Pereira Viegas onde
gastou a quantia de 1083230;
por um não funcionaria até
algun; tanto é que os irmãos
da Trasmontana eram Depu-
tados na Igreja N. S. do
contrario se menciona apre-
sentada em 1759 por Domíngos

que Pereira Viegas o pagamento
de 14600 em cento e setenta e seis
pulgadas daquelle Igreja Ma-
triz. Em 1652 foi achada e creada,
a vista do Regimento de clero
em parte pelo Sr. D. Pedro de
Sousa e Silva, fidei-jurista de Andrade
dizem Livro pelo mesmo rubri-
cado a 11 de Janeiro de 1750,
do teor seguinte.

1. Com esta humilhada nove
liras, inclusive este e' o
primeiro que tem, primei-
ro a ter nos em 1.º de Au-
tubro de 1652; cujo dado
se conservava e com especiali-
dade o primeiro, pois, nel-
le se f.º 38 se declara
haver provimento do Gra-
maria pelo qual mandava
que o dinheiro da humilha-
dade se fizesse de oito por
cento donde escrevem "Andrade"

Pessua a humilhada em
1756 duas e meia braças de
terra comprada a talaoel de
se fidei-jurista de Andrade, que e' o ter-
reno em que existe edificada
a Igreja dos Padres do Sr.
Andrade Sabo em meo do pro-
prio terreno citado que foi
se aforado a f.º 38. Segue
a 800 reis por anno; Com

como se viu no decreto
de nome Francisco no pa-
ço de 24 horas, o que não
cumprimos, tendo custado
em quantia de 110.800.

Em 1876, em uma pu-
blicação de uma época, dizia
que a Guanabara possuía
quatro apólices da Divisão
Pública.

Então quem se sabe da
história da Guanabara que N.
L. do Paraná, no tempo em que
ainda se encontrava Lopo Roca
Nuy Barbosa recentemente refor-
mada na sua frente, man-
tenha-se ainda o estilo colo-
nial.

3
Mas agora me mecia
de proximidade a dar um resumo
histórico das antigas fortalezas
de Santos, que tão pouco serviços
prestaram na defesa da nossa
lugar, que por parte de ataques
de mar ou de parte de ataques
quase nenhuns que pretendiam
conquistar a terra de Santa Cruz,
nos primeiros tempos da colo-
nização portuguesa no Brasil,
por Martim Affonso de Souza e
D. Luiz Cubas, na parte de Santos.

Fortaleza de Gortoga e Outras

Nas suas "Memorias" a pagina 125 conta-nos do Sr. Frei Gaspard de Mada de S. Luiz que foi levantado por Martin Affonso de Souza - Fortaleza de S. Felippe - e como tirado, sido atacado pelos indios Paumotu, edificou a de Santiago na mangueira Septetima, na Barra do Negro nome, e o Capitão Math Jorge Ferreira reconstruiu a de S. Felippe em 1758.

Como sido Martin Affonso o Donatario da Capitania de São Vicente, como menciona o Dictionnaire Historico Geographique e Ethnographique, na pagina 720, onde lê-se que as Capitancias foram criadas em 1534, e é claro que Martin Affonso, quando menos, tirou dados iniciais a construção das fortalezas em 1535.

Quanto as Fortes seguintes, conhecidas por "Praça" fronteiras a Fortaleza da Barra Grande, e tambem a Forte de Itapema, na reita a menor duvida que foram todos construidos por Luiz de S. L. até o anno de 1560, conforme se deprehende do epitaphio de seu tumulo.

Segundo a carta de I. J. Pereira,
diz umu unipsum panada
em Santos, em 23 de Outubro de
1573, quando Commendante
Vitubio e Capitão José Teixeira
de Carvalho, por ter sido a mesma
edificada em terra de São

Foram os primeiros a serem deposedos
e quem os nomeou o primeiro Com-
mandante Militar em Santos, tendo
meado o General José Clemente de Car-
valho e Silva, em 18 de Outubro
de 1829, conforme livro existente
em 1870 em Secretaria do Commando,
tendo em termo da criação da
Comandaria datado de 1º de
Junho de 1846. O primeiro com-
mandante serviu até 7 de fevereiro
de 1863 quando faleceu.

Segundo a tradição que na
Bertioga houve uma Praça com
o nome de "Armação das Batias",
cujo vestígio desapareceu com-
pletamente.

Antes de começar a seguir
a parte deste trabalho, preciso
referir-me também a outras
distintas Comunidades e Lon-
dras de Santos, herdadas tam-
bem de nossos antepassados, a
medida do que conseguia respeito.

Archi epifania de S. da
Boa Morte

A data exacta da fundação dos archiepifania não há documento que se refira, porém em um "Discurso" de Frei Maurício Leme, proferido em 3 de março de 1725, por ocasião da inauguração das reformas no convento do Carmo, diz o seguinte da fundação:

"Também tem sido S. da Boa Morte, já em grande igreja, a Archiepifania de Nossa Senhora da Boa Morte; pois, próximo ao altar do convento, havia muitos sobre a dita Archiepifania, data de 1793.

Omeiro Frei Maurício Leme, na obra citada, também se refere a respeito de

Fundação do Lido Bom Jesus dos Passos.

"... Mais antiga ainda é a S. da Boa Morte em relação ao convento do Carmo, erigida em 1760."

Tambem, em algumas Linhas fa-
ço apudicadas com referencia a
Irmandade de São Benedito

Ha ha um documento
que se refere a origem desta ir-
mandade, pois, tem que poder,
assim tem de mais outros, um
livro de registro de irmãos, tem os
assentamentos mais antigos
as datas de 1862-1864-1865.

Subscro que esta irman-
dade appareceu na velha Matriz
que foi demolida e de lá se
transportou em 1907 para a Igreja
de Santo Antonio, onde esteve muito
tempo e, depois para attenda con-
certo que se tornava necessario
na Igreja, esta Irmandade foi
afixada pela Ordem Terceira da
Penitencia em dependencia da
referida Ordem, onde ainda se
encontra, ate que saquemos
a briga, em mesmo Jurem (Jura-
pella, como e ponto de os irmãos
do glorioso São Benedito).

Não resta a menor duvida
que e uma das Irmandades mais
novas por não ser mencionada
no historico da antiga Matriz
que havia comente, e não devemos
confundir, a Irmandade dos ho-
meus pados, que não e a mesma.

Segunda parte

Convento de Santo Antonio etc
desapparecido em 1860
Igreja do mesmo Convento
edificada em 1640

De todas as antiguidades
de Santos, que ainda se conserva
de peço a igreja de Santo Antonio.
Para a historia da igreja
e do seu extincto convento, recor-
ri ao velho archivo da Veneravel
Ordem Terceira de São Francisco
da Penitencia, onde achei dados
precisos com referencia ao mesmo
convento e igreja, assim como
outras antiguidades santistas.

O principal objecto
deste historico e' para que não desap-
pareça por completo, todo esse
trabalho das nossas antepass-
dos, que não mediram esfor-
ços e com os maiores sacrificios
consequencia devar esta memo-
ria da cidade e provincia por-
tuguesa no conhecimento do Brasil

e do estrangeiro. Não se
 muitos notou em referir-se
 em maior parte de se traba-
 as igrejas etc., com seus con-
 vito, mas, não se conviz, que
 queriam quem não, que foi com
 a dedicação da igreja que
 tendo se fez no tempo do
 primeiros tempos da nossa in-
 canonicalidade tornando-se um
 ponto mais importante a ins-
 tuição primária e secundária.
 Cito isto a passagem,
 prosseguir.

Compreensão dos vultros
 papéis fa todos estragados pelo
 tempo, quasi três séculos,
 que se fuzer conhecer a que
 não deve ficar desconhecido,
 de modo a historia do Con-
 vento de Santo Antonio e da Casa
 Igreja, perpetuando de este modo
 a sua memoria.

O Convento de Santo An-
 tonio e respectiva Igreja foi fun-
 dada pelos Religiosos da Ordem
 Franciscana, pela piedade e
 zelo dos habitantes de Santos
 e da Vila e Praga de Santos, per-
 tencente a Capitania de San-
 ta, que com seus camolas
 contribuíram para a sua edi-
 ficção, como fizeram tam-

posteriormente em 1860, que pa-
ra não desaparecer a Igreja
do Convento, ajudaram a
Ordem Terceira da Penitência
em tirar o que fosse possível
para que a Igreja não tivesse a
mesma sorte do Convento, isto
é o seu desaparecimento, para
dar lugar à Estrada de Ferro,
como adiante se verá, a igreja
continua e continua até hoje.

O Velho Convento de Santo
Antonio demolido em 1860, esta-
va edificado no local onde
está actualmente os Estacos
da Estrada de Ferro, tendo sido
do desapropriação nessa época.

O Convento não existe
mais, porém a velha Igreja con-
tinua desafiando a ação do
tempo, permanecendo sempre por re-
pouso e limpeza, e ostentando ab-
livamente na sua fachada
três vitros indicando a data 1680.

Anteriormente ao presente, se
sa herança das antigas pedras.

O Padre pregador Frei Ma-
nuel de Santa Maria, Superior
da Província de Portugal, al-
cançando do Capitão Gene-
ral do Brasil D. Fernando

Marcananda, Lame da Torre,
Lencica, veio para a entre Villa
de Santo Travenço para prela
do local o Padre Rega ou Frei
Pedro de São Paulo, natural da
da cidade da Bahia com
muito alguns camponeses,
os quais recolhiam-se na ca
pella de N. S. do Desterro, que é
existia no lugar onde hoje es
tá o Mosteiro de São Bento.

Douçura

Estes em quinze edifi
cios o Convento de Santo Antonio
e a Igreja dos Religiosos de São
Francisco, cujos em 1860 foi
desaparecer como obras este, sendo
na vicaria da diocese de São
Vicente Frei Antonio do Convento
de Maria Almeida, foi doado
em 22 de março de 1640 ao Lus 1640
todas de Santo Antonio Frei Manoel
de Santa Maria, por D. Felippe
Peres de Souza, em escritura pas
sada pelo Tabelião Vicente Peres da
Motta.

Este doado em diante
os religiosos fizeram com more
da provisória passando de du
cupla do Desterro com o fim
de dar o começo das obras.

do Convento de Santo Antonio. Es-
se recolhimento providenciou para
compração a aquelle do mar
no Pracinha do Wallorago.

Tricis da Construção

Em 13 de Junho de 1640 de-
ram inicio as obras e a 19 de Ju-
lho do mesmo anno lançaram
a primeira pedra, celebrando
no lugar uma missa, onde
foze o Altar Maior e Padre Frei
Manuel de Santa Maria.

Chistórico deste velho conven-
to tem muita relação com a Vene-
ravel Ordeca Terceira de São Fran-
cisco de Curitiba, como na
sua historia se me completar.

Missa do Imperio

O Brinco Imperio, de 3 de Au-
tubro de 1860, libertou a freguesia
de passar pelo roto do Convento
por ter sido demittido, e visto
do accordo do Exmo. Presiden-
te da Província de Polycarpo Jo-
se de Leão e do Exmo. Fiscal
de Ignacio Wallace de Faria
Lefrane, mandamos o

João de Deus Majestade Empre-
saria por "Aviso" de 17 de Novembro
de 1861 que a "Igreja fosse en-
treque a Venerável Ordem Terceira
da Penitencia, ficando as enu-
meras e seus adornos.

O. Lira grande da Igreja

Este com que ainda está
no campanário tem também sua
história: "Vindo no navio 'Luzitania'
da cidade do Porto, per-
maneceu muito tempo em
bargho no Alfama do por-
to teram os Religiosos a quan-
tia necessaria para o pa-
gamento do fisco e outros
despezas, até que José Car-
reão dos Santos fez esmolva
de toda a quantia e a 28
de Julho de 1829 foi collocada
no campanário"
(Public. do Diário dos Santos - Annuario 1870).

Ainda com referencia as mes-
mas contendas, transcrevo os dizeres
de uma placa comminatória
que existe na Igreja de Santo Antonio
relativa a um facto historico:

15 de Junho de 1849, o Padre João
Maria Mastai Ferretti, de
país Papa com o nome
de Pio IX, de passagem
para o Chile em mis-
são Apostólica, morou
alguns dias neste con-
vento, sendo Santos o pri-
meiro parte da América
do Sul visitado pelo u-
nico Pontífice que veio
da Nova Mundo.

Sobre a colocação desta placa
ocorreu ainda que o digno do
mesmo foi ditado pelo Papa Pio
X, ao Ex. Coiza de Brasília de Que-
rothaus junto a Santa Li. na
ocasião em que se achava em Be-
rrão, o Comendador José Manuel
Alfaro Brangim, que tinha ido
1905 a cidade eterna, no 1.º pa-
tar de interm. do Ordeu Terceiro
como representar a mesma nas
festas do jubileu 50.º aniversário
de proclamação do Dogma da
Immaculada Conceição, sendo a
única Ordeu Terceiro do Brasil
que estor representada nessa
ocasião, tendo sido o seu Com-
mandador Alfaro Brangim, pelo
S. Pontífice, Pio X por interme-
do do Sr. Ministro de Buenos Cha-
res, com o intuito de achem no Ordeu.

Sepultamentos na Igreja de S. Antonio

Atendendo da Ordem Terceira
da Penitencia, livro respectivo, com
termo de abertura em 8 de Janeiro de
1826, por Manoel Jeronymo de Oli-
veira - Ministro;

Assentamentos
Segue-se uma quantidade de en-
terramentos de mortos, feitos de
sempre da Ordem Terceira, seguem-se:

I. Barbina de Carvalho, falecida
em 19 de
Janeiro de
1829 - Lado
do Evangelho.

N.º 7 - José Martins Vianna - falecido
em 11 de
agosto de
1834 - Lado
do Evangelho.

N.º 8 - Anna J. de Castro - falecida em
18 de novembro
de 1830, e

Maria Victoria, falecida em
24 de maio de
1835 - Lado do
Evangelho.

Nº 9 - Valentina Jones de Miranda -
fallecida em 25
de Maio de 1829.

Nº 11 - Manoel Francisco de Aguiar,
fallecido em 27
de Outubro de
1839, e

José da Souza Soares, fallecido em 25
de Setembro de
1841.

Manoel José Dias Gonçalves, fallecido em
10 de Junho
de 1849.

Nº 10 - Lagesito Moia, Governador
da Portoga, Sen. Ant.
do Gubi, fallecido em 14 de
Junho de 1826.

Capitão Francisco Aguiar de Santos,
fallecido em 4 de Novembro de
1830.

Nº 13 - José Pereira Vianna, falleci-
do em 26
de Janeiro
de 1838.

Nº 14 - Brigadeiro Antonio Fernandes
de Souza, professor
na Ordem 8ª em São
Paulo, fallecido
em 18 de ... 1833

Nº 15 - Antonio Pereira, fallecido
em S. Paulo
em 13 de Ju-
nho de 1847,

- quantia de
100\$000 de es.
mota para a
Ordem Executa.
- Nº 16 - Landeiro Peres, fallecido
em 1º de novem-
bro de 1826 e
Manoel Joaquim Gomes de Miranda, falle-
cido em 25
de maio
de 1830.
- Nº 18 - Manoel Marques
de Fonseca, fallecido em 2 de
maio de 1839.
- Maria Angelica, fallecida em 20
de agosto de 1843.
- Antonio José da Almeida, fallecido em
5 de setembro
em 1845.
- Nº 20 - Manoel José dos Guimarães, falle-
cido em 15 de
setembro de 1839.
- Francisco... fallecido em 22 de
maio de 1848.
- Nº 21 - Domingos Gonçalves Pereira, falle-
cido em 28 de maio
de 1826.
- Leite... fallecido em 14 de maio
de 1850.
- Nº 23 - Manoel Lopes do Santo, falle-
cido em 23 de setem-
bro de 1828.

Don Domingo Magaño, fallecido en
8 de octubre
de 1832.

Jose' Narcizo, fallecido en 18 de Noviem-
bro de 1849.

N.º 25 - João da Silva Oliveira, fadador
 em 8 de
 maio de
 1833, Sr.
 José da
 Oliveira em
 S. Paulo.

N.º 26 - José Gomes, Fm. da Cadeia
 em S. Paulo, faturei
 do em 10 de Junho
 de 1827.

En la ciudad de Madrid, fallida en 21
de Setiembre de
1838.

11-27 - D^o Caetano, Jurado de
Ordem em São
Paulo, fallecido
em 25 de Junho
de 1830.

Nº 28. Manuel Alves Pinheiro, fallecido
en 20 de
Octubre
de 1828.

Capitão Joaquim Rosa, médico, do Oregão
em S. Paulo, falleceu
em ... deixando
uma soma de 25\$ 600

Sr. B. da parte do Evangelho,
 Manoel de Siqueira, fallecido
 em 13 de de-
 zembro de
 1833.

Escrevamos.

Quasi todos os conventos por
 ordem seus enraivos que eram do-
 cos, que se faziam para os serviços
 da casa e, neste sentido tem no
 archivo do Ordem Provincial da Pádua,
 pacote N.º 32, um livro que é o

Inventário do Convento em 1853

No termo de abertura do que
 esse inventário foi feito no Ordem
 Ministro Provincial Frei Francisco de
 São João, por ter o antigo livro se per-
 dido nem mandregio que ocorreu
 o Padre Guadalupe de Santo. Na pagina
 3.ª verso do:

Perrecto, pardo, foi para a Corte por
 ordm do Rev^{mo} ... ao 21 de
 dezembro de 1854.

Perrecto, pardo. Existe o este inventário
 João Apicam, de nação. Foi vendido
 já no inventário.

Mais alguns os mesmo livro tem

o seguinte historico:

"Obedecendo ao Decreto que aqui se menciona se vendeu aos Alcaides & Pandeiro tauris sido feita esta venda com a previa licitação do Ex.^{ma} Paez Provincial Frei Antonio do Carmo da Ordem de Maria Almeida, pela carta que assignou em 24 de Outubro de 1855. Faltou o erro. E tendo ficado o convento de nomeado do dito encargo de este termo que assignou. Convento de Santa Antonia em 1.^a de Junho de 1856. Frei Manuel de Santa Thya e de Blas Branded."

Tradicoes

Fazem que, naõ havendo em Santa agua encanada, o maior serviço que se prestava, era o transporte de agua da Bica da Moura para o Convento de Santa Antonia. Certo serviço que faziam em a limpeza do Convento e do Igua, e naõ era o real tratado, pois empunham a vista com a deo, e os que tinham e estavam arcaes muito os Religiosos Franciscanos.

Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência

Apreciação em geral

A Terceira Universal Ordem fundada pelo seu Seraphicus Pater S. Francisco de Assis, em 1224 e foi aprovada pela Regra pela Bula "Missa vocis" até que o S. Pontífice Nicolau IV a 17 de Agosto de 1288, novamente a aprovou. Esta Regra foi reformada por Leão XIII na sua Constituição "Misericors Dei Filius" em 30 de maio de 1883.

Respeito desta Ordem se manifestaram cardeais e outros graças e privilégios 41 Liberações Pontíficas; com demonstração de seu paternal affecto passou a Bula "Paterna Sedis Apostolicae" em 10 de Dezembro de 1725 e S. Padre Benedicto XIII de Felis memoria, que confirmou nesta Bula todas as graças e privilégios aos filhos desta Universal Ordem.

Da mesma Ordem tem sido aprovada por três Concílios Gerais e outros: O Niceense no tempo de Clemente V, o

Lateranense de São X e o
Tridentino.

³
A Ordem Terceira em Santos.

Commecei a fundação
em 20 de Outubro de 1674 su-
do o Sr. primeiro Ministro e
Senhor Manuel da Silva Varon
cellos, praticando os seus exercícios
espirituais em sua Capela
dos Religiosos da mesma Ordem
até o anno de 1689 que teve co-
meço a edificação da sua Ca-
pella. O Capitulo era em tan-
dicta Substituição do Convento
de Santo Antonio, com Secção por
muitos habitantes da Baya, de
regente e Guardiania do Rev. Frei
Sergio de Santo Antonio; celebra-
do de missa ás sextas feiras e
Rev. Communição aos doentes,
excepto a recepcão do habito
e profissoes que eram feitas na
Capella da Igreja.

Rescindida a Ordem Ter-
ceira e terrenos doados por escri-
ptura passada pelo Tabelião
Manuel Pereira Silva em 24 de
Novembro de 1691 por Defeniti-
va do Ministro prior Santos

Luz e igualmente todos os liturgias
 dos Religiosos Maiores; e assim de re-
 lo e anueta da camola do Minis-
 tro João Luiz de Oliveira, em
 1687, collocaram a pedra fun-
 damental, sendo Provisoria de
 Custodia da Immaculada Con-
 ceição - Frei Eusebio da Esperta
 e o primeiro eleito no Capitulo
 que celebrou-se em 1.6.77 em São de
 Janeiro, e tamar separado da
 Província da Bahia em 22 de
 Janeiro de 1677 pelo Breve o P. Pa-
 dre Clemente X. de 15 de Junho
 de 1675, que começa:

"Pastoralis Officiis" em que se en-
 vada a categoria de Provin-
 cia.

O Padre Mestre Frei Agosti-
 nho da Conceição e o Provincial
 benzeram e celebraram missa
 solenne em 24 de Março de 1687,
 sendo Ministro Gaspar Rodrigues
 Vieira (ou Vranho).

Tem ainda o primitivo
 altar, obra ricamente entalhada,
 da onde não se sabe o que
 melhora apreciar, se o gosto que
 presidiu a construção ou se a
 proximidade do altar que o ex-
 ecutou, destacando-se no alto do
 retábulo de madeira do Oratório.
 Tem por Padroeira N. S. da Conceição,

Também sua imagem existe no nicho principal do altar, tendo do lado do Evangelho em nicho e ao espaço de imagens de Santo Gabriel Pairinho da Lemguia e do lado S. Domingos e Santa Rosa de Viterbo.

O throno do mesmo altar representa o Monte Alverne tendo sido collocado em 14 de Junho de 1741, quando se commemorou o primeiro centenário da Ordem Terceira em Santo, a imagem de Santa Cruzificada, a qual teve a seu pé o Seraphico Patriarcha, recebeu a impressão das chagas sagradas de Nosso Senhor.

O que foi esta Capella

As grandes lateraes eram forradas de aulejo mandada vir de Lisboa em 1726 e collocadas por ordem do Ministro Pedro da Silva Correia, representando, do lado esquerdo:

O Patriarcha S. Francisco em um carro guiado por anjos, precedido dos Santos Filhos da Ordem Terceira.

Do lado direito:

Symbolisava a Immaculada

Commeças de Maria
em um carruagem
pela seguinte procissão
malmeiteiros Santos
Santos do Egreja,
então o Patriarcha
Luther com o grupo
por cima das rodas,
e salvamento do
carro.

O Tecto

Foi dividido em 24 quadros repre-
sentando algumas paragens da vida
do Santo Patriarcha, obra de gosto,
a qual em 1868, foi substituída
por um novo tecto commun.

A Pictoria

Em regular, tendo pentaor no tecto
os Martires da Paiz e do Senhor,
e em cima do capuce um grande
representando o triumpho de Jesus
Christo.

Tem assim o ancripto o
que foi a grandiosidade em ante
a capella do Orden Terceiro ate o
anno de 1868. O ladulho anten-
tico, ja muito entregado em sem pre-
sencia de restauração anapfo-

paragem de mais de um século.
 Da grandeza do parame-
 no trinta e capella cinda
 e conserva apenas, e attor,
 man foz tuor refarmos, seu
 e que sua pracia resista que
 de treis mil e quinhentos.

Em continuacao, refarmos a
 documentacao historica, tendo
 o archivo do Ordem Terceiro, tendo
 com referencia de Velho convento
 de Santo Antonio, desapropriado em
 1860.

Aqui se segue o Convento

Quando a Companhia de Estu-
 da de Terceiro, de Santo Antonio, foi
 apropriada se de convento, e se
 na acta de 25 de outubro de 1860
 a seguinte:

"Omnino Ministro de
 clareza que a presente se trata de
 p.m. foz fazer saber a Ordem que
 a elle se apresentou José Cayden,
 omniunio de Paro de Maria e que
 declarou se retirar a saber
 quanto a Ordem Terceira puten
 a sua capella e mais de mais
 de mais de sua propriedade pa-
 ra a Estação de Estrada de Terceiro
 que seria mais a Ordem, que

se projectava fardar nesta cidade, a brangueira tambem a Ordem Terceira e passava (o Ministro) a ler um discurso amulo sobre a materia de tratado, como de facto fez, com sublimidade e elegancia.

O Senhor procurador propoz que o dito discurso fosse mandado imprimir nos folhos publicos. O mesmo Senhor propoz que fosse tambem inserido na acta da approvacao.

Estando em discussao a materia o Senhor Ministro respondeu que o encargo de de tratar eam esse sobre a desappropriacao dos bens da Ordem declarou-lhe que relativa mente ao convento de Santo Antonio ja estava arrendado com os frades no Rio de Janeiro, por que ja estava rendido! e a renda portanto celebrasse o que entender conveniente.

Fallavam de certo outros sobre a materia, e depois de bem discutida, resolveram por uma majority de votos, que o Senhor Ministro respondesse ao agudo da desappropriacao dos bens da Ordem, que a Capella e mais dependencias, não entrassem no negocio de alguma

respeito.

O Exmo. Ministro ponderou a falta da lei respectiva, deu-lhe as plantas para a tas Estradas serem approvadas por Directo, que até a quella data não coentava a nova medida propuz-se que se levasse uma representação ao Governo assignada pela Ordem e por todos que quizessem fazer pedidos a conservação da Igreja do Convento e de todas as dependencias da propriedade da Ordem Terceira. Foi approvado.

O Exmo. Ministro nomeou membro da redacção da alçada representação o Exmo. procurador João Telles da Silva e Silva.

O Exmo. procurador ponderou que fulgura convenientemente que além da representada representação a Magestade nomeasse uma commissão para, particularmente, tratar com o chefe da Companhia de Estrada de ferro, pedir a remissão da Estação para outro lugar, que não fosse necessariamente na Igreja do Convento e na Ordem Terceira. Approvado.

O Senhor Cesar propoz que se officiasse ao ^{mt.} Rev. Padre Ministro Provincial no Rio de Janeiro extorquando que tenha esse deliberado a honra do Comendador e D. João Grego, sendo-lhe communicado a Ordem de Recesia, que gozava na Grega de Santo Antonio de certo indulto e pro amou se servir.

Depois dos factos mencionados, passou a transcrever o referido parecer, que effectivamente, foi pronunciado com sublimel elocuencia assignado pelo Senhor Ministro de Estado e Escriba Francisco Martens do Santo.

O Discurso-protesto

"... Convidando-os para a presente reuniao fui compellido a este doloroso dever por motivos urgentes e de interesse vital para a nossa Ordem e submeter de a vossa consideracao, que após a necessaria deliberação e maduro exame, resolvi com a prudencia propria para que passassem a cumprir a missão que nos foi assignada, querendo que nos adaptamos por symbolo a cordão do Lira

phico Quere Los Trancidos.

Mum Tuman...
O degredo e indigna
mas de que sou o hóspes
Sede, me fazem talvez exor-
bitar de minhas attribuições
como insignes Ministro des-
ta Veneravel Ordem, me im-
pelleu a' algumas reflexões
em casa Paço! Desculpe-me
porai!

Quando os nossos mais
res, que enculturavam mais da
alma e da virtude, que de-
cifras com numero, e onero-
so sacrificio, procuravam e con-
sequiam fundar este Templo,
mas queriam certamente
que nascia um seculo que
fizesse modesto e modesto
da Torronte era que se afoga,
apolidando o seculo das luzes,
e qual avaria sectaria do ge-
nii destruidor, se supercun-
nha só em lançar um com-
pleto olvido a tanto e tão bel-
la padrinha gloria, com des-
truilas para seus alivios, e
profanando as com impuro
contato e applicação!

Quanta acurácia em
tantas e tão capidos aegumen-
tos de costumes!

E bem doloroso sentir-se o
desprezo em que são postos os
nossos santos dogmas da vir-
gindade e do celibato! Mas a uni-
gloriar existe e por grande
merito a desprezo se despreza
e fazem mais actos os interesses
das pessoas que os nossos canhões!

A Emprego da Estrada
de ferro desta Província quer
chamar a si por compra ou
arrendamento a nossa capella
e seu edificio e d'esta arte con-
verte esta augusta e secular me-
moria em ostentoso armazem
e quinquilhão de luxuosos botiquins
e mil outras futilidades!

Se a Emprego que po-
deria ser só grandiosa e util,
torna-se um instrumento de pro-
fanação estendendo a sua obra
por um semi-tacilegio, approva-
do pela ingratidão dos poucos
frades franciscanos que mediam
tão os fabradores, São Carlos, Gal-
vão e Benedito Alberniz!!!

Então temos que assistir
e revoltar-se as cinzas venerandas
dos nossos avós para sobre elles
depor os corpos da Via Ferrea!

Temos de ver os fragmen-
tos sagrados do nosso Templo
culcaos pelos tanques da industria

apadinhada sob o nome
de civilização e progresso em
memorabo da Santa Religião
que profecturamos e do Imperio
de Santa Cruz!

Ho's, meus irmãos, irmãos,
tendo de lutar na arena com
poderosos athletas; eu lucta tão
desigual, e certa a minha der-
rota. Luctare! que ~~para~~ ~~para~~ ~~para~~
sempre e' bello glorioso e prefe-
rível! e procura' a humanidade
acompanhada e abalada que
a virtude quanto mais rara
mais brilha ostenta, e que os fi-
lhos de S. Francisco ou Santos, fiéis
ao seu preceito de honrar e con-
servar seu tempo e não se
mercaderar e adiltar, não por-
tuando com seus adversarios,
e não enganando os olhos de
adhesão, respeito e culto, que fu-
raram tributos. Oh e se con-
servam firmes no porto de hon-
ra que lhes sempre guardar!

Plecturnos, palmis a palmis,
e armados da arma legal
da piteira appellamos para os
poderes supremos do Estado
e confiamos pouco na justiça
dos homens e muito na pro-
tecção da Nossa Mãe Santissima
e Poderosa!

E no de madrugada saem entao,
 e vão para o serviço, com a
 coragem e o vigor do facto
 sobre o ultimo protesto das victi-
 mas sacrificadas em todo cam-
 po, no altar corrupto do seculo!
 Francisco Martins dos Santos!!

Despendendo assim a Hgre-
 ja de Santo Antonio e tambem
 as suas propriedades, a Ordem
 tornou-se a cada dia mais pobre,
 e a luta, por isso mesmo, do an-
 tes se aprofundou. A Estrada de
 ferro determinava a doze de
 Janeiro a tentativa de retirar
 a imagem de Santo Antonio do altar
 e a imagem de Santo Antonio do
 altar demolida em uma parte da
 parede lateral da sacristia, annu-
 ciando a sequencia da torre.

Sobre esta tentativa de de-
 molir a Hgreja, referem-se as
 noticias que se deram:

Facto Curioso
 Quando estavam tentando
 retirar a imagem de Santo Antonio
 do Altar, não notavam os operarios
 que não havia fôrça humana
 que conseguisse e, depois de tan-
 tos esforços, terminaram desisti-
 do, levantando as courelas do
 chão, que obstruía o caminho
 facto em nova tentativa, termina

desistiram, e deu-se a mesma
 ocasião a ocorrência de um
 homem inglês que era potes-
 tante, pediu os seus pães
 para parte da Cíada. Porém,
 o que não conseguiu por ter
 a mesma cura. Se retirou de
 dentro para fora.
 Esta notícia correu
 logo pela cidade e não demorou
 muito em rebentar.

Um levante do povo
 De imediato - se muita
 gente no lugar do phenomeno,
 todos protestavam em actos bra-
 dos contra a pretensão de passar
 da Estrada, chegaram mesmo
 a haver

Um grande conflito.
 Esse conflito se prolongou
 chegando em toda a linha, tendo
 origem no lugar a imagem de
 Santo Antonio e não mais os
 operários da Estrada. Tocavam
 na fogueira. E isso para porque,
 diz a tradição, tem Santo ao lado
 direito em deus, uma

Paralisação
 que foi preciso dar fim a esta
 obra, como simbolo da repulsa
 aos que quizessem tirá-lo do Altar.

Depois desta occorrença,
myz auctoridade muito o "Arco do
Imperio" entregue a "Fregia de
Santo Antonio" a "Ordem Terceira",
na parva da demolicao eypoi
da demolicao do convento.

Depois do arribo:

"Nº 513 - Imperio - Arco do 7 de No-
vembro de 1861 6ª Legat. Rio
de Janeiro - Ministerio do Im-
perio 7 de Novembro de 1861.

Foi enviada a "Cecilia" do
Negocios do Imperio do Conselho
de Estado sobre o requerimento
em que a "Fregia de Santo Antonio"
da "Ordem Terceira" da "Parva da
cidade de Santo Antonio", pede ao Im-
perio Imperial que lhe seja
entregue a "Fregia de Santo Antonio"
de "Santo Antonio" pertencente
a essa Corporacao, naquelle cida-
de e bem assim os móveis, pa-
rimentos e alfayes, imagens exis-
tentes na mesma "Fregia".

Sua Magestade o Impe-
rador conformando-se por
immediata resolucao de 26
de Outubro proximo findo com
o parecer da referida "Cecilia" e
dado em decreto de 8 do
dito mez.

Ha por bem mandar

authoridade do Sr. Rey. assignar
a mensalidade da Universidade
tanto do mestre como do
trabalho de Iguape e Tanque
que nella se achava com os
competentes adidos de prata,
excluídos porém os paramentos
e alfaytas necessários a outros
convidados, etc. etc."

Este officio é idêntico
ao que foi enviado ao Provincial,
e a Ordem Terceira tomando posse
da Igreja, e recebeu sob inventa-
rio do que existia no templo, em
11 de Junho de 1874, datado do
venituro, que foi assignado por
toda a Mesa Capitular, depois recu-
tidas as firmas pelo Tabelião Joa-
quim Ferraz de Paes e seu 12 de
março mez. Assignou em primei-
ro lugar o Padre Luiz Otton, como
superior, e o Commendado e Commensal
da Ordem nesse tempo.

Devia a Mesa Capitular
ser que fizesse achava a Igreja,
a Ordem Terceira precisava fazer
obras no mesmo, por muito
tempo durou esse reparo, para ali-
tar a Ordem primeira exemplar.
Requerem os Pais Procu-
dor da Capella, para executar
tais obras, com a condição de se

indemnizada pela Ordem Terceira.
Esse requerimento teve despacho fa-
vorável em 14 de Outubro de 1863,
assignado Pinheiro e Prado.

Por muito tempo ainda, a
Ordem Terceira na mediação de
Quarantão, em sustentação a
Igreja, repunha o ornato ne-
cessário para que o templo pu-
desse resistir, chegando mesmo
a substituir as thermas por te-
lhadro por outros novos, fizeram
também a lavagem de todo o Igre-
ja, que era assolhada e fudo a
turvação e podre, eufos por mijos,
em grande quantidade, mas dei-
xando o todo em Orç. (Pae. N.º 8)

Altar de N. S. da Dores

Este altar foi construido pela
Ordem Terceira em 1873 (Pae. N.º 8) e alto
e um do nelle a respectiva imagem
que ainda se conserva, sendo um
das mais perfectas.

Attingido o fim da Ordem
Terceira em lucto constante para a con-
servação da Igreja, agora ante as entran-
has na terceira parte deste trabalho
em referir-se a outro lucto que
muito tempo durou a falta de com-
municar, e cuja causa se vai ler
a seguir.

Ecclesia Independentia
 1822

Falta de commissarios - Esta falta fu se pnia desde o primordio da Independencia do Brazil em 1822, pela natural animosidade entre brasileiros e portuguezes, cujos francezinhos, da cidade mais que fugando Provincia da humilhada Camara, eram sem a terça parte, camposte de portuguezes, ou mesmo se não chegassem a tanto, podia se considerar a metade de brasileiros. Na lei da Provincia, e' claro, onde reinava o verdadeiro espirito de brangella e a disciplina dos claustris, não ha va entre os fides, a menor desintelligencia sobre a grande propaganda que em todo o pais se fazia, para que surgisse, como surgiu em 1822, emm. P. tralix. A perseguição contra os francez portuguezes era constante entre os fides, e por esse motivo, já começavam a ser feitas as operações para o claustris.

Decontão que quando o capitulo elegia para Superior Geral um frade portuguez, as familias não queriam curar de se fides a cidade para se fides, somente para não fides sob o fides de um portuguez. Assim foi em muito tempo, até que a Santa

Se para remediar esse estado de coisas,
resolverem que, em cada tres annos, em
que se reuniam os Capitulos fossem
eleitos alternadamente, uma vez um
frade brasileiro e uma vez um portuguez.

Em parte foi feita a Santa Sé,
que vis appareu ainda alguns
oculos para a carreira de convento,
pois, mais tarde surgiu o re-
gimento de fôrça do facto de camm-
pau e tem mais grãe, pois não
haviam remedio: Luceo referio me a

Macconaria

Esta a guisa em que nos antea
a macconaria, que nesse tempo ainda
tinha fôrça, e a fôrça, de maneira
que, em 19 de Janeiro de 1855, appare-
ceu um "Decreto", assignado pelo Con-
selheiro José Bonney Nabuco de Araujo,
Ministro, prohibindo terminantemente
os Ordens Religiosos, continuarem
com noviciado no Brazil, até com
eventual accordo com a Santa Sé.

Este accordo nunca veio, até
que depois de a Republica, termi-
naram os directores de cursos.

Logo exposto, vimos como se
eram a faltar os frades, que quasi
se extinguiram, e ligam de muitos
a residirem no Cordeiro de Santa
Antonia apenas para: Fui João de

Amor Divino Cristo, a' felleção, e Frei
 Sâo gr de Ficta, este ultimo ain-
 da esta vivo e reside actualmen-
 te no Convento de S. Francisco em Por-
 tugal, ultimo dos sobreviventes de
 tamanha perseguição injusta e
 monica.

As conseqüências sobre-
 ram tambem todas as Ordens
 Terceiras, cujos frades, poucos que
 existiam, não podiam attender aos
 constantes pedidos da Commissão,
 por não terem frades em formação
 com a prohibição de noviciado no
 Brasil.

Não se que a Província da
 Immaculada Conceição, no tempo
 da sua maior pujança, chegou a
 ter em todo o Sul do Brasil mais
 de 700 frades. Serão que no Convento
 de Santo Antonio no Rio de Janeiro,
 chegavam a residir 120 frades, para
 depois, chegar ao anniquilamento com-
 pletos.

Agora, novamente flourec a Pro-
 vincia, e por numerosos estudantes
 fazem noviciado e as Ordens Terceiras
 novamente, retornam a grande
 prosperidade, principalmente a de
 Santo, cujo numero de Terceiros, vai su-
 per excessos para gloria de Deus.

Tercera parte

Plano da Ordem Terceira de
São Francisco da Penitência

Terreno - Tem 19 braças de frente
para a rua da Pósta,
hoje Marquez de Norval
e com 14 braças de fun-
do até as paredes da
sua capella, inclusive
as duas grossuras das paredes
e dos muros.

Capella - Sacristia e Claustro, No-
viciado, etc, está fundada
do outro terreno que ocu-
pa 15 1/2 braças de
comprimento, e 8 1/2 de
largura.

Terreno - Na frente do seu con-
sistão, com frente para
o Largo Monte Alegre,
dividimos com o Qu-
zeir que tem na frente
a Igreja de Santo
Antônio, e da parte
do Sul, com 78 pal-
mos de largura e
170 de compri-
mento.

No terreno vizinho para a
 Rua Marques de Oliveira é
 onde está actualmente os
 armazens de café, pertencen-
 tes a Ordem Terceira e ocu-
 pados por contrato com a
 firma A. Lima & C^a, de Santos.
 Cemitério - Possui a Ordem seu tra-
 zigo no cemitério do Pa-
 queta, seu terreno de 165
 metros de largura por
 161 de comprimento.
 Em 31 de Dezembro de 1928
 foi augmentada o trazigo
 com mais 3 kms. 16², ad-
 quindo por compra da
 Comenda Municipal.
 Sendo conta em archivo, no pacote
 n. 42, documentos em original
 e publicações.
 Possui a Ordem Terceira da B.
 m. Terceira alguns bens actuaes
 bem estimados mais o menor em
 \$ 600,000,00 e mais 22 applica-
 ções de Dinheiro Publico, sendo 81 de
 valor de \$ 1.000,000 e 4 de valor
 de \$ 200,000,00, que foram se-
 nestrados. Essas applicações têm
 origem do tempo do Imperio e
 reformados depois da Re-
 publica, tendo muitos bem qua-
 dados em café forte, e bem
 conservados pelo Syndico.

Considerações

He' o anno de 1856, as pro-
 priedades em Desterro tinham
 um valor irrisorio, pois, a
 Ordem Terceira possuia mais
 de 200 predios em Desterro e to-
 dos reunidos formavam um valor
 em Rs 12:500\$000 naquela
 epocha de mananciaes, que a man-
 da de aluguel, de Rs 25\$000 an-
 nua Desterro (hoje no 15 de Novembro)
 e outros de Rs 10\$000 e 5\$000, man-
 das não chegava para as des-
 piza da Ordem. Assim sendo, fo-
 ram vendidos os seus bens com an-
 ticipação do fisco de Desterro. Tudo se
 legalmente feito, conforme disposto
 entre outros, um em 21 de Junho
 de 1858, e recommendado de
 mesmo fisco em cartellas de actas.
 Para se equilibrar o valor
 que teriam hoje esses bens, tornamos
 por base os preços actuaes e chega-
 se a conclusão de estimar-se
 em 40:000:000\$000, se ainda
 hoje existissem.
 Pertam de mais bens a apro-
 prios fisco de Desterro, que foram adqui-
 ridos com a venda do predio
 agora de terminação. Por os
 preços naquella tempo.

Homenagem Perpetua Memória

Frei Luis de Santa Ambrozio - pri-
meiro commissario em 1641.

Manoel da Silva Varanellas, primeiro
Ministro em 1641.

Frei Eusebio da Espectação, Provin-
cial do Mosteiro da Encarnação
Lombardes, primeiro eleito no capi-
tulo em 1677.

José Carlos de Oliveira, Ministro quan-
do o Ordeão adquiriu o terreno com a
escola estabelecida no Ordeão,
em 1689.

José dos Santos Luz, Ministro quando
o Ordeão adquiriu o terreno com a
escola do Ministro José Carlos de
Oliveira em 1691.

Frei Agostinho da Conceição, que
com Frei Eusebio da Espectação,
buyrao e celebraram missa no
capella (4ª missa) em 24 de Mayo
de 1691.

José Rodriguez Vieira (de Vianna), Mi-
nistro quando celebrou-se a 1ª missa

na capota em 1696 com grande
promp e repleta de frutos e fecis.

João Baptista da Silva, procurador,
que solidificou os bens do Graú,
dos quaes muitos ainda hoje
passam, regerem-se em "Inven-
tario e Inventamento", que foi jul-
gado pelo juiz em 11 de Dezembro
de 1856.

Situação actual

Depois do trilhamento da
Ordem Primeira em Portugal com
relação à Igreja de São Antonio,
principaes mente durante 51 an-
nos que foi quanto durou a
administração, resultou com
lucro em 1722, uma

Cryptura Publica

A Ordem Primeira fez entrega
da Igreja ao Excm. Sr. Bispo de
S. Paulo, conseguindo assim a vinda
dos Padres para residirem nella e
consequente criação da Parochia
de Vallongo.

Resulta da mesma cryptu-
ra ter a Ordem Primeira gado;

Rs 131.000\$000 mais ou menos em
recurso na Igreja; e
mais: Resulta que,

Rs 68.000\$000 a Ordem tem que
retrahir da parte da
Ordem Primeira, no
caso de desapropria-
ção ou venda, isto
no caso de transac-
ção em dinheiros.
No caso do negocio
ser feito com a can-

dicar-se em paga
 niente a parte interestes
 sua da construção novo
 Grupo para o' Ordem 1.^a
 e Ordem 3.^a, nem e non
 tem caso a Ordem Terceira
 tem que estar presente, sem
 o que a escritura não
 poderá ser lavrada.
 (Cláusula do Contracto)

Este contracto simiente foi feito
 com relação a Grupo de Santo An-
 tônio, sua parte em que se re-
 fere a venda ou desapropri-
 ção, nada, tamquam ver e con-
 ta propriedade da Ordem Tercei-
 ra, que ficam juntos a dita
 Grupo. Que após de uma e
 ventual desapropriação do grupo,
 ou de venda e' que a Ordem
 tem que se retirar. Se a des-
 propriação ou venda não atingir
 suas propriedades, a Ordem Terceira
 continuará no mesmo lugar em
 sua capella, e mais de per-
 derão que nada tem a
 ver com o Grupo, receitando em
 tal os 68 pontos mencionados.
 A parte da Ordem Ter-
 ceira em caso de aporrecos singu-
 lada, está avaliada em quatro
 mil e oitocentos reis, com tenden-
 cia para se elevado a mais.

S. Pontificis P. XII. e a Circum
Tercina de Penitencia.

Medalha de N. P. da Conceição,
concedida, conforme Breve do
Nunciatura Apostólica em 1861.

"Nós Marianus Farcinelli Antoniaci,
Ordinis S. Benedicti Congregationis
Casinensis, Archiepiscopus Athenarum,
Pontificis S. S. assistens, in Impe-
rio Brasiliensi Internuntius Legatus
Extraordinarius, Sanctae Sedis, etc., etc.,
Dilectis in Christo Filiis, Con-
fratribus Ordinis Tertii de Penitencia,
Civitatibus de Sancta, Paulopolitana Diocesis,
salutem in Domino sempiternam.

Supplicam exhibito libello petitis-
se Nobis, filii dilectissimi facultatem de-
recendi in actibus sollemnibus, et sacris
functionibus vestrae Sodalitatis collo-
suspensum cum fasciula sacrali
argentum stigma, in quo sacra
effigies Beatae Mariae Virginis Imma-
culatae Conceptione inculpsita sit,
ut non solum exteriorum cultum Im-
maculatae Peiparae inclitae Protestationi
vestrae exhibitis in nobis, quod
declarati dogmatis eisdem Con-
ceptionis ab labe originale ino-
muniis suavissimam exeret me-
moriam. Summoque votum, quod
inter tot tantumque scandala,

quae magno animi motu colari
in Ecclesia Dei videre cogimus pio-
rum Christianorum societates existant
quae sub eisdem legibus Deum
in Beata Maria semper Virgine
glorificari cupientes, non ina-
nibus verbis, sed salutaribus ope-
ribus Religionem Catholicam in
qua nati sunt, publice profiteri
non erubescunt. Et cum ex al-
bat documentis certo sciamus, eos
dignos esse, qui singulare be-
nignitatis nostrae testimonium
recipiant, libenter supplicationibus
vestris annuere constituimus.

Quare Auctoritate, qua
praedit sumus suffulti, necnon
omnibus conveniunt et poenis ecclesi-
asticis, si quas forte incurrunt ad
praesentium Librariam tatum ef-
fectum consequendum adhaerentes
et absolutos fore consentes, vobis
facultatem concedimus ferendis
in actibus, et functionibus solem-
nibus vestrae sodalitates collo-
suspensum cum Fasciula coeru-
lea argentum stigmata, in quo
insculpta sit sacra effigies
Beatae Mariae Virginis absque
labe originali conceptae, ita vero
tamen est non ad vanitatem
et pompam colendam sed ad
devotionem magis magisque

anquidam involuat, sonatis de
reliquis quae super his de pure
servanda sunt. Contrarius qui
turguerunt minime abstantibus?

(Sequem se ad assignationem
eire gestus respectum) Machin de Cham
facile 11^{da}

Considerações

Como saheo Pio IX foi que pte
clausura do gmn (da Immaculada
Conceição em 1854), e, em medalha
concedida conforme Breve trans-
cripto, foi em comemoração e me-
dalha e também por sua ter-
ceira edição da sua estadia em
Lisboa no anno de 1823, conforme
vimos na Historia da Igreja de Santo
Antônio. Essa medalha de prata
a Gracia Trevis de a pendente ao per-
co, na dita aquelle, nos actos solen-
nes do monte, tuos de a con-
correnção Breve, com conceplacito
Imperial de 27 de Abril de 1861

O Ordem Terceira do Terceiro
 não possui ainda outros Pre-
 ces em seu archivo (papel N.º 8),
 tendo um muito importante quan-
 do Santo ainda não possuía
 communhão fácil com o Pto
 de Janeiro, isto em 1748, quando
 foi diuina entre o Provincial no
 Pto não quis nomear communal,
 tendo a Ordem Terceira recorrido di-
 rectamente a Roma, e que fo-
 rneida em audiência do Santo Pa-
 dre concedida ao Terceiro da Sagra
 da Congregação dos Bispos em 17
 de Junho de 1748, tendo seu Santida-
 de comento em submeter ao pa-
 pto do Nuncio Apostolico de Lisboa,
 pelo que foi expedido um decreto ao
 Geral do Franciscanos na Espanha,
 que por sua vez se communicou
 com o Provincial no Pto de Janeiro
 para attender a Ordem Terceira em
 sua pediação.

Ha ainda entre Pto e o
 anno 1728, sobre precedencia da
 Ordem Terceira em todos os pontos da
 Igreja, que tem longa reseruaça
 pto os seus Statutos e Regulas
 e obediencia em todo o mundo, sob
 pena de excommunição de quem
 curar contraria a Constitução do
 Papa Benedicto III.º - Paterna Sedes.

SANTA IRENE 1870

Câmara Municipal

Vereadores: Presidente, Sr. Francisco
Waldemar da Silva Kochran
Sr. Manoel Antonio Ferreira
da Silva, R. 1.
Alfredo José Carneiro da Silva
Rocha, R. 2.
Capitão Joaquim José
dos Santos Cruz,
Francisco de Paulo Goulart
José Carneiro da Silva Rosa
Vincente Carmo Candia
Ammunício Dias e Albu-
querque, R. 5.
Capitão Virmino Ma-
rini.

Sr. Joaquim da Rocha Leite
Secretário

Capitão Manoel Joaquim da Silveira
Rocha, R. 3.

Vincente Joaquim Clemente da Silva
Ferreira, R. 4.

Martinho Supercio Santos
Porteiro e Apudante do Fiscal
Joaquim Garcia de Sant'Anna
Arriago, R. 6.

Homem Antão de Aguiar

Quaresma Barbosa
Evaristo de Freitas Neves

Naccimador
 Sr. Moyses Rodriguez de Saiz Costa
 Matadouro
 Eucanigro; o guarda urbano tranzi
 de Freitas Nobis
 Bombeiros para extingir de incendios
 Eucanigro; o tranzi tranzi tranzi
 Iluminacao Publica
 Contratacao: J. J. Marti
 Affricos
 Uoanina Pame
 Comiteu Publico
 Administracao: com os nomes nome
 pela Camara
 Gicento: Comiteu de Santos os Santos
 Tranzi para covios
 Guarda dos Cofres
 Tranzi Camara de Santos

Administracao da Justica

Juiz de Direito: Sr. Cactan de Saiz Costa
 Porto, moço fideles, com execucao

Juiz Municipal, e apohado do com
 munes e Providencia: Sr. Francisco
 Rodriguez Soares

Supplementos

1. Locame Antonio de Saiz Costa, R. 7.
2. Joze Antonio de Saiz Costa (Capito)
3. Joze Baptista de Saiz Costa
4. Joze Camara de Saiz Costa

- 5 Sr. Juan Antonio de Magalhães Castro Sobrinho
6 Roberto Maria de Aguiar Marques

Promotor Publico
Sr. Luis Ernesto Pereira

Deputados Provinciales
1º Districto

Sr. Francisco Ribeiro de Escobar
Sr. Ignacio Magalhães de Sousa Costimane
Sr. Joaquim Lages Soares
Padre José Vicente Valladao
Sr. José Antonio de Macachais Castro Sobrinho
Sr. Rodrigo Augusto de Silva
Sr. Antonio Ribeiro de Aguiar Faria
Sr. Manoel Ferreira Pereira Jorge
Sr. Francisco Antonio de Sousa
Sr. José Mendes de Almeida
Sr. Joaquim Fernandes de Barros
Tenente Coronel Leôncio Jorge Guimarães

Advogados
Sr. Alexandre Thomaz Martins Proença
Sr. José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho
Sr. Joaquim Roberto de Aguiar Marques Faria
Sr. Luis Ernesto Pereira

Solicitadores
Joaquim de Silva Oliveira
Pacífico Fernandes Vieira
Antonio Joaquim de Oliveira Curata
Bernardo Clementino Rebelo

Officinas de Justiça
 Francisco José de Almeida
 Vicente de Almeida Rodrigues

Polícia
 Delegado: Francisco Rodrigues Soares
Supplentes
 1 Sr. José de Almeida da Silva Barbosa
 2 Sr. José Antonio da Magalhães Castro Salgueiro
 3 Capitão de Polícia de Santa Cruz, ex officio
 4 Manoel Manoel Augusto
 5 José de Almeida e Silva
 6 José de Almeida e Silva

Exercícios
 Joaquim de Almeida e Silva
Subdelegados
 Francisco de Almeida e Silva
Supplentes
 1 Joaquim de Almeida e Silva
 2 José de Almeida e Silva
 3 José de Almeida e Silva
 4 José de Almeida e Silva
 5 José de Almeida e Silva
 6 José de Almeida e Silva

Exercícios
 Antonio de Almeida e Silva

Inspectorado de Curatores

- 1º Joaquim Garcia de Sant Anna
- 2º José Francisco de Sant Anna
- 3º Francisco José de Sant Anna
- 4º José Baptista de Silva e Sousa
- 5º José Francisco de Sant Anna
- 6º Ramalho José de Sant Anna
- 7º Antonio de Sant Anna
- 8º Manuel Evaristo de Sant Anna
- 9º José Joaquim de Sant Anna
- 10º Antonio de Sant Anna
- 11º Francisco de Sant Anna
- 12º Alvaro José de Sant Anna
- 13º Francisco de Sant Anna
- 14º Antonio de Sant Anna
- 15º Antonio de Sant Anna
- 16º Antonio de Sant Anna
- 17º Manuel de Sant Anna
- 18º Joaquim de Sant Anna
- 19º Antonio de Sant Anna
- 20º Antonio de Sant Anna
- 21º Carlos Francisco de Sant Anna
- 22º
- 23º Antonio de Sant Anna
- 24º Antonio de Sant Anna
- 25º Antonio de Sant Anna
- 26º Antonio de Sant Anna
- 27º Antonio de Sant Anna
- 28º Antonio de Sant Anna
- 29º Antonio de Sant Anna
- 30º Antonio de Sant Anna
- 31º Antonio de Sant Anna
- 32º Antonio de Sant Anna

Carceiro da Cadeia
 Antonio Joaquin de Oliveira Nazareth

Intendencia exterior da Secretaria
da Policia da Provincia, encar-
regado das visitas do porto;
 Ricardo Henrique da Rocha Lima,
 Medalla da campanha naval
 de Rio de Janeiro.

Supremacia de Policia
 Capitao Joaquin Antonio de Santos
 Vincente Joaquin Antonio de Silva

Reparticao Ecclesiastica
 Vigario do Tercio
 Padre Seipiao Antonio Antonio Joaquin,
 examinador synodal do Bispo de

Escritor
 Francisco Antonio de Silva

Parceiro
 Padre Seipiao Antonio Antonio Joaquin,
 Vigario da Cadeia
 Padre Manuel Manoel Vieira da Rosa,
 Coadjutor

Intendente
 Manuel Athanagio de Moraes

Fabrica
 Antonio Antonio de Santos

Alencar

Padre Mestre Joaquim José de São Ildefonso
 Padre Luis Manoel Silva
 Padre Manuel Maciel Vieira da Cruz
 Padre Scipião Vieira Paulist Jeanguera

Alfândega, que antes era
 apenas uma
 Estação de Re-
 colheita, foi
 criada por Provi-
 sa de 20 de Feve-
 reiro de 1720, com
 as mesmas attas
 Cuições, que a
 do Rio de Janeiro

Inspector: Sr. João Agnôncio Silveira
 de Motta.

Primeiro Escripturario: Tenente Antonio
 Justino de Jesus
 Capitão Joaquim
 de Silva Oliveira

Segundo Escripturario: Capitão José
 Joaquim da
 Silva Cyprina
 no taboas

Tercio Escripturario: Sr. Theodorico
 Dias, Laureado
 Sr. Mathias Barro,

Capitão Antônio Augusto Pontes
Quarto Escrivão: Joaquim do Santos

Alves da Silva, Mo-
niz de Jesus Santos.

Officiais de Inaugura: Joaquim Curia
João Santos, Manuel
Joaquim da Silva
Antônio José da
Silva Santos Junior
e um lugar certo.

Officiais de Inaugura
Seynosmmentarii: João Alves da Silva, Alfe-
res José Martins do
Santos Silva, Tenente
Joaquim Luiz Pereira

Presença: Major Antônio Eustáquio
Luzgachia.

Primeiro Sacerdote: Tenente João Baptista
de Lima, Capetão
André Lima de Aguiar
e Maquim.

Segundo Sacerdotes: Virancie do Espírito
e Silva, João Carlos
da Costa Aguiar.

Intervenção e Administração das Capatações:
Tenente Antônio Ramires Enxidão
Correio

Victorino Post de Souza
Ficis de Amozens
Gabriel da Silva Oliveira e José Gabriel
Venteira da Silva

Adjudicados

Assistente do Inspector
João Maria da Silva

Guarda Pro'i

Major Rodolpho José de Albi,
Espositor da Camara Juizo (de Paranaquá)

Administradora da Capatazia

Manuel Pereira

Sec. de Camara

Antonio Mariano de Aguiar Marquês

Inducta Juiz mantor

Dr. Guilherme Filipe

Desembargador

José Francisco de Aguiar

Commissário do Juiz

Commandante: Cabo Antonio José de
Guarda; Honora José Fernandes, Jo-
quim Mariano da Silva
Junior, Tiburtio José de
Aguiar e Souza, José Qu-
intal de Oliveira.

Capatazia

Mandados: Antonio Manoel de Andra-
de, Comissário José de
Lima.

Conferentes: Jos. Maria de Sampaio,
Joaquim Marinho de
Bastos, Manoel Junior.

Arrematadores: Jos. Bento de Almeida,
Jos. Carlos de Jesus,
Manoel Rodrigues de
Santo Antonio, Bento Ge-
raldo de Oliveira.

Contratadores: Cristovão Junior
Expirante.

Espectantes: J. J. J. J.

Capitais: Joaquim de Sampaio, Jos.
Carlos de Silva, Jos. Honorio
Lima, Jos. da Silva, Ribeiro,
Francisco Xavier da Silva
Junior.

Adidos: Henrique Pedro de Oliveira

Quadrantes: - Benedicto Mathias de Silva,
Jos. Maria de Sampaio, Ca-
los Maria de Sampaio.

Patroes: Encalca de Andrade,
Jacinto de Almeida, Teo. Fernandes.

Conservadores do Commercio

Conservadores: Dr. Jos. Ignacio Almeida Netto,
official Capitao Joaquim da
Silva Oliveira.

Mesa de Rendas da Provença

Administrador: Major Francisco

Escrivão: Major Hygino Botelho

Escrepturario: Pedro José de Moraes

Suplente: José Cândido da Costa

Claviculario: Tenente Guilherme Libe

Guardas: Antonio Freitas da Costa

Carlos Francisco do Nascimento, Tenente José Francisco

do Santos, Francisco Tigue

nor do Santos, Theophilo

de Souza, Francisco

Jomalo Nino

Agente: Benedito Pereira de Sousa

Encargado de passar recibo de mo

tra nas prap. arrecadas nesta cidade;

O Compente da Alfandega

Francis

Agente: Fernando Leite da Fonseca

Medante: Antonio Joaquim Pereira Paranhos

Praticante: Feliciano Narcizo Picado

Carteiro: Antonio Augusto da Silva

e um lugar vago de entrega

por de officio

Dez. de Outubro. Administrador: José

Mourão de Aguiar Magalhães - Escrivão: Fernando

Gomes Mota de Albuquerque

Inspeção de Saída do Porto

Inspector: Sr. Henrique de Lima Moura,
residente Rua Aurora, 18.

Secretário: Capitão Brito de Menezes de
Sousa, Rua Aurora, 190.

Forças do Corpo Policial Permanente destacadas nesta cidade

Comandantes: 1.^o Tenente graduado
Joaquim Maximiano de Brito
Almeida, Cabo Manoel
Pedro Gomes. Soldados, 17.

Comando Militar da Praça

Comandante: Coronel de Eslva Manoel
Manuel Potemburg de Almeida.

Ajudante de Ordens: Alferes honorário de
exercício Antonio Carlos
de Silva.

Armazém de artigos bellicos

Encarregado: Alferes honorário de exercicio An-
tonio Carlos de Silva.

Escritor: Francisco Romão de Freitas

Fortaleza do Barro Branco

Comandante: Major honorário de exercicio
Manuel Antonio de Lima Vieira

Forte Augusto Para France
Leão: Capitão Antonio Martins Fontes

Fortaleza de S. José da Portoga
Comandante: Capitão Manoel do
Espírito Santo Guimarães

Capitania do Porto

criado por Decreto n. 581,

de 11 de Setembro de 1847.

Capitão do Porto: Capitão de Mar e Guerra, ex-tenente
maior José Eduardo de Viana
Amtholt, Br. 3, R. 6, Com. da
Ordem do Rio de Portugal

Secretários: Francisco Xavier de Almeida
Andrade e Souza, fidalgos
carreiros da Casa Imperial

Patrão Mór: José Vieira de Castro, con-
deitado por Sua Magestade
Realíssima com a meda-
lha de prata - Distinção
premi concedida ao mérito,
philantropia e generosidade.

Pharol da Ilha da Moela
fixa: Cor branca

1.^o Pharoleiro: Manuel Francisco Dias

2.^o - Francisco Borges

3.^o - Francisco de Souza

Patras da Lancha de Locomo: Procopio Fernandes
Martins, sem mais
seis remadores.

Companhia de Aprendizagem Maranhense
 criada pelo Decreto

N.º 4122 de 27 de Fe

vereiro de 1868.

Commandante: 1.º Tenente José Carlos
 Pellegrini. R. 5, C.º 3

Official de Fazenda Reformada: 2.º Tenente Mo-
 nte da Silva
 Pedrosa

Médicos: Dr. Alexandre Boerquet,
 Fil.º Antonio Fleury da Silva.

Mestre: 2.º Sargento do corpo de carpentaria,
 José Alves da Fonseca.

Mestre de Armazém: José Thomaz dos Santos
Guardião Extraordinário: Manuel Ant-
 ônio da Silva.

Praticagem do Porto

Praticos da Cidada

José Bento de Almeida Junior

Severino José de Moraes

Severino Justino dos Santos

Francisco José de Almeida

Joaquim Miguel

Joaquim Sereno

Praticos da Barra Grande

Capitão Manoel Antonio do Monte

José Mathias de Oliveira

Apromiano Joaquim da Silva

Benedicto Francisco da Paula

Francisco da Paula e Silva

Joaquim dos Santos Calisto

Luiz da Silva Rodrigues

Agência J. J. da Silva
 Curador da Silva

Estatística 1870

Sociedades Benéficas	3
" Musicas	2
" Canavieiras	3
" Dramaticas	2

Theatro

No Largo da Caracás	1
Pedreiras	4
Oficinas	4
Cartões	2
Cartas Bancarias	2
Escritórios de Escritores	3

Professores

Médicos	5
Dentistas	2
Typographos e impressores	10
Impressores	6
Arquitetos	3
Professores de piano e canto	4
Veterinários	3
Carteiros	2
Professores de musica e instrumentos	7
" " desenho	1
Alfaiates de piano e orgãos	3

Industria, Artes, Officinas, etc.

Annuares	2
Agentes de Casas Comerciaes	2
Depositos de Moedas	1
" " intermediarios de moedas	7
Fabricas de chapeiros	5
" " licas e de sapatos	4
" " carros, trollys, etc.	2
" " cerroja	7
" " cal	4
Ourives	4
Relogeiros	4
Officinas de Alfaiates	3
" " de manicureiros	4
Calpinteiros	12
Alfaiates	13
Simileiros e latoceiros	6
Officinas de ferreiros	4
Contratadores de obras	6
Carreiros	11
Pintores e vidraceiros	6
Barbeiros e sangradores (aplicam ventosas e sanguesugas)	5
Artefices calceantes	1
" calafates	1
Figueiros	1
Sapateiros	9
Tanvarias	6
Crocheteiros	2
Officinas de selheiros	3
Selheiros e coletores	4
Silvicultores	7

Lojas de tamangueira	3
Pharmacia	3
Comentarios homocurpateis	2
Parceiros	3
Anticena	1
Lea Colerud	1
Mackermite	1
Lauras	2
Espingardas	1
Lauras	3
Erneptor	1
Acanques	4
Padarias	5
Cafes, bilhaus, etc	4
<u>Hotes, casas de pastos, botiquens etc</u>	
Hotes	4
Casas de pastos	4
Bancos (Bryone Santista)	1
Crioulos de alugor cavallos	3
" " " carros	4
" " " carruages	8
Expositos de materia para abno	2
Lupa de marmore	1
Pulchre	7
<u>Commercio</u>	
Lojas de fazendas	15
" " ferragens	5
" " sapas feitas	4
Marcates	4
Sinnershos	9
Lupa antiga de escriptura	6
" de louros e vidros	6

Depositos de assucar	3
" " Fumo de tabaco	2
" " Cachaça	5
" " Kerosene	3
" " Furoto	2
Todas as	58
Anuários de e Molhos de patatas	15
" " " " " " " "	32
" " " " " " " "	6
Casas comerciais de café	41
" " " " " " " "	12
Expositores e Impressores	27
Imagens de Sal	27

Ultimas palavras

Caro leitor,

Creio que se tiveres paciência em ler estas antiguidades e chegares até o fim, estarás certo que amas a nossa história e não despresas os cursos antigos, sendo que não se pode acquirir a sala do presente. Quanto a quem faz e o que é, certamente estava em nosso coração e sabíamos, não dar valor ao antigo trabalho, mas bem, ao mesmo tempo, que construiram esta bella e hospitaleira Santos que occupa um lugar de grande destaque na historia Patria, em homenagem aos gloriosos feitos.

Perdão-me, pois, os vícios e lacunos, que não posso evitar pela carencia de tempo. O Autor

Ferites

Indice

1^a parte

Introdução	pag. 5
Santos	" 6-7-8-9 e 10
Demarcação de limites	" 11
Portos e trapiches	" 12
Silhos illeitos	" 13-14 e 15
Igreja Matriz	" 16-17-18-19-20 e 21
N. S. do Monte serrat e sua passagem para o Condição	23-24-25 e 26
Passo da Capela do Monte serrat para Benedictum	" 27 e 28
Mosteiro de S. Bento	" 28 e 29
Igreja Jesus Maria e José	" 30
Campesinha de Jesus	" 31-32 e 33
Collegio de S. Miguel	" 34 e 35
Os Carmelitas - Capela da Praça	" 36-37-38 e 39
Carmos de Santos	" 39 e 40
Ordem Terceira N. S. do Carmo	" 41-42 e 43
Santa Casa de Misericórdia	" 43-44 e 45
Mosteiro de S. Catharina	" 46
Igreja de N. S. do Rosário	" 47-48 e 49
Fortaleza da Bastilha e outras	50 e 51
Archiepifania N. S. da B. Monte e	
Terminação Santa Rosa Jesus ou Passos	" 52
Terminação de S. Benedicto	" 53

2^a parte

Comenda de Santo Antonio	pag. 55-56-57-58-59 60 e 61
Sepultamento no Igreja de Santo Antonio	" 62-63-64-65 66

Exercícios e Invenções de Canções e Fictórias p. 66-67
 Ordem Trece da Penitencia - pg. 68 a 87

3^a parte

Pousa do Cidre Trece da Penitencia " 88 a 91
 homenagem Perpetua Memória
 do Cidre Trece da Penitencia " 92 a 93
 Letreiro actual do Cidre 3^o
 do Penitencia " 94 a 95
~~Alto de 20 milhas de Alto~~
~~do Cidre Trece da Penitencia~~ " 96 a 98
 Limites de 1870. Camada Municipal " 101
 Administração da Justiça " 104 a 106
 Clerigos " 107
 Alfândega " 107 a 109
 Mesa de Pudea Provincial " 111
 Correio " 111
 Inspeção de Saída do Porto " 112
 Corpo de Comandante actual no porto " 112
 Comandante Militar do Porto de
 mizão de Artigos Bellios " 112
 Fortalezas " 112 a 113
 Casa Apreensão de Manobras e Porto
 Tijagem do Porto " 114
 Estatística 1870 " 115 a 119